

A MATEMÁTICA NO ENSINO PRÉ - ESCOLAR

Ana da Silva Carrola

Provas destinadas à obtenção de grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-escolar



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

A MATEMÁTICA NO ENSINO PRÉ-ESCOLAR

Autora: **Ana da Silva Carrola**

Orientador: **Dr.^a Ana Ferreira**

Coorientador: **Doutor Nuno Amado**

Julho de 2013

Agradecimentos

Gostaria de dirigir algumas palavras de agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste relatório final de estágio.

À Dr^a Ana Ferreira, pela partilha dos seus saberes científicos, acompanhamento e disponibilidade para a leitura e crítica nas diversas etapas deste trabalho.

Ao coorientador Doutor Nuno Amado, pela sua disponibilidade e ajuda na realização deste relatório.

À Educadora Isabel Almeida, pelos momentos de reflexão, partilha de saberes, disponibilidade e pelo seu acompanhamento ao longo da prática educativa que desenvolvi.

À assistente operacional Cristina, pela sua disponibilidade, iniciativa, apoio e carinho.

Ao grupo de crianças da sala 4, que me acolheu e participou ativamente em todo este percurso e com o qual aprendi e partilhei saberes.

À minha grande amiga Rita Pinho, pelo companheirismo e amizade incondicional. Pelo seu incansável apoio e disponibilidade que sempre demonstrou no desenvolvimento deste trabalho.

À minha mãe, pela sua presença, encorajamento, incentivo e apoio durante todo este percurso académico, por acreditar e acompanhar sempre este meu sonho, tornado agora, realidade.

Ao Rui, pela sua dedicação, compreensão, paciência e apoio permanente. Pela disponibilidade que sempre demonstrou, pelas horas de escuta intermináveis, pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis, pela compreensão face à minha ausência e, sobretudo, por acreditar neste meu projeto.

À minha prima Joana pela sua ajuda e eficácia na tradução do resumo.

Aos meus amigos e à minha família, que sempre me incentivaram e apoiaram incondicionalmente.

Agradeço igualmente a toda a equipa educativa do Jardim de Infância do Bairro Padre Cruz, que me recebeu e permitiu desenvolver a minha prática pedagógica. A toda a equipa educativa com quem estive, pelo acolhimento, disponibilidade, ajuda, partilha e envolvimento ao longo deste trajeto, assim como à restante comunidade escolar que se mostrou sempre disponível.

.

.

Resumo

O presente relatório intitulado *A matemática na educação pré-escolar insere-se* da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada do curso de Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, e pretende refletir o trabalho desenvolvido ao longo do nosso estágio.

Como método de investigação principal, optámos pela observação, em simultâneo foi realizada uma recolha de informação através de documentação consultada e aplicação de alguns instrumentos. Estes procedimentos permitiram-nos recolher os dados fundamentais para o desenvolvimento de todo este trabalho: caracterizações, perspetivas educacionais, objetivos e intervenção.

A escolha desta temática resultou das fragilidades apresentadas pelo grupo de crianças de 4,5 e 6 anos de idade, da sala 4 do jardim- de- infância do Bairro Padre Cruz, nesta área tendo sido definido como objetivo para a intervenção prioritária o desenvolvimento de competências matemáticas básicas. Tendo sido para isso elaborada uma planificação curricular anual. Durante a nossa prática, procurámos promover experiências específicas de aprendizagem na área da matemática, articulando-as com as outras áreas de conteúdo, valorizando a transversalidade na construção dos saberes das crianças.

Como resultado de todo o trabalho realizado, podemos afirmar que a avaliação final do grupo revelou melhorias significativas na área da matemática e seus domínios assim como foram evidentes os progressos nas outras áreas.

Assim, podemos fazer um balanço positivo sobre o trabalho realizado ao longo da nossa prática pedagógica, uma vez que a grande maioria das atividades planeadas foram realizadas e as competências propostas adquiridas pelas crianças.

Concluímos que durante este percurso demos um contributo para a criação de “condições favoráveis para o sucesso escolar” (Metas de aprendizagem na educação pré-escolar, 2011,s/pág.).

Palavras-Chave: matemática; pré-escolar; competências; prática pedagógica.

Abstract

This report is entitled Mathematics in Preschool Education and is part of Supervised Pedagogical Practices course unit of the Master for “Qualifying for Preschool Education Teaching”. This report scope is the work developed along our traineeship.

An observational method was chosen as the main research methodology, together with data collected from the literature and the application of research instruments. This procedure allowed us to gather the fundamental data for the development of this report: characterization, educational perspectives, goals and intervention.

The report theme was chosen after identifying this subject as a weakness of this group of childrens with 4,5 and 6 years old, in the kindergarden Bairro Padre Cruz therefore the development of basic mathematical capabilities was set as a major priority for intervention. Hereupon, was established an annual planning of the curriculum. During our field work were promoted mathematics learning experiments, while articulating them with other fields of knowledge to enhance interdisciplinarity in the construction of children cognitive capabilities.

As a result of this work, we can affirm that the final evaluation of the group had improved significantly in the field of mathematics, while progress in other fields was also noticeable.

Thus, there is a positive outcome of the work developed during pedagogical practice, as the majority of the planned activities were deployed and the goals were reached, as children acquired the proposed capabilities.

Concluding, we may say that during this path we were able to provide a positive contribution to the creation of “favorable conditions to scholar success” (Metas de aprendizagem na educação pré-escolar, 2011,s/pág.).

Keywords: Mathematics; preschool; skill; pedagogical practices.

Índice geral

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	III
Abstract	V
Índice de gráficos	VIII
Índice de figuras	VIII
Índice de anexos	VIII
1.Introdução	1
2.Contextualização da intervenção	2
2.1.Caraterização do meio envolvente	4
2.2.Caraterização da instituição	5
2.3.Caraterização da sala	6
2.4.Caraterização do grupo	7
3.Perspetivas educacionais e objetivos	8
4.Intervenção	11
4.1.Área de intervenção	11
4.2.Enquadramento teórico da área de intervenção	12
4.3.Prática desenvolvida	18
4.4.Atividades mais significativas em contexto de estágio	25
4.5.Resultados	30
5. Conclusão reflexiva	35
Referências bibliográficas	38
Anexos	41

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Áreas de Conteúdo Trabalhadas	23
---	----

Índice de figuras

Figura 4.1 - Girafa	20
Figura 4.2 – Elefante	20
Figura 4.3 – Crânio	22
Figura 4.4 – Esqueleto	22
Figura 4.5 – Coração	22
Figura 4.6 – Balança/ pesagens	26
Figura 4.7 – Medições	26
Figura 4.8 – Trabalho “Quanto medimos?” e “ Quanto pesamos?”	27
Figura 4.9 – Padrões	27
Figura 4.10 – Conjuntos	28
Figura 4.11 – Tratamento de dados do mapa das presenças mensal	29

Índice de Anexos

Anexo 2. 1- “ Ficha a Escola e o Meio” (adaptada de Estrela,1999)	42
Anexo 2.2 - “Ficha de Estabelecimento Educativo” (manual do DQP,2008)	43
Anexo 2.3 - Projeto Curricular do Jardim de Infância	44
Anexo 2.4 – Regras de Funcionamento do jardim-de-infância	45
Anexo 2.5 – Despacho Conjunto nº 268/97, de 25 de agosto	46
Anexo 2.6 –“ Ficha da Classe” (Estrela,1999)	47
Anexo 2.7 - “Ficha para Avaliação da Organização do Espaço-Materiais no Jardim-de-Infância (Cardona, 2007)	48
Anexo 2.8 - “Guião para Avaliação da Organização do Tempo no Jardim de-Infância (Cardona,2007)	49
Anexo 2.9 - Entrevista às Crianças	50
Anexo 2.10 – Observação Naturalista	51
Anexo 2.11 – Planta da Sala	52

Anexo 2.12 – Relatório Diário de 7 de novembro de 2012	53
Anexo 2.13 - Registo Escrito de Comentários das Crianças	54
Anexo 2.14 – Registo Escrito de Observações	55
Anexo 2.15 – Registo Escrito de Observações	56
Anexo 2.16 – Registo Escrito de Comentários das Crianças e Observações	57
Anexo 2.17 – Registo Fotográfico	58
Anexo 3.18 – Lista de Verificação de Competências	59
Anexo 3.19 – Apresentação dos dados da aplicação inicial da lista de verificação de competências	60
Anexo 3.20 – Relatório Diário de 30 de outubro de 2012	61
Anexo 3.21 – Registo Escrito	62
Anexo 3.22 – Análise e reflexão de 21 de novembro de 2012	63
Anexo 3.23 – Registo Fotográfico	64
Anexo 3.24 – Registo Fotográfico	65
Anexo 3.25 – Relatório Diário de 12 novembro de 2012	66
Anexo 3.26 – Registo escrito	67
Anexo 3.27 - Planificação Curricular Anual	68
Anexo 4.28 – Registo Fotográfico	69
Anexo 4.29 – Registo Escrito da avaliação das crianças sobre as atividades que gostaram mais de realizar ao longo do ano	70
Anexo 4.30 – Registo Fotográfico	71
Anexo 4.31 – Registo Fotográfico	72
Anexo 4.32 – Apresentação dos dados da aplicação final da lista de verificação de competências	73
Anexo 4.33 – Registo Fotográfico	74
Anexo 4.34 – Registo Fotográfico	75
Anexo 4.35 – Lista de verificação de competências da área da matemática	76
Anexo 4.36 – Apresentação dos dados da aplicação no final do ano da lista de verificação de competências da área da matemática	77

1.Introdução

A Prática de Ensino Supervisionada permite-nos aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da Licenciatura em Educação Básica e do Mestrado em Educação Pré-Escolar, mais concretamente, os pedagógicos e didáticos. Assim, esta prática torna-se fundamental e crucial para formação de um Educador de Infância.

Pimenta e Lima (2004) corroboram este aspeto ao afirmarem que o estágio é o ponto fulcral na formação dos educadores e de todos os profissionais de educação, pois é através dele que percebemos os aspetos indispensáveis para a nossa formação na construção da nossa identidade profissional

Hoje em dia, um dos grandes desafios que se coloca aos Educadores de Infância é o de desenvolver uma prática pedagógica que favoreça as crianças na construção da sua identidade e as comece a formar como futuros cidadãos. Foi esta a nossa postura no decorrer de toda a nossa ação, no sentido de irmos construindo o nosso perfil como futuros profissionais de educação.

Este trabalho tem como objetivo mostrar, visível e objetivamente, todo trabalho educativo realizado por nós, enquanto estagiários, na implementação de várias atividades, mais concretamente na área da matemática, pois esta foi a nossa área prioritária de intervenção.

Este relatório visa também transparecer a planificação, a implementação, avaliação e reflexão sobre a atividade pedagógica que decorreu durante praticamente todo o ano letivo, três vezes por semana, no Jardim de Infância do Bairro Padre Cruz, na valência de pré-escolar, numa sala heterogénea (4,5 e 6 anos de idade).

Na implementação das atividades que se inseriam na área da matemática e visto esta ter sido a nossa área de opção mais premente, pretendemos incutir nas crianças aprendizagens relevantes nesta área e que são referidas nas Metas de Aprendizagem na Educação Pré-Escolar (2011).

Este relatório encontra-se disposto em vários capítulos que estão subdivididos em subcapítulos.

No primeiro capítulo, encontra-se a introdução ao presente relatório final de estágio.

No segundo capítulo, procedemos à contextualização da prática pedagógica, caracterizando o meio, a instituição e a sala onde desenvolvemos a nossa ação

educativa, bem como as caracterizações do grupo alvo dessa intervenção. Neste capítulo abordamos também as metodologias utilizadas na elaboração das caracterizações.

As perspectivas educacionais são mencionadas no terceiro capítulo onde tivemos como objetivo realizar uma avaliação do desenvolvimento das crianças do grupo, de modo a fazer um levantamento das potencialidades e fragilidades deste grupo em todas as áreas de conteúdo.

É no capítulo seguinte (capítulo 4) que a nossa intervenção vem discriminada referindo a nossa área de intervenção e enunciando a fundamentação teórica que a susteve; também exemplificamos de modo geral a prática desenvolvida, assim como algumas conceptualizações teóricas que tiveram na sua base.

Por fim, a conclusão reflexiva deste relatório sobre a matemática na educação pré-escolar pode ser vista no capítulo cinco.

No final, apresentamos as referências bibliográficas que foram fundamentais para a realização deste trabalho

2.Contextualização da intervenção

Neste capítulo iremos apresentar as caracterizações do meio, da instituição, da sala e do grupo e, para a sua elaboração, recorreremos, enquanto método de investigação principal, à observação. O que nos permitiu recolher diferentes tipos de informação, de modo rigoroso e objetivo. Segundo Sousa (2009) este tipo de observação designa-se de observação sistematizada e caracteriza-se por ser formal, uma vez que visa a resposta a perguntas específicas. Contudo, foram utilizados outros instrumentos consoante o que pretendíamos caracterizar.

Assim, em relação ao meio, apoiamo-nos na ficha A Escola e o Meio (Estrela, 1999), que foi adaptada tendo em conta os nossos objetivos (Anexo 2.1). Esta foi complementada pela pesquisa documental através do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas do Bairro Padre Cruz.

No caso concreto da instituição, realizou-se uma observação com características que oscilaram entre o informal e o deliberado. Na perspetiva de Sousa (2009), estes tipos de observação conferem-nos por um lado o conhecimento de certas situações e por outro, a observação de determinadas situações concretas. Como instrumento de apoio, recorreu-se à “Ficha de Estabelecimento Educativo”, que se encontra no Manual DQP (2008) (Anexo 2.2) e à investigação documental, que pode ser considerada “um procedimento indireto de pesquisa, reflexivo e sistemático, controlado e crítico, procurando dados, factos, relações ou leis sobre determinado tema, em documentação existente” (Sousa, 2009, p.88). Especificamente neste caso, as nossas fontes documentais foram o Projeto Curricular do jardim-de-infância (Anexo 2.3), as Regras de Funcionamento do Jardim de Infância (Anexo 2.4) e o despacho conjunto nº 268/97, de 25 de agosto (Anexo 2.5).

No caso particular da sala, baseamo-nos nos pressupostos apresentados por Sousa (2009). Tratou-se de duas formas de observação opostas relativamente aos critérios “menos formal” e “mais formal” (p.110). Ou seja, realizamos uma observação natural, com o objetivo de nos inteirarmos do que existia, e uma observação sistematizada, que nos permitia dar resposta a perguntas particulares (Sousa, 2009). Neste último caso, recorreremos aos seguintes instrumentos de trabalho: “Ficha da Classe” de Estrela (1999) (Anexo 2.6), “Ficha para Avaliação da Organização do

Espaço-Materiais no Jardim de Infância” de Cardona, 2007¹ (Anexo 2.7), “Guião para Avaliação da Organização do Tempo no Jardim de Infância” de Cardona, 2007² (Anexo 2.8) e entrevista às crianças (Anexo 2.9).

Por fim, na caracterização do grupo utilizámos como procedimento essencial a observação natural. Na perspetiva de Sousa (2009), a observação pode constituir-se como um modo de apreensão do “que se passa fora e dentro do individuo” (p.108) e reveste-se da grande vantagem de não interferir com a espontaneidade dos comportamentos, atitudes ou acontecimentos.

Em alguns casos que considerámos mais pertinentes, procedeu-se ao registo escrito de determinadas situações observadas, relatando-as pormenorizadamente, fazendo-se inferências e refletindo (Anexo 2.10).

Estas técnicas de recolha de informação e respetivos instrumentos permitiram-nos integrar os vários dados, tendo subjacente uma perspetiva sistémica e ecológica que “assenta no pressuposto que o desenvolvimento humano constituiu um processo dinâmico de relação com o meio, em que o individuo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive” (OCEPE, 1997, p.31).

2.1.Caracterização do meio envolvente

Com este capítulo, pretendemos fazer uma breve compilação das informações relativas ao contexto onde se insere o Jardim-de-infância, com o objetivo de o conhecer de modo mais aprofundado. É sobejamente conhecido que as crianças são influenciadas pelo contexto social em que vivem, logo, o meio onde os estabelecimentos de ensino se localizam exerce uma influência indireta, na sua educação. Ou seja, “ cada criança, como sujeito do processo educativo (...) é influenciada pelo meio em que vive, cabendo à escola partir dos interesses e saberes de cada criança para os ampliar e diversificar, despertando novos interesses e fomentando a curiosidade e desejo de aprender” (OCEPE, 1997, p.100).

¹, ² Estes documentos foram enviados por correio eletrónico pela docente do Seminário de Implicações da Prática Pedagógica I, Mestre Amélia Mestre e integram um artigo de Maria João Cardona no nº 81 dos Cadernos de Educação de Infância da APEI (2007).

O Jardim de Infância do Bairro Padre Cruz localiza-se no concelho de Lisboa, e está inserido na freguesia de Carnide, sendo esta uma das maiores da cidade, em extensão e em população.

A nível sociocultural, verifica-se a existência de baixos índices de escolaridade. Cerca de 44% da população não possui qualquer nível de escolaridade e apenas 1% da mesma tem um curso profissional médio ou superior, aspetos que se refletem na “inserção laboral da população ativa e no seu acesso a empregos qualificados, verificando-se existir um elevado número de pessoas sem ocupação profissional, com baixa médica permanente ou contratada para trabalhos temporários” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas do Bairro Padre Cruz, 2012-2013, p.7).

Como recursos do bairro, destacam-se: a igreja, vários equipamentos desportivos e recreativos, equipamentos culturais e de lazer, equipamentos educativos e equipamentos de apoio a idosos. Contudo, não existem jardins nem parques infantis.

Desta breve caracterização, importa concluir que neste bairro existem várias estruturas e recursos que podem ser utilizados como meios de apoio à intervenção educativa, que poderão facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, devem-se estreitar e fortalecer os laços de relação com a comunidade, incentivando o conhecimento e o aprofundamento sobre a realidade envolvente. Como estratégias a mobilizar podemos referir: parcerias com várias entidades da freguesia, visitas e passeios a locais significativos, intercâmbios entre várias escolas, promoção de atividades desportivas, realização de torneios interescolas, desenvolvimento de atividades intergeracionais, entre outras.

2.2.Caracterização da instituição

Nas Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997), encontramos explicitado que neste nível de ensino o contexto institucional deve constituir-se como um ambiente promotor do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças; ambiente este que inclui diferentes níveis de interação e gestão dos recursos humanos e materiais.

O jardim-de-infância do Bairro Padre Cruz pertence à rede pública de estabelecimentos de Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação e faz parte do Agrupamento Vertical de Escolas do Bairro Padre Cruz.

O espaço exterior que circunda o edifício é vasto, destacando-se: duas áreas de recreio coberto, com telheiros de zinco ondulado; um espaço ajardinado com algumas

árvores; várias estruturas lúdicas fixas, com o pavimento antichoque; e um amplo asfaltado que rodeia todo o edifício do jardim-de-infância.

Relativamente ao espaço interior podem-se distinguir: um espaço polivalente composto por um grande *hall* de entrada (que tem a designação de polivalente, pois é aqui que se fazem todo tipo de atividades impossíveis de realizar dentro das salas); 6 salas de atividades que incluem espaços de arrumação e vestiários; e por último, refeitório e cozinha.

No âmbito dos recursos humanos destacamos o corpo docente, constituído por seis educadoras titulares de sala, uma professora de educação especial e uma educadora com isenção da componente letiva; o corpo não docente é composto por seis assistentes operacionais da Câmara Municipal de Lisboa e o corpo discente que totaliza 130 crianças.

No que concerne ao horário, o jardim-de-infância do Bairro Padre Cruz abre às 8 horas e encerra às 19 horas e 30 minutos. O tempo letivo do pré-escolar é das 9 horas às 12 horas e das 13 horas às 15 horas e 15 minutos.

A hora do almoço está compreendida entre as 12 horas e as 13 horas e 15 minutos e encontra-se a cargo de oito monitores da empresa *Uniself*, dois monitores da Componente de Apoio à Família, das estagiárias nos seus dias de estágio e de duas assistentes operacionais.

As atividades da Componente de Apoio à Família estão a cargo da Junta de Freguesia de Carnide e desenvolvem-se durante o período das atividades letivas (prolongamento da manhã das 8 às 9 horas e prolongamento da tarde das 15 horas e 15 minutos às 19 horas e 30 minutos) e nas interrupções letivas (todo o dia).

2.3.Caraterização da sala

Neste subcapítulo, pretendemos apresentar brevemente a sala de atividades onde decorre a nossa prática de ensino supervisionada, pois a sua organização e utilização devem deixar transparecer as intenções educativas do educador e a dinâmica do grupo. Assim, cabe ao educador refletir frequentemente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e sobre as potencialidades educativas dos materiais que coloca à disposição das crianças (OCEPE, 1997). “A organização do espaço em áreas e a colocação dos materiais são a primeira forma de intervenção do(a) educador(a)” (Formosinho e Andrade, 2011, p.12).

A sala de atividades tem uma dimensão adequada com sensivelmente 50 m²; ao nível das paredes estas encontram-se pintadas com tinta plástica lavável e o chão está revestido de oleado de material plástico (cfr. despacho conjunto nº 268/97, de 25 de agosto) (Anexo 5). A luminosidade da sala é dada através de grandes janelas, e de luz artificial.

Quanto à organização da sala de atividades, importa destacar que nas áreas de atividades livres o material existente é abundante, está bem conservado e acessível a todas as crianças. E encontram-se formalmente delimitadas: a área do tapete, a área dos jogos de mesa, a área da garagem, a área da casinha, a área dos desenhos, recorte e colagem e plasticina, a área da pintura e a área da leitura (Anexo 2.11).

A estrutura do dia é a seguinte: 9.00-9.15 – receção das crianças na sala; 9.15-10.00 – acolhimento e registo das presenças, do tempo e da data e contagem das crianças presentes; 10.00- 10.45 – atividades orientadas/atividades livres; 10.45-11.00 – lanche da manhã; 11.00-11.45 – recreio; 11.45-12.00 – higiene; 12.00-13.15 – almoço e recreio; 13.15-14.00 – hora do conto; 14.00-14.45- atividades orientadas/atividades livres; 14.45-15.00 – lanche da tarde; 15.00 – saída.

A nível dos recursos humanos podem-se enumerar uma educadora com componente letiva das 9.00 às 15.00 horas e uma assistente operacional com horário das 8.00 às 16.00 horas

2.4.Caracterização do grupo

A caraterização do grupo é um dos alicerces da intencionalidade educativa, pois é através do conhecimento individual de cada criança e do grupo como um todo, que o educador adequa a sua prática às necessidades evidenciadas. Tomar como ponto de partida os conhecimentos anteriores das crianças e perceber o contexto sociofamiliar em que se inserem, é fazer da criança um sujeito ativo na construção das suas novas aprendizagens (OCEPE, 1997).

O grupo é composto por 19 crianças, nove raparigas e dez rapazes, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos. Uma das crianças está referenciada ao abrigo do decreto-lei 3/2008, com um atraso de desenvolvimento global.

É um grupo que evidencia interesse e motivação face às atividades propostas e, perante situações novas demonstra ainda maior entusiasmo e empenho (Anexo 2.12,

linha 7-13 e Anexo 2.13). As brincadeiras livres de maior interesse para as crianças são as relacionadas com o faz de conta (área da casinha, da garagem), área da pintura e área dos jogos de mesa (Anexo 2.14).

A nível das rotinas do grupo - marcação de presenças, tempo e calendário – todos os elementos participam espontaneamente, sabendo a grande maioria quando é o seu dia (amigo do dia). Quanto às rotinas que se prendem com a autonomia – ida à casa de banho, vestir/despir, alimentação - a grande parte do grupo realiza-as com independência e sem a ajuda do adulto (Anexo 2.15).

A nível das relações interpessoais, no grupo a grande maioria das crianças relaciona-se de modo adequado e cooperativo (Anexo 2.16 e Anexo 2,17). Salientando-se apenas os seguintes casos: sobressaem dois líderes (um rapaz e uma rapariga de cinco anos); duas crianças estão constantemente em conflito devido a provocações mútuas constantes, uma com a outra; e uma outra é bastante desestabilizadora do grupo, provocando a distração e importunando quem se encontra ao seu redor.

Quanto às interações adulto-criança, estas revelam-se positivas verificando-se da parte do adulto comportamentos que transmitem à criança segurança, apoio e afetividade e que revelam interesse de modo a corresponder às suas necessidades. As crianças evidenciam atitudes de confiança, assim como à vontade para colocar questões e pedir ajuda quando necessário. Perante situações que exigem às crianças assumir a sua responsabilização pessoal por comportamentos menos adequados, as crianças facilmente reconhecem esses comportamentos perante o adulto.

3. Perspetivas educacionais e objetivos

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma abordagem ao desenvolvimento das crianças no meio, na instituição e na sala onde se integram, de modo a definir um campo de ação prioritário. Assim, e mediante a utilização de uma lista de verificação de competências (Anexo 3.18) pretendemos caracterizar o nível desenvolvimental do grupo (Anexo 3.19). Segue-se uma breve caracterização do grupo, salientando as suas fragilidades e potencialidades, estruturada segundo as áreas e domínios propostos pelas Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-escolar (2011). Quanto à área da formação pessoal e social, a maioria das crianças do grupo tinham desenvolvido algumas das competências nos domínios da identidade/autoestima e solidariedade/respeito pela diferença. Eram crianças que, quando estimuladas,

propunham ideias e falavam perante o grupo. Diariamente este aspeto foi-se confirmando nos diálogos de acolhimento da manhã. Por outro lado, relacionavam-se com os adultos com a confiança e respeito esperados para crianças que iniciam o seu percurso escolar. Aceitavam a diferença, sendo respeitadores da diversidade étnica presente na sala, como se pode comprovar pela postura das crianças (Anexo 3.20, linha 15-22). O domínio em que identificamos que existem mais fragilidades em termos de desenvolvimento, foi o da independência/autonomia. Elementos recolhidos através da nossa observação permitiram-nos afirmar que a grande maioria das crianças tinha dificuldade em concluir uma tarefa, assim como em aceitar algumas frustrações e insucessos, levando-os a desistir das atividades (Anexo 3.21).

Relativamente à área das expressões, nomeadamente no domínio da expressão dramática e domínio da dança, não conseguimos recolher dados conclusivos nem consistentes, pois nunca observamos o grupo em atividades intencionais que abarcassem estes domínios. Apenas presenciámos pontualmente situações de recreio, nas quais as crianças dançavam e a brincavam ao faz de conta.

Os domínios das expressões em que o grupo se destacava de modo mais positivo, eram o da expressão musical e da expressão motora. A grande maioria das crianças evidenciava aptidão para cantar de forma expressiva, revelando boa capacidade de memorização e a posse de um vasto repertório musical, e tinham facilidade na exploração de diferentes timbres. Quanto às competências motoras, o grupo apresentava uma razoável coordenação global de movimentos, destacando-se os deslocamentos e equilíbrios, e jogavam jogos de grupo respeitando as regras. (Anexo 3.22, linha 25-30.).

Todavia, verificámos que no domínio da expressão plástica o grupo evidenciava algumas dificuldades, incluindo as crianças mais velhas, que já frequentavam o pré-escolar. Designadamente, na representação da figura humana com pormenores, na ausência de cuidado na apresentação das suas produções, na produção de composições plásticas temáticas e no uso autónomo de diferentes materiais (Anexo 3.23).

No que concerne à área linguagem oral e abordagem à escrita, a maioria das crianças tinham desenvolvido grande parte das competências dos domínios da consciência fonológica e da compreensão de discursos orais e interação verbal. Quanto ao primeiro domínio, o grupo produzia rimas e identificava palavras que rimavam entre si. No segundo domínio, revelava-se bastante atento ao ouvir uma história e descrevia oralmente ações e acontecimentos vivenciados (Anexo 3.24). Ao nível das

competências relacionadas com a escrita, o grupo apresentava dificuldades significativas, designadamente nos domínios do reconhecimento e escrita de palavras e do reconhecimento das convenções gráficas. Mediante as nossas observações, concluímos que estes domínios apenas eram trabalhados na atividade de registo do fim-de-semana à 2ª feira (Anexo 3.25, linha 13-17).

Na área da matemática, o grupo demonstrou grandes dificuldades, sendo uma das áreas em que apresentava um desenvolvimento mais fraco. Relativamente às competências inerentes ao domínio números e operações, a maioria não se encontravam desenvolvidas no grupo. Isto é, eram incapazes de realizar operações simples de adição e/ou subtração, não conheciam nem utilizavam os números ordinais corretamente até cinco, não conseguiam resolver problemas básicos do seu quotidiano, nem sabiam identificar o número total de elementos de um conjunto (Anexo 3.19). Também no domínio geometria e medida, um grande número de crianças não era capaz de empregar noções temporais em contexto, entender noções espaciais e localizar-se no espaço relativamente a um ponto de referência (Anexo 3.19). Ao nível do domínio organização e tratamento de dados, as crianças apenas tinham desenvolvida a competência relacionada com o preenchimento de tabela de dupla entrada, mas por vezes necessitavam da ajuda do adulto. Evidências recolhidas demonstraram-nos que este procedimento não estava bem interiorizado no grupo, apesar de diariamente marcarem a sua presença num quadro (Anexo 3.26, linha 15-23).

No que se refere à área do conhecimento do mundo, a maioria das crianças do grupo apresentava um bom desenvolvimento no domínio relativo à localização no espaço e no tempo: identificava as diferentes áreas de atividades da sala e conheciam a rotina diária do jardim-de-infância. Nos restantes domínios, conhecimento do ambiente natural e social e dinamismo das inter-relações natural-social, apresentam algumas lacunas, como por exemplo: não conseguiam fazer separação do lixo, nem agrupar animais segundo o seu tipo de revestimento e modo de locomoção, e também não reconhecem características e hábitos culturais diferentes dos seus (Anexo 3.19).

No que diz respeito à área das tecnologias de informação e comunicação, não foi possível recolher dados, pois nunca foi observada nem planificada nenhuma atividade que abrangesse esta área (Anexo 3.19).

Do que foi exposto anteriormente, podemos concluir que a área em que o grupo apresentava maiores fragilidades era a área da matemática. Assim, considerámos que os

aspectos prioritários de intervenção deviam ir no sentido da aquisição de competências matemáticas básicas, uma vez que até ao final do ensino pré-escolar as crianças devem “ter realizado as aprendizagens que são fundamentais para a continuidade do seu processo educativo” com sucesso (Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar, 2011, s/pág).

Deste modo, foi elaborada uma planificação curricular anual (Anexo 3.27) que se focou nos domínios da área da matemática como área principal a ser trabalhada. Contudo, foram contempladas de modo transversal todas as outras áreas com o intuito de promover “a construção articulada do saber, numa abordagem integrada e globalizante” de todas as áreas de conteúdo (Metas de Aprendizagem para o Pré Escolar, 2011, s/ pág.; cfr OCEPE, 1997).

Como eixos principais de trabalho definimos diferentes conteúdos matemáticos por os considerarmos basilares, e para cada um elencamos várias competências a adquirir. Destacamos sumariamente: sentido de número (contar de modo sequencial e associar a quantidade ao símbolo gráfico); classificação e conjuntos (agrupar objetos segundo características iguais ou diferentes); seriação e ordenação (utilizar os números ordinais em diferentes contextos); sequências e padrões (reconhecer, reproduzir e explicar); medidas (utilizar instrumentos de medida); noções espaciais; geometria (identificar e reproduzir formas); resolução de problemas; organização e tratamento de dados.

4. Intervenção

4.1. Área de intervenção

Conforme afluído no final do capítulo anterior, o âmbito de intervenção que considerámos como prioritário para trabalhar com este grupo, insere-se na área da matemática. E segundo a organização proposta pelas Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-escolar (2011), subdivide-se em três domínios específicos: números e operações (que inclui 14 metas), geometria e medida (que engloba 11 metas) e organização e tratamento de dados (com quatro metas).

As motivações para trabalhar esta problemática residem em características do próprio grupo e baseiam-se nos seguintes aspetos:

- A evidência, constatada diariamente, de que as crianças apresentavam nítidas dificuldades na realização de atividades de carácter eminentemente matemático: contagem das crianças presentes na sala, escrita do número correspondente de meninos e meninas, soma de ambos e contagem total, comparação em termos de mais/menos comparativamente ao dia anterior, identificação, do dia, do mês e do ano e do dia da semana.

- Os resultados obtidos através da aplicação de uma lista de verificação de competências de todas as áreas de conteúdo, demonstrou que na área da matemática o grupo apresentava grandes debilidades em todos os domínios da matemática (Anexo 3.19).

Aos dois aspetos referidos anteriormente, gostaríamos ainda de acrescentar o facto de que para o próximo ano letivo, onze das dezanove crianças do grupo devem transitar para o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico. Como tal, parece-nos ainda mais premente a intervenção nesta área.

4.2.enquadramento teórico da área de intervenção

A aquisição de conhecimentos matemáticos desde o ensino pré-escolar é fundamental e tem reflexos nas aprendizagens futuras neste domínio (Barros e Palhares, 1997). Serrazina (2008, cit por Mendes e Delgado, 2008) defende que para isso é fulcral o papel do educador “no modo como as crianças vão construindo a sua relação com a matemática” (p.7). Os vários domínios inerentes a esta disciplina, tais como números e contagens, operações lógicas, geometria e medida podem ser trabalhados pelos educadores de infância nas suas práticas diárias, pois estas incorporam varias hipóteses a nível da aprendizagem da matemática. (OCEPE, 1997).

Neste nível de ensino, o fundamental é utilizar um modo informal de abordagem a esta disciplina, realçando a sua finalidade na vida diária das crianças no jardim-de-infância, permitindo que as várias noções sejam interiorizadas de forma natural, mediante as experiências quotidianas (Serrazina, 2008 cit. por Mendes e Delgado, 2008; Cerquetti-Aberkane e Berdonneau, 2001). Contudo, Barber (2004) salienta que o educador deve distinguir a linguagem do dia-a-dia da linguagem matemática, familiarizando a criança com a terminologia matemática adequada; tal como: «o maior», «a metade», «gramas», «mais do que», «redondo», entre outras.

Gostaríamos de realçar a opinião de Campbell e Dickinson (2000), que afirmam que um bom desenvolvimento da inteligência lógico-matemática nas crianças tem implicações muito específicas. Tais como, o desenvolvimento da capacidade de reconhecer os objetos e a sua função no meio; a aquisição de conceitos de quantidade, de tempo e de causalidade; a possibilidade de usar símbolos abstratos para representar objetos e conceitos concretos; a habilidade na resolução de problemas lógicos; a possibilidade de experiências de reconhecimento de padrões e relacionamentos; e oportunidade para a implementação do método científico.

De seguida vamos abordar alguns conceitos da matemática que, por uma questão de organização, aparecerão separadamente. Contudo, muitos deles são interdependentes e relacionam-se entre si, sendo a separação por nós apresentada um pouco artificial, tendo apenas como objetivo a sistematização da informação.

Número

A nível do pré-escolar, o «número» implica vários conceitos fundamentais, dos quais destacamos como mais relevantes para o presente trabalho: o sentido de número, a sequência dos símbolos verbais dos números e a contagem numérica. Iremos de seguida abordá-los de modo sucinto.

Segundo as OCEPE (1997), as crianças em idade pré-escolar vão construindo o sentido de número através da variação existente ao nível da classificação (correspondências em hierarquia) e seriação dos objetos (correspondências em série). O sentido do número cardinal, o mais trabalhado neste nível de ensino, implica que a criança tenha consciência da inclusão hierárquica. Ou seja, o entendimento de que o último número que enuncia inclui sempre os números precedentes (Kamii, 2004). Assim, a criança pode verbalizar a sequência de números de forma ascendente; contudo, isto não implica que ela tenha adquirido a noção de número cardinal, pois o conceito de inclusão hierárquica pode não estar interiorizado (Barros e Palhares, 1993; Brissiaud, 1989).

Quando nos referimos ao conceito de sequência dos símbolos verbais dos números, remetemos para o frequente processo de verbalização “1, 2, 3,...” - reprodução oral - muitas vezes adquirida socialmente (Barros e Palhares, 1997). Esta verbalização dos números de modo sequencial apresenta características específicas, como as enunciadas por Bergeron e Herscovics (1993, cit. por Barros e Palhares, 1997,

p. 56): é uma sequência ascendente, em que as palavras estão ligadas entre si num todo diferenciado; as palavras tornam-se separáveis numa sequência contínua ascendente, mas só pode ser reproduzida começando no princípio; partes da sequência podem ser reproduzidas começando num ponto arbitrário, não necessariamente o “um”; as palavras podem ser reproduzidas facilmente e de forma flexível no sentido ascendente ou descendente; podem formar-se subsequências, tal como a sequência dos números pares ou ímpares.

A temática da contagem numérica foi estudada por Gelman (1983 cit. por Barber, 2004), que demonstrou a estreita relação existente entre o processo de contagem e o conhecimento que as crianças têm do número. No mesmo sentido vai a opinião de Maclellan (1997 cit. por Barber, 2004, p.56), que afirma que “restam poucas dúvidas de que a compreensão que a criança possui do número se baseia na contagem”. Barros e Palhares (1997) esclarecem que o procedimento de contar é uma correspondência biunívoca entre os objetos que se contam e a sequência verbal dos números. Assim, “contar acaba por ser uma dupla correspondência termo a termo, entre as palavras da sequência e, por exemplo, o ato de apontar e entre o ato de apontar e os objetos ” (p.57).

Para terminar, gostaríamos de apresentar a perspectiva de Barber (2004) que assegura que o processo de compreensão do número é fundamental para processos de maior complexidade, como o pensamento abstrato, a resolução de problemas, a descoberta de padrões, entre outros.

Operações lógico-matemáticas

Desde a etapa do pré-escolar que é possível fazer-se uma iniciação às operações lógico-matemáticas. Todavia, apesar de implicarem um vasto domínio, iremos dar ênfase às que consideramos mais adequadas para este trabalho: conjuntos e classificação, seriação e ordenação e a resolução de problemas. Seguidamente, iremos abordá-los de modo conciso.

Barros e Palhares (1997) definem conjunto como “uma colecção de objectos, de entes matemáticos ou não”(p.19). A noção de conjunto está presente no dia-a-dia, o que faculta às crianças a oportunidade para assimilar e incutir na sua estrutura mental o facto de existirem elementos que, por terem determinadas características em comum, formam um grupo (OCEPE, 1997). Assim, o pilar para a formação de conjuntos é o processo de

classificação. Classificar objetos é agrupá-los tendo em conta determinado(s) critério(s) (forma, cor, textura, entre outros), através do reconhecimento das semelhanças e verificação de diferenças, o que possibilita distinguir o que pertence a um grupo e não a outro (Kamii, 2004; OCEPE, 1997).

Conforme a perspectiva de Barros e Palhares (1997) “seriar objectos é dispô-los, atendendo a uma qualidade em relação à qual se pode estabelecer maior ou menor efectividade dessa qualidade, segundo uma ordem sempre ascendente (ou sempre descendente) da existência dessa qualidade” (p. 28). Deste modo, seriar e ordenar dizem respeito ao reconhecimento de propriedades que conduzam a uma classificação de forma ordenada de gradações que se relaciona com as diferentes características dos objetos, como por exemplo: tamanho (grande, pequeno); altura (alto, baixo); espessura (grosso, fino); cor; duração (muito, pouco), intensidade som (forte, fraco), etc. (Barros e Palhares, 1997; OCEPE, 1997).

A resolução de problemas remete para situações em que a criança é confrontada com questões que não são de resposta pronta, mas que levam a refletir no «como» e no «porquê» (OCEPE, 1997). Assim, a noção de problema tem inerente a presença de um obstáculo, sendo que o cerne está na reflexão sobre a forma de ultrapassar esse obstáculo. As crianças em idade pré-escolar utilizam como estratégia mais frequente para a resolução de problemas a tentativa-erro; contudo, o educador deve encorajar sempre que possível a utilização da dedução lógica. Importa reforçar que o foco da resolução de um problema não se encontra na resposta encontrada, mas sim no próprio processo de resolução, assim como no esforço que se faz para o resolver (Barros e Palhares, 1997).

Noções espaço temporais

Nas noções de orientação espacial, dizem respeito a conceitos que se relacionam com a posição relativa dos objetos, tais como «em cima», «em baixo», «em cima de», «de baixo de», «para cima», «para baixo», entre outros. As crianças adquirem este tipo de noções através das suas posições e deslocamentos no espaço e também ao manipularem os objetos que ocupam um determinado espaço (OCEPE, 1997). Smole (1996 cit. por Maia, 2008) conclui que as crianças constroem a noção de espaço de forma gradual, percorrendo “um caminho que se inicia na percepção de si mesma, passa

pela percepção dela no mundo e no espaço ao seu redor para, então, chegar ao espaço representado em forma de mapas, croquis, maquetes, representações planas e outras (p.79).

As noções temporais, surgem na criança através da sucessão de acontecimentos que decorrem ao longo do seu dia, nomeadamente através das rotinas, e encontram-se em referentes como: «dia/noite», «acordar/dormir», as estações do ano, «hoje/amanhã/ontem», entre outros (OCEPE, 1997). “O conceito de tempo das crianças do jardim-de-infância e dos primeiros anos de escolaridade é muitíssimo subjetivo e profundamente marcado pelas suas emoções e desejos. Assim, um período de tempo poderá parecer longo ou curto, consoante a atividade que a criança está a desenvolver e o seu envolvimento nessa atividade (...) Há neste caso uma relatividade temporal” (Barros e Palhares, 1997, p. 96).

Noções de padrões, regularidades e sequências

A matemática é baseada em padrões, no entanto, os padrões existem numa variedade de situações e realidades, tais como: parede de azulejos, chão de tacos, colmeia, rede de uma baliza, organização das vinhas, átomos de uma molécula, caixa de ovos, meses do ano, dias da semana, entre outros (Campbell, Campbell e Dickinson, 2000). Designam-se padrões as “sequências que têm regras lógicas subjacentes” (OCEPE, 1997, p.74) e podem ser de dois tipos: repetitivos (ex. dias da semana, meses do ano, estações do ano, as horas, entre outros) ou não repetitivos (ex. idades, anos civis, números naturais, a régua dos números, entre outros), (Campbell, Campbell e Dickinson, 2000; Barros e Palhares, 1997; OCEPE, 1997).

As atividades com regularidades e padrões no pré-escolar incrementam competências, tais como: (a) compreender de modo global o número e as operações; (b) interpretar matematicamente fenómenos do mundo real; (c) explorar problemas em geometria; (d) desenvolver intuitivamente a noção de relação funcional; (e) perceber os padrões e as relações como uma estratégia para a resolução de problemas; (f) organizar do pensamento (Barros e Palhares, 1997).

Neste último capítulo, gostávamos de abordar outras noções matemáticas, dando destaque às que pensamos mais pertinentes no âmbito deste trabalho: medições, tratamento de dados e geometria. De seguida, iremos referi-los de modo breve.

Campbell, Campbell e Dickinson (2000) apresentam o “tamanho, a forma, o peso, a medida de líquido, a distância, a velocidade ou movimento, a temperatura e o tempo, como algumas das maneiras pelas quais medimos ou quantificamos o mundo que nos cerca” (p. 55). Para fazer medições, é necessário estabelecer um instrumento de referência que se vai constituir como a unidade de comparação (Brissiaud, 1989; Cerquetti-Aberkane e Berdonneau, 2001). Segundo Campbell, Campbell e Dickinson, (2000), é aconselhável registar as medições numa tabela de modo a facilitar a comparação das informações recolhidas.

No domínio do tratamento de dados, os gráficos promovem a compreensão de qualquer tipo de informação que se quer transmitir. Em jardim-de-infância, a maioria dos gráficos reportam-se para simples mapas de frequências que facilmente podem ser elaborados pelos alunos, sendo os mais utilizados os gráficos em barra que permitem a comparação dos comprimentos ou tamanhos das barras. São os mais fáceis de entender e produzir pelas crianças, como por exemplo: gráfico do tempo, das presenças, das atividades realizadas durante a semana (Campbell, Campbell e Dickinson, 2000).

O mais importante na questão da geometria, é a criança ser capaz de expressar a forma das coisas e ter a noção de espaço (Cerquetti-Aberkane e Berdonneau, 2001; Barber, 2004). Isto porque “tanto o mundo da natureza quanto o mundo que os seres humanos criaram refletem simetria, topologia, pontos, linhas, planos, curvas, sólidos e, é claro, medida e matemática. Em ambos encontramos círculos, hexágonos, retângulos, esferas, triângulos, cubos, cilindros, cones, pirâmides e prismas” (Campbell, Campbell e Dickinson, 2000, p. 68). As atividades da geometria iniciam a criança em processos lógicos de abstração, generalização e desenvolvimento do raciocínio e formulação de hipóteses (Cerquetti-Aberkane e Berdonneau, 2001). Na perspetiva de Moreira (2003), no pré-escolar, e no âmbito da geometria, também se podem encontrar práticas relacionadas com: formas geométricas básicas (círculo, quadrado, triângulo, retângulo, esfera, cubo), características de formas (reta, curva, polígono, linhas abertas / fechadas), ritmos e simetrias (simetria de reflexão diz respeito à simetria com relação a um eixo).

4.3.Prática desenvolvida

No início deste capítulo, pretendemos explicitar alguns aspetos gerais da prática desenvolvida, assim como algumas conceptualizações teóricas que tiveram na sua base. Posteriormente, iremos referir várias atividades que não se integraram na área prioritária de intervenção, mas que foram realizadas de modo articulado no sentido de contribuírem para o desenvolvimento de novas competências, pois “as diferentes áreas a contemplar não deverão ser vistas como compartimentos estanques, mas abordadas de uma forma globalizante e integrada” (OCEPE, 1997, p.14). E por fim iremos apresentar e analisar criticamente as áreas de conteúdo mais trabalhadas no decorrer do estágio.

O primeiro aspeto, relativo à nossa ação educativa, a que importa aludir é que esta teve com principais referenciais as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), o Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância (Dec-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto) e as Metas de Aprendizagem na Educação Pré-Escolar (2011), documentos que consideramos fundamentais como suporte para o trabalho do educador de infância.

A nossa prática pedagógica desenvolvida em contexto de estágio orientou-se para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de todas as crianças, tendo em conta as capacidades e níveis de desenvolvimento de cada uma. O que implicou a implementação de estratégias diferenciadas, que permitissem que cada criança beneficiasse “do processo educativo desenvolvido com o grupo” (OCEPE, 1997, p.14). Deste modo, foi fundamental escutar as crianças (Oliveira-Formosinho e Andrade, 2008) e perceber e valorizar os conhecimentos que já possuíam (OCEPE, 1997); mas também, os que ainda não dominavam, no sentido de ajudá-las a adquirir novos saberes (Piaget, cit. por Tavares & Alarcão, 1985).

Um outro pressuposto inerente à nossa intervenção pedagógica prendeu-se com a convicção de que as experiências de aprendizagem de qualidade são fruto da participação das crianças no seu processo educativo, considerando-as como co construtoras das suas aprendizagens (Oliveira - Formosinho, 2007). Hohmann, Banet & Weikart (1997, citados por Spodek & Brown, 1996), são perentórios quando afirmam que “a criança deve estar ativamente envolvida na aprendizagem para construir o conhecimento a partir da interação com o mundo que a rodeia” (p.29). Considerar as

crianças como agentes ativos é proporcionar-lhes situações pedagógicas que favoreçam o questionamento, a experimentação, a investigação e a cooperação na resolução de problemas (Cruz, 2008). E posteriormente, através de questões que originem a reflexão, criar momentos para que as crianças tenham oportunidades para pensar sobre as suas experiências (Vygotsky, 1991 cit. por Mesquita-Pires, 2007 p.61).

Não poderíamos deixar de expor a nossa intenção de promover a participação da família no percurso de crescimento dos seus filhos, estreitando as relações escola-família. Vasconcelos (1997) corrobora este propósito afirmando que “os pais devem ser cada vez mais parceiros nos jardins-de-infância e, mais concretamente ainda, parceiros nos projetos que estão a ser desenvolvidos nos jardins-de-infância” (p.65). No nosso caso concreto esta questão teve visibilidade no projeto da reciclagem, em que os pais participaram ativamente trazendo vários materiais para reciclar; foi também notório o empenho dos pais na construção de um presépio em tamanho real para colocar na entrada do jardim-de-infância, na realização dos fatos de carnaval para os seus filhos participarem num desfile da freguesia; e por fim, há que realçar a grande adesão das famílias nas festividades do dia da mãe e do pai, em que foram convidados a vir à escola (Anexo 4.28).

De seguida iremos referir algumas atividades, de diferentes áreas de conteúdo, que implementamos e que se revestiram de características próprias e por isso as consideramos dignas de menção neste capítulo.

A nível das expressões destacamos uma atividade que teve como ponto de partida o livro *Todos no Sofá*. Esta atividade foi deveras significativa devido à proposta de organização do grupo; ou seja, o trabalho a pares, pois não era um tipo de organização que fosse adotada pela educadora cooperante. Segundo Barbosa (1997, cit. por Fontes e Freixo 2004) quando os alunos trabalham em grupos, com reduzido número de elementos e têm objetivos, antecipadamente estabelecidos, para a execução de uma tarefa, podemos considerar que se desenvolve uma aprendizagem de âmbito cooperativo. Para Johnson e Johnson (1999, cit. por Fontes e Freixo 2004) o trabalho cooperativo em pequenos grupos promove uma melhoria da aprendizagem no geral e proporciona resultados mais positivos para a aprendizagem individual de todos os elementos do grupo, pois o desempenho de cada um depende do desempenho de todos. A aprendizagem cooperativa tem como pressupostos teóricos as ideias socio construtivistas de Vygotsky. Isto é, a aprendizagem cooperativa é “uma prática

pedagógica capaz de desenvolver, nos alunos, a zona de desenvolvimento proximal. Ou seja, a colaboração com (...) o par mais competente (...) na zona de desenvolvimento proximal conduz ao desenvolvimento cognitivo ” (Fontes e Freixo, 2004, p. 26).

Esta atividade de expressão plástica consistiu na construção das várias personagens da história com o recurso a diversos materiais. Assim, ao nível das competências definidas para esta área, no domínio do desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e do desenvolvimento da criatividade, consideramos que estas foram adquiridas pela grande maioria das crianças. Destacamos a capacidade de reprodução do animal escolhido, a recriação de vivências individuais da história e a forma autónoma como as crianças utilizaram os diferentes materiais e meios de expressão, como a colagem e a pintura. Como aspeto menos positivo, salientamos o facto desta atividade se ter prolongado no tempo; contudo, os grupos mantiveram sempre o seu interesse e todos a concluíram. Katz (1999), refere que as expressões são uma das linguagens das crianças em idade pré-escolar, tendo em conta que ainda não possuem competências convencionais a nível da leitura e da escrita. Assim, através das expressões (pintura, escultura, teatro, dança, música, entre outras) as crianças conseguem “explorar e expressar entendimentos do mundo” (p. 45).



Figura 4.1 – Girafa



Figura 4.2- Elefante

Uma outra atividade que gostávamos de realçar, foi realizada no âmbito da área do conhecimento do mundo, e dizia respeito ao corpo humano (partes exteriores do corpo, esqueleto e os diferentes órgãos). Esta atividade diferenciou-se pelo tipo de materiais que apoiou a sua implementação, sendo todos manipuláveis, tendo sido também utilizado um livro de grande formato e radiografias. Consideramos que foi um tema que entusiasmou o grupo não só pela forma como a atividade foi conduzida e

implementada, como pela grande curiosidade e interesse que as crianças demonstraram pelo mesmo. Após ter sido trabalhada e analisada esta temática, os materiais foram deixados na sala para que as crianças quando quisessem os pudessem explorar livremente. Através destas atividades, foram desenvolvidas várias competências da área do conhecimento do mundo, nomeadamente no domínio do conhecimento do ambiente natural e social, que gostaríamos de referir, tais como: identificar e reconhecer diferentes partes externas do corpo; reconhecer a sua identidade sexual; perceber como é constituído o esqueleto e reconhecer algumas partes do mesmo; e identificar alguns órgãos do corpo humano numa imagem. Entendemos que é através de uma aprendizagem ativa que as crianças se desenvolvem de uma forma mais significativa, logo deve-se ter em linha de conta um ambiente que fomente a exploração e a manipulação, dos objetos e dos materiais. Esta nossa convicção é confirmada por Hohmann e Weikart (2007) que afirmam que é através da ação da criança sobre os objetos e das suas relações com os outros, que ela cria novas ideias e acontecimentos, que desenvolve as suas competências e constrói as suas próprias aprendizagens. Esta foi das atividades que o grande grupo mais gostou, e que se encontra expressa na avaliação que foi realizada com as crianças no final do estágio sobre o que tinham gostado mais e menos durante o ano (Anexo 4.29).



Figura 4.3 - Crânio

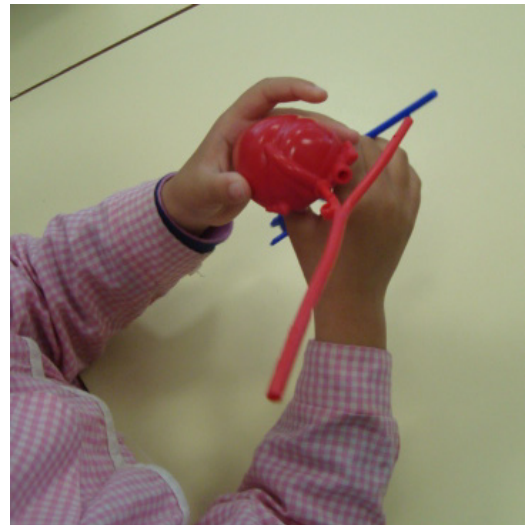


Figura 4.4 - Coração



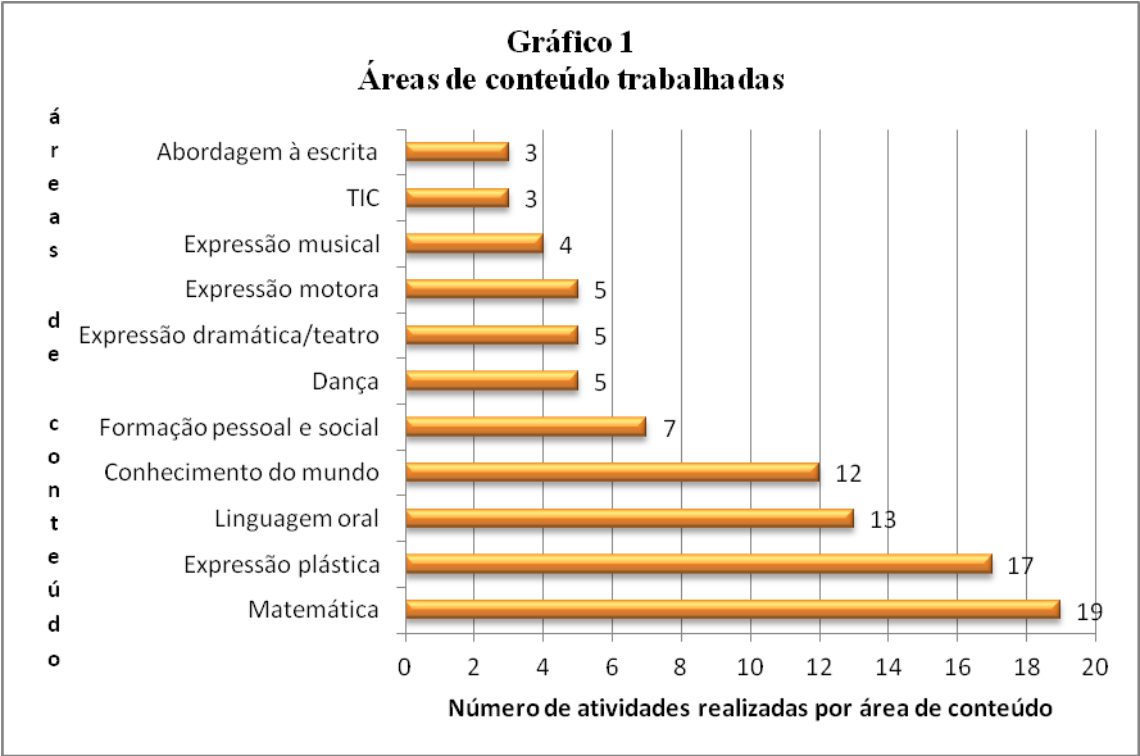
Figura 4.5 – Esqueleto

Para finalizar gostaríamos de distinguir as várias atividades de rimas e lengalengas. Estas enquadram-se na área da linguagem oral e abordagem à escrita, e nunca foram planeadas como atividade central do dia, mas foram sendo desenvolvidas essencialmente nos momentos de transição e nos momentos em que o grande grupo necessitava do retorno à calma. O facto de se terem constituído como uma estratégia usual, fez com que as crianças as comesçassem a solicitar de modo recorrente. Pensamos que estas atividades de desenvolvimento da linguagem oral são bastante importantes pois ao estudar-se “ o desenvolvimento psicológico, socio afetivo, cognitivo, psicomotor das crianças, [descobre-se] que a comunicação e a linguagem têm uma importância marcante em cada um destes níveis” (Rigolet, 2006, p. 18). As rimas e as lengalengas permitem trabalhar várias competências, nomeadamente no domínio da

consciência fonológica e da compreensão de discursos orais e interação verbal. Podemos assim nomear algumas dessas competências: produção e recriação de rimas, identificação de palavras que começam ou terminam com a mesma sílaba, expansão do vocabulário, exploração do som e descoberta do significado de novas palavras.

Para além das atividades mencionadas, muitas mais foram realizadas, tendo sempre em conta o interesse e as propostas das crianças e todas elas foram trabalhadas com intencionalidade educativa.

Para finalizar este capítulo destinado à análise da prática desenvolvida em contexto de estágio, vamos apresentar a comparação do número de atividades efetuadas, para cada uma das áreas de conteúdo do pré-escolar. Recorrendo às planificações das atividades, contabilizámos o número de áreas abrangidas e posteriormente fizemos um somatório para cada uma delas.



No gráfico acima apresentado podemos observar que houve quatro áreas que se destacaram na nossa prática: a matemática, a expressão plástica, a linguagem oral e o conhecimento do mundo; e que as menos trabalhadas foram as áreas das tecnologias de informação e comunicação e da abordagem à escrita. De seguida iremos discutir

criticamente estes resultados, apresentando as justificações que consideramos que contribuíram para os mesmos.

A área das tecnologias de informação e comunicação teve pouca expressão na nossa prática pois a sala só teve acesso a computador, devidamente equipado, e a internet, no final do mês de abril. Assim, não houve grande possibilidade de trabalhar esta área, para além das três vezes citadas.

Também a área da abordagem à escrita não teve grande representatividade em termos das atividades realizadas. Contudo, importa salientar que esta área foi abordada com mais frequência do que a contabilizada, mas como não foi alvo de planificação, não pode ser contabilizada para este gráfico. Destacamos os registos escritos que foram elaborados como complemento de atividades de outras áreas; por exemplo: reciclagem, trabalho do livro *todos no sofá* e 25 de abril (Anexo 4.30).

As atividades implementadas na extensão da área das expressões - musical, motora, dramática/teatro e dança – com exceção da expressão plástica, constituíram-se do nosso ponto de vista como as que foram trabalhadas com maior equidade, com um total de atividades que variou entre três e quatro.

O número de atividades realizadas no âmbito da formação pessoal e social totalizou uma quantidade que também pensamos ser moderada. Todavia, importa recordar que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) consideram esta área como integradora de todo o processo educativo, uma vez que pelas suas especificidades é transversal a todas as outras áreas, congregando-as entre si. Assim, convém explicitar que em muitas das atividades realizadas quotidianamente, as competências principais trabalhadas inseriam-se na área da formação pessoal e social; como por exemplo: acolhimento, diálogos, partilha de novidades, trabalho em grupos entre outros. Contudo, como estas não se constituíram como atividades centrais do dia não foi possível serem contabilizadas.

O gráfico permite-nos constatar que a área do conhecimento do mundo é a primeira das quatro áreas de conteúdo com maior destaque no desenrolar do estágio. Grande parte das atividades realizadas, prenderam-se com temas propostos pelas crianças, nomeadamente o corpo humano, a reciclagem e as sementeiras e nas restantes foram essencialmente abordados os dias festivos

A área da linguagem oral foi de igual modo vastamente trabalhada. Podemos atribuir como justificação, por um lado o facto de se ter constituído várias vezes como a

área de eleição das atividades centrais planeadas e por outro porque frequentemente se adotou o diálogo como estratégia de lançamento das atividades centrais.

Quanto à área da expressão plástica esta distancia-se em larga escala das outras expressões, num total de 17 atividades executadas; constituindo-se como a segunda área mais trabalhada, a dois valores de distância da área prioritária de intervenção (19). Numa perspetiva de análise crítica, consideramos que podemos justificar esta situação pelo facto de a comemoração dos dias festivos terem sido marcados com a elaboração de prendas e ornamentos, que tiveram por base atividades de expressão plástica. Destacamos os presentes de natal e o papel de embrulho, decorações natalícias, os presentes do dia do pai e do dia da mãe e os respetivos papéis de embrulho, a elaboração dos fatos para o desfile de carnaval e adornos para a festa de final de ano (Anexo 4.31).

Por fim, é na área da matemática que nos deparamos com o maior número de atividades realizadas durante a nossa prática educativa – 19. A justificação inerente a isto prende-se com o facto de ser esta a área de intervenção prioritária no grupo, o que levou ao planeamento de um grande número de atividades, de modo a permitirem a aquisição de competências matemáticas básicas.

4.4. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Consideramos que a nossa prática pedagógica se revestiu numa aprendizagem de conhecimentos profissionais para a qual contribuíram a educadora cooperante, a orientadora de prática pedagógica supervisionada e todos os demais que tiveram um papel importante neste percurso, tendo em conta o nosso futuro como profissionais de educação.

Analisando a nossa proposta de planificação curricular anual (Anexo 3.27) relativamente à área de intervenção prioritária, podemos constatar que grande parte das nossas propostas de trabalho foram concretizadas. Todos os domínios da área da matemática - números e operações, geometria e medidas e organização e tratamento de dados - referidos nas Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar (2011) foram abordados com as crianças.

De seguida apresentaremos as atividades mais expressivas desenvolvidas no decorrer da nossa prática quer a nível da implementação, dos processos de ensino e dos resultados de aprendizagem. Destacamos as atividades de medidas e pesagens, os padrões, os conjuntos, e o gráfico das presenças/ausências.

A atividade no âmbito do domínio da geometria e medidas que consistiu em medir e pesar as crianças revelou-se bastante significativa uma vez que se estabeleceu como o recurso principal de implementação, as próprias crianças. Assim, participaram ativamente na construção das suas aprendizagens sobre pesos e alturas pois foram-lhes proporcionadas situações para se medirem, compararem as suas alturas, se pesarem e compararem os seus pesos e ainda ordenar ambos de modo decrescente. Foi possível perceber o efeito destas aprendizagens, pelo entusiasmo das crianças na medição de vários objetos através do uso, recorrente das fitas métricas, tanto no espaço de sala como durante o recreio, fazendo posteriormente, os registos das suas medições



Figura 4.6 – Balança / pesagens



Figura 4.7 - Medições



Figura 4.8- “Quanto medimos?” e “Quanto pesamos?”

Inserida no mesmo domínio da matemática (geometria e medidas) não podemos deixar de salientar a temática dos padrões. Consideramos que este conceito matemático foi facilmente interiorizado, e a sua aprendizagem teve um impacto no quotidiano das crianças. Estas espontaneamente em situação de atividades livres, mas também em momentos específicos, como a organização da fila para o recreio ou para o almoço, criavam padrões segundo critérios da sua autoria (por exemplo: um menino, uma menina ou dois meninos, uma menina).



Figura 4.9 – Padrões

Outro momento da nossa prática que se revelou importante para o grupo insere-se no domínio dos números e operações, concretamente a formação de conjuntos. Esta aprendizagem começou por ser trabalhada através de um jogo de movimento em que as crianças tinham que formar conjuntos segundo uma característica sua indicada pelo adulto, como por exemplo a cor dos olhos, o tipo de calçado, uma cor da peça de roupa, entre outras. Mais uma vez, conferimos às crianças um papel ativo na construção das suas aprendizagens, considerando que assim as tornamos mais significativas. Posteriormente, esta aprendizagem foi sistematizada através da realização de conjuntos feitos pelas crianças com vários materiais e do seu registo pictográfico. Assim, como em outras aprendizagens, fomos observando que as crianças aplicavam este conhecimento em vários momentos do seu quotidiano no jardim-de-infância: nas brincadeiras nos jogos de chão e na garagem e na arrumação dos materiais.

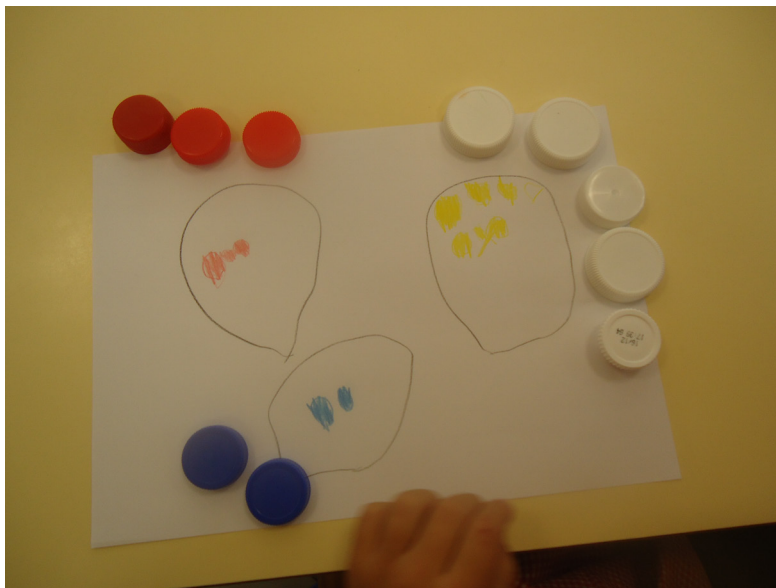


Figura 4.10 - Conjuntos

Por último vamos referir o trabalho que foi realizado através do mapa das presenças, de modo a explorar o domínio da organização e tratamento de dados e algumas competências inerentes ao mesmo. Como meio de implementação desta atividade recorreu-se a uma ferramenta de gestão do grupo presente na sala, mas com pouco significado para as crianças. O intuito era abordar um domínio da matemática que

considerámos um pouco mais complexo através de algo familiar para o grupo, e simultaneamente, conferir utilidade a um instrumento que diariamente era preenchido por cada criança. Assim como atividade, foi proposta a elaboração individual de um gráfico com as presenças e as ausências de cada criança. Esta atividade permitiu-lhes fazer a organização dos dados e posteriormente o seu tratamento, comparando as suas faltas e presenças com as de outras crianças. Foi uma atividade que após ter sido implementada se foi repetindo nos meses seguintes, verificando-se uma maior autonomia e bom desempenho na realização da mesma.

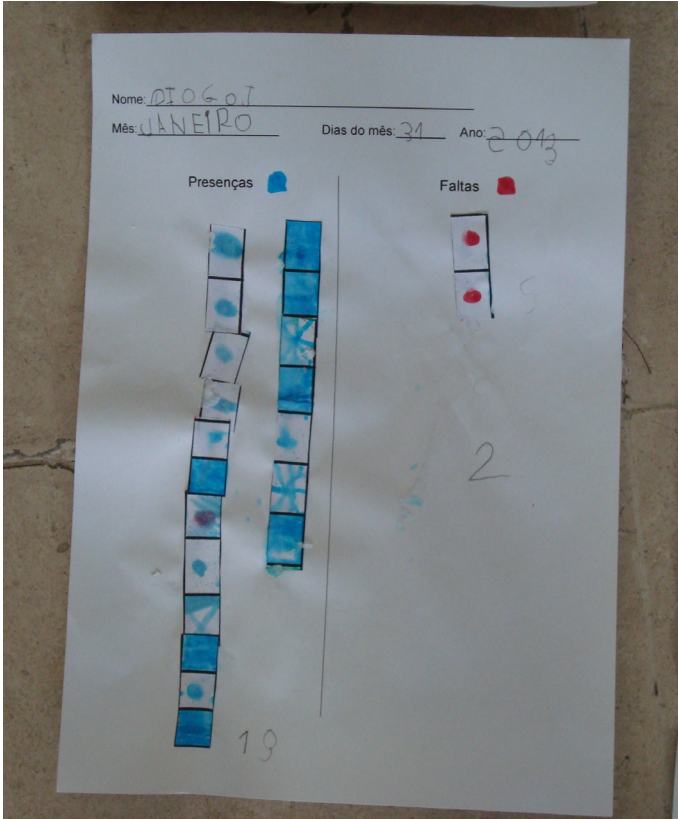


Figura 4.11 - Tratamento de dados do mapa das presenças mensal.

Estas foram algumas das atividades que se realizaram, de entre muitas outras que aqui não estão mencionadas. As experiências de aprendizagem foram pensadas com o objetivo de proporcionar ao grupo de crianças tarefas nas quais pudessem adquirir mais competências na área da matemática, sem esquecer todas as outras áreas de desenvolvimento, mas dando mais ênfase à área atrás referida.

Algumas das propostas de atividades que constavam na planificação curricular anual não foram abordadas; das quais destacamos a construção de jogos matemáticos, a visualização do power point da história *Ildinha e Maximiliano* e a construção de um questionário, sua aplicação e tratamento dos dados recolhidos.

4.5. Resultados

Examinando os dados recolhidos ao longo da ação educativa, pensamos ser importante descreve-los e interpreta-los reflexivamente, de modo a compreender o seu significado.

A primeira caracterização do grupo mostrou-nos as suas fragilidades mais prementes, nomeadamente a nível da formação pessoal e social. Um trabalho sistemático de valorização da individualidade de cada criança, de incentivo e de diálogo, assim como uma mudança na dinâmica de trabalho individual para trabalho em grupo, foram os aspetos de maior destaque neste âmbito. Como resultado as relações entre os pares tornaram-se menos conflituosas surgindo espaço para a cooperação e entreajuda, e a autoconfiança crescente possibilitou uma melhor gestão das frustrações e insucessos.

Contudo, é um grupo que continua a manifestar alguns problemas comportamentais, certas dificuldades em cumprir regras e alguma instabilidade. A criança que se encontra ao abrigo do decreto-lei 3/2008, embora tenha tido uma boa evolução nas atitudes agressivas para com os seus pares, continua a ser um elemento que necessita da constante atenção do adulto. Quanto ao outro elemento desestabilizador embora também se tenha verificado uma boa evolução, ainda revela por vezes comportamentos desadequados.

Destacamos também que determinadas características iniciais do grupo se mantiveram e alguns aspetos melhoraram ao longo da nossa prática pedagógica, tais como: o interesse e motivação face às atividades propostas, a participação espontânea nas rotinas diárias do grupo, a autonomia na realização das rotinas e uma diversificação das áreas de interesse; verificando-se uma maior variedade de escolha, por parte das crianças, das áreas de atividades livres para além das habituais, nomeadamente a área dos recortes, do desenho e do computador.

As interações adulto-criança continuaram-se a revelar positivas, verificando-se da parte do adulto comportamentos que transmitem à criança segurança, apoio e afetividade e que revelavam interesse de modo a corresponder às suas necessidades.

Para concluir esta breve caracterização do grupo, podemos afirmar que em todas as crianças foram notórias evoluções nas várias áreas referidas nas Metas de Aprendizagem para o ensino Pré-escolar (2011). De seguida, iremos apresentar alguns aspetos mais significativos da evolução do grupo abordando todas as áreas de conteúdo.

Na área da formação pessoal e social, nomeadamente quanto ao domínio da identidade/autoestima, a grande maioria do grupo consegue expressar com facilidade as suas emoções, necessidades e sentimentos de forma adequada; são crianças que, espontaneamente, propõem ideias e falam perante o grupo. Estes aspetos foram ganhando mais consistência através dos vários momentos de diálogos proporcionados ao grupo como a planificação do que queriam fazer, a avaliação dos temas/ trabalhos realizados, a resolução de problemas, entre outros. Com o desenrolar do ano o relacionamento com os adultos consolidou-se, assim como a confiança e respeito. O domínio onde se verificam mais fragilidades é o da independência/autonomia, contudo, estas foram praticamente ultrapassadas. Elementos recolhidos através da nossa prática permitem-nos afirmar que a grande maioria das crianças já não revela dificuldades em concluir uma tarefa, porém, alguns elementos do grupo ainda lidam mal com a aceitação de algumas frustrações e insucessos, levando-os por vezes, a desistir das atividades (Anexo 4.32).

No domínio da expressão dramática, grande parte das crianças do grupo interage positivamente entre si, recria e inventa situações de faz de conta, assim como dramatiza situações sugeridas pelo adulto. Assim, como na dança, em que o grupo demonstrou saber utilizar o corpo no espaço e no tempo com diferentes dinâmicas de modo espontâneo ou orientado. Todo o grupo revelou ser capaz de executar uma dança de roda, comentando com os outros a execução da mesma (Anexo 4.32).

No decorrer do ano letivo este grupo teve oportunidade de aperfeiçoar as competências musicais e motoras, que já revelavam no início do ano. A grande maioria das crianças aguçou o seu empenho para cantar de forma expressiva, evidenciando-se a sua capacidade de memorização e mostrando saber um grande número de canções. Quanto às competências motoras, o grupo desenvolveu uma maior coordenação global

de movimentos, nomeadamente no subdomínio da perícia e manipulações, o que aferimos em jogos tipo gincana (Anexo 4.32).

Na expressão plástica o grupo evoluiu bastantes, apesar de ainda se verificarem algumas lacunas detetadas no início do ano, nomeadamente, na representação da figura humana com pormenores. Foram superadas dificuldades como, a ausência de cuidado na apresentação das suas produções e o uso autónomo de diferentes materiais, o que consequentemente permitiu a expressão de uma maior criatividade (Anexo 4.32).

No que se refere à área linguagem oral e abordagem à escrita, que na avaliação inicial se destacou como uma área forte deste grupo, não se revelaram evoluções significativas a mencionar. Nos vários domínios da primeira área, o que observamos foi um desenvolvimento natural das competências devido a uma maior maturidade do grupo. Ao nível das competências relacionadas com a escrita, o grupo evoluiu significativamente devido ao trabalho realizado nos domínios em que apresentavam mais dificuldades. No final do ano letivo já reconhecem algumas palavras escritas e conseguem isolar algumas letras que lhes eram mais familiares. A nível do conhecimento das convenções gráficas, grande maioria do grupo reconhece as partes constituintes de um livro, distingue letras de números e sabe que a escrita e os desenhos representam informações. Este último aspeto prende com o facto de semanalmente fazerem o registo escrito e gráfico do seu fim-de-semana e de muitas das atividades serem acompanhadas de registos escritos e ilustrados pelas crianças (Anexo 4.32; Anexo 4.33).

No que se refere à área do conhecimento do mundo, reconhecemos um melhoramento pois a maioria das crianças do grupo apresenta um bom desenvolvimento nos domínios do conhecimento do ambiente natural e social e do dinamismo das inter-relações natural-social, isto advém de alguns temas abordados durante o ano, que permitiram desenvolver competências nesta área. No primeiro caso, as crianças reconhecem partes do corpo; comparam o processo de crescimento de sementes e de plantas. No segundo caso, percebem e respeitam a separação do lixo (Anexo 4.32 e anexo 4.33); compreendem razoavelmente alguns fenómenos como a noite e o dia e sabem a importância de certas regras de higiene corporal e alimentar (Anexo 4.32).

No que toca à área das tecnologias de informação e comunicação, esta foi muito pouco trabalhada, devido à falta de material e de condições para abordar esta área. Contudo, o que foi realizado com as crianças permitiu-nos aperceber que algumas

crianças revelam bastante à vontade a mexer no computador e que outras estão pouco familiarizadas com o mesmo (Anexo 4.32).

Para finalizar este capítulo, vamos apresentar a avaliação final da área prioritária trabalhada, dadas as fragilidades apresentadas pelo grupo inicialmente. Tendo sido das áreas mais trabalhadas, ocorreram melhorias significativas em todo o grupo, todavia, verificaram-se algumas discrepâncias, pois trata-se de uma sala heterogênea. A diversidade de atividades propostas permitiu trabalhar todos os domínios, tal como se pode verificar na planificação curricular anual.

Assim, vamos apresentar uma síntese dos resultados obtidos através da aplicação de uma lista de verificação de competências da área da matemática, que foi elaborada para tal, e que nos serviu como instrumento de avaliação (Anexo 4.35). Serão apresentadas as competências avaliadas no final do ano letivo relativamente a cada domínio da matemática (Anexo 4.36).

No domínio números e operações a maioria das competências propostas encontram-se desenvolvidas em grande parte das crianças do grupo. Ou seja, estas são capazes de realizar operações simples de adição e/ou subtração, conhecem e utilizam os números ordinais corretamente até cinco, algumas crianças conseguem resolver problemas simples do seu dia-a-dia e sabem identificar o número total de elementos de um conjunto. Nas restantes competências - agrupar objetos com dois ou mais critérios em comum, reconhecer ao traçar os números de zero a dez e associar o número à quantidade respetiva estão desenvolvidas na maioria das crianças (Anexo 4.36).

Para o domínio geometria e medida, foram propostas 12 competências. Destas 12 competências observadas, verificamos que em grande parte do grupo todas elas estão desenvolvidas (a maioria das crianças consegue identificar formas geométricas básicas; sabe rotinas da escola e do dia-a-dia; reconhece e reproduz padrões; cria espontaneamente padrões com objetos do dia-a-dia; compara tamanhos, comprimentos, pesos, alturas e grandezas entre objetos; conhece unidades de medida; sabe-se situar no espaço em relação a um ponto de referência. As competências que ainda se encontram em desenvolvimento e em que as crianças revelam um pouco de dificuldades remetem para: a compreensão e uso em contexto de noções temporais, a seriação de objetos segundo um critério, a identificação das posições de objetos face a um elemento de referência, e a compreensão e desenho de simetrias (Anexo 4.36).

Relativamente às duas competências propostas para o domínio organização e tratamento de dados verificamos que em grande parte do grupo estas estão desenvolvidas; as crianças sabem preencher uma tabela de dupla entrada, e sabem organizar e interpretar os dados numa tabela (Anexo 4.36).

Desta pequena descrição evolutiva do grupo podemos verificar os progressos do grupo, constatando que os objetivos/competências que nos propusemos trabalhar surtiram efeitos positivos no seu desenvolvimento. Perante a evidência de que uma ou outra competência está mais fragilizada, remetemos este facto para a idade das crianças ou para a sua maior apetência para áreas específicas.

5. Conclusão reflexiva

Depois deste percurso, parece-nos ser importante fazer algumas considerações sobre o desenvolvimento da prática decorrente do nosso estágio. Assim, importa avaliar as metas propostas, as estratégias definidas, a capacidade de gestão e concretização dos planos de ação e o impacto expresso nos resultados obtidos.

Tornou-se possível, ao longo do estágio, compreender alguns aspetos que precisamos de melhorar e aperfeiçoar, isto é, algumas fragilidades e receios que entendemos como legítimos e que podem surgir em qualquer processo de estágio. Daí, toda esta prática educativa nos proporcionar situações apropriadas para dela retirarmos benefícios e novas aprendizagens.

Um ambiente institucional favorável, o bom acolhimento por parte da educadora cooperante e o facto de nos sentirmos totalmente integrados, são aspetos que contribuem para uma avaliação positiva do nosso desempenho. No final dos vários meses de estágio sentimos grande satisfação pelo facto de a evolução do grupo ser bastante notória.

A nível pessoal, um dos aspetos a salientar prende-se com o facto de a ação educativa por nós desenvolvida ter permitido consolidar, e até compreender melhor, vários conceitos teóricos abordados em algumas unidades curriculares durante a nossa formação universitária. A duração e continuidade semanal do estágio e a exigência académica de que se revestiu, contribuiu para aperfeiçoar os mecanismos de ligação entre a teoria e a prática.

No decorrer da implementação das nossas atividades a sequência observação, planificação, reflexão e avaliação, tornou-se numa rotina fundamental. Como Fisher (2004) refere, estas etapas devem estar presentes “ em todos os contextos de educação de infância porque os educadores têm de continuar a desenvolver e refinar as suas práticas de planeamento e avaliação, para serem realmente eficazes no apoio às crianças pequenas nos seus processos de aprendizagem” (p.20).

Ao longo da nossa intervenção pedagógica tivemos sempre em linha de conta os procedimentos inerentes a esta como, a planificação, a reflexão e a avaliação do trabalho realizado, em contexto de sala com as crianças. Tentamos ter um papel de “promotores da organização participada; dinamizadores da cooperação (...) [mantendo e estimulando] a autonomização e responsabilização de cada educando no grupo”

(Formosinho, 2013, p.158). Assim, enquanto estagiários e futuros educadores de infância, salientamos a importância da prática educativa privilegiar a intencionalidade.

Mas este processo que consideramos de aprendizagem, revestiu-se algumas vezes de certas dificuldades. Destacamos como exemplo as planificações, pois por vezes não transpareceram toda a nossa prática diária. Após uma análise cuidada, concluímos que determinadas atividades/ações educativas eram realizadas, mas não constatavam da planificação. Contudo, consideramos que este aspeto não invalidou a implementação das atividades planeadas, pois o intuito foi utilizar as ideias/propostas das crianças que surgiam de forma espontânea. Refletindo sobre esta situação, pensamos poder enquadrá-la enquanto um processo natural, dado que a planificação se constitui como um instrumento orientador mas não limitador da ação, sendo que esta deve decorrer dos interesses e necessidades manifestadas pelas crianças. Esta nossa convicção assenta no conceito de *scaffolding* (Wood, Brunner e Ross, 1976, cit por Folque, 2012), que nos “ajuda a clarificar o papel do educador como pessoa adulta e experiente que pode amparar as tentativas da criança para adquirir mais competência” (Vasconcelos, 1997, p.37).

No que concerne às estratégias utilizadas, pensamos que, na grande maioria das vezes, fizemos as escolhas certas. Quando verificámos que alguma estratégia não surtia o efeito desejado, tivemos sempre a preocupação de não a repetir, tentando optar por alternativas que contribuíssem para aprendizagens significativas. A nossa intenção baseou-se na ideia que Roldão (2009) explicita do seguinte modo: “procurar encontrar a melhor e mais eficaz via para os aprendentes, no seu conjunto e na individualidade de cada um, se apropriarem do conteúdo curricular em causa naquela ação de ensino particular” (p.57).

A nível dos materiais escolhidos (naturais, de desperdício, objetos reais, ferramentas, entre outros), tivemos sempre o cuidado de os diversificar e de proporcionar às crianças oportunidade de contacto e exploração dos mesmos, de modo a facilitar as aprendizagens. Atuar sobre os objetos permite às crianças refletir e conversar com os seus pares. Como nos diz Flavell (1963, cit por Hohmann e Weikart, 2004) “as crianças efetuam ações reais sobre os materiais (...) e essas ações são tão concretas e diretas quanto os materiais possam permitir” (p.23).

Aliado a tudo o que referimos, é também importante salientar que a grande maioria das atividades realizadas correspondeu às propostas iniciais estipuladas na

planificação anual. Contudo, nem todas foram postas em prática, devido a falta de tempo, a outras situações de aprendizagem que surgiram por parte das crianças e a algumas atividades que foram surgindo por parte do jardim-de-infância.

A matemática, enquanto área de intervenção prioritária, foi abordada de forma lúdica, mas consistente, aproveitando na maioria das vezes, situações do dia-a-dia do jardim-de-infância. Tivemos sempre presente o pressuposto de Barros e Palhares (1997), que numa obra de referência sobre a matemática no jardim-de-infância, referem que neste nível de ensino “o trabalho pedagógico deve ser baseado na atividade lúdica” (p.121), pois tendo em conta a idade das crianças, estas “só se concentram verdadeiramente quando se encontram a brincar e, portanto, deverão brincar também quando aprendem” (Piaget, 1991, cit por Barros e Palhares, 1997, p.121). Castro e Rodrigues (2008) e Maria Serrazina, em prefácio aos trabalhos de Mendes e Delgado (2008), sustentam que o “desenvolvimento matemático nos primeiros anos é fundamental, dependendo o sucesso das aprendizagens futuras da qualidade das experiências proporcionadas às crianças” (p.7). A mesma autora relembra o contributo do educador ao fomentar a construção da relação lúdica entre a criança e a matemática.

Fazemos um balanço muito positivo sobre o impacto deste trabalho no grupo. Progressivamente as crianças foram adquirindo e consolidando conhecimentos matemáticos, tendo alcançado um nível de desempenho mais ajustado ao esperado para a sua faixa etária. Um aspeto muito positivo foi o facto de conseguirem aplicar no quotidiano do jardim-de-infância as aprendizagens que foram fazendo na sala.

Referências Bibliográficas

- Barros, M. & Palhares, P. (1997). *Emergência da matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.
- Barber, P. (2004). Ensinando Matemática a Crianças Pequenas. In I. Siraj-Blatchford (Coord.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância* (pp.55-70). Lisboa: Texto Editoras
- Bertram, T. & Pascal, C. (2009). *Desenvolvendo a qualidade em parceria*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Brissiaud, R. (1989). *Como as crianças aprendem a calcular*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Campbell, L., Campbell, B. & Dickinson, D. (2000). *Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Cerquetti-Aberkane, F. & Berdonneau, C. (2001). *O ensino da matemática na educação infantil*. São Paulo: Artmed Editora.
- Cruz, S. (2008). A qualidade de educação infantil, na perspectiva das crianças. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A escola vista pelas crianças* (pp. 75-91). Porto: Porto Editora
- Decreto-lei nº 241/2001 de 30 de agosto. Ministério da Educação
- Despacho Conjunto nº 268/97, de 25 de agosto. Ministério da Educação e Ministério da Solidariedade e Segurança Social
- Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G.(1999). *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed
- Estrela, A. (1990). *Teoria e práticas de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Fisher, J. (2007). A relação entre o planeamento e a avaliação. In Siraj-Blatchford (Coor.).*Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância* (pp. 21-40) Lisboa: Texto Editores.
- Folque, M. (2012). *O aprender a aprender no pré-escolar. O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Fontes, A. & Freixo, O. (2004) *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa. Uma forma de aprender melhor*. Lisboa: Livros horizonte.

- Hohmann, M. & Weikart, D.(1984). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Hohmann, M. & Weikart, D (2007). *Educar a criança* (4ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Kamii, C. (2004). *A Criança e o número*. Brasil: Papyrus Editora.
- Katz, L. (1999).O que podemos aprender com Reggio Emilia?. In C. Edwards, L.,Gandini, & G., Forman, *As cem linguagens da criança*. (pp. 37-55). Porto Alegre: Artmed.
- Maia, J. (2008). *Aprender... matemática do jardim de infância à escola*. Porto: Porto Editora.
- Mendes, M. & Delgado, C. (2008). *Geometria. Texto de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Mesquita-Pires, C. (2007). *Educador de infância – teorias e práticas*. Porto: Profedições.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Ministério da Educação (2010). *Metas de aprendizagem para a educação pré-escolar*. Lisboa. Recuperado em 14 de Janeiro, 2012, de [http:// www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt](http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt)
- Oliveira-Formosinho, J. & Andrade, F. (2011). O espaço na pedagogia-em-participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação* (pp. 9-70). Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A escola vista pelas crianças* (pp. 11-29). Porto: Porto Editora
- Pimenta, S. & Lima, M. (2004). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez
- Rigolet, S. (2006). *Para uma aquisição precoce e otimizada da linguagem*. Porto: Porto Editora.

- Roldão, M. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1985). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Serrazina, L. (2008). Preâmbulo. In J. P. Castro & M. Rodrigues, *Sentido de número e Organização de Dados* (p.3). Lisboa: Ministério da Educação.
- Spodek, B. & Brown, P. (1996). Alternativas Curriculares na Educação de Infância: Uma Perspectiva Histórica. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância* (pp.13-50). Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em educação* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Vasconcelos, T. (1997) *Ao redor da mesa grande. A prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora.
- Vasconcelos, T. (2009). *A Educação de infância no cruzamento de fronteiras*. Lisboa: Texto Editores

http://www.aebpc.pt/pdf/seccao_documentos/docs_referencia/Projeto_Educativo%2012_13.pdf

Anexos

Anexo 2.1
Ficha a escola e o meio (adaptada de Estrela. 1999)

Anexo 2.2
Ficha d Estabelecimento Educativo (manual do D.Q.P., 2008)

Anexo 2.3
Projeto curricular do jardim-de-infância

Anexo 2.4
Regras de funcionamento do jardim-de-infância

Anexo 2.5
Despacho conjunto nº 268/97 de 25 de agosto

Anexo 2.6
Ficha da classe (Estrela,1999)

Anexo 2.7
Ficha para avaliação da organização do espaço-materiais no jardim-de-infância
(Cardona,2007)

Anexo 2.8
Guião para avaliação da organização do tempo no jardim-de-infância
(Cardona, 2007)

Anexo 2.9
Entrevista às crianças

Anexo 2.10
Observação naturalista

Anexo 2.11
Planta da sala

Anexo 2.12
Relatório diário de 7 de novembro de 2012

Anexo 2.13
Registo escrito de observações

Anexo 2.14
Registo escrito de observações

Anexo 2.15
Registo escrito de observações

Anexo 2.16
Registo escrito de comentários das crianças e observações

Anexo 2.17
Registo fotográfico

Anexo 3.18
Lista de verificação de competências

Anexo 3.19
Apresentação dos dados da aplicação inicial da lista de verificação de competências

Anexo 3.20
Relatório diário de 30 de outubro de 2012

Anexo 3.21
Registo escrito

Anexo 3.22
Análise e reflexão de 21 de novembro de 2012

Anexo 3.23
Registo fotográfico

Anexo 3.24
Registro fotográfico

Anexo 3.25
Reflexão de 12 de novembro de 2012

Anexo 3.26
Registo escrito

Anexo 3.27
Planificação curricular anual

Anexo 4.28
Registro fotográfico

Anexo 4.29
**Registo escrito da avaliação das crianças sobre as atividades que gostaram mais de
realizar ao longo do ano**

Anexo 4.30
Registo fotográfico

Anexo 4.31
Registo fotográfico

Anexo 4.32
Apresentação dos dados da aplicação final da lista de verificação de competências

Anexo 4.33
Registo fotográfico

Anexo 4.34
Registo fotográfico

Anexo 4.35
Lista de verificação de competências da área da matemática

Anexo 4.36
Apresentação dos dados da aplicação no final do ano da lista de verificação de
competências da área da matemática

Anexo 2.1
Ficha de Caraterização da Escola e do Meio (adaptada de Estrela 1999)

FICHA A ESCOLA E O MEIO

A. IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

- I. Nome - Jardim de Infância do Bairro Padre Cruz.
II. Ensino - pré-escolar
III. Localidade - Colruide
IV. Concelho - USBOA
V. Freguesia - Colruide
VI. Morada _____
Código Postal _____ - _____

B. ESPAÇO ENVOLVENTE

Zona
Bairro ☐ Bairro Social ☒ Bairro Ilegal ☐ Residencial ☐
Condomínio privados ☐ Industrial ☐ Comercial ☐ Agricultura ☐

C. ESPAÇOS VERDES

Jardins ☐ Parques infantis ☒ Parques temáticos ☐
Zonas de lazer ☐ Outros _____

D. MEIOS DE TRANSPORTE

Autocarro ☒ Eléctrico ☐ Metro ☐
Rodoviária ☐ Comboio ☐ Outros _____

E. COMÉRCIO ENVOLVENTE

Mercado ☒ Comércio de rua ☐ Supermercados ☐
Centro comercial ☐ Outros mercearia

F. OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

SIM ☒ Não ☐

Quais Escola primária Aida Vieira; EB 2+3 do Bairro Padre Cruz.
CAE Da Louca Casa de Mitericóndia.

G. OUTRAS INSTITUIÇÕES

Culturais ☒ Desportivas ☒ Sociais ☒ Saúde ☐
Outras _____

H. TIPOLOGIA DA POPULAÇÃO

Camada Superior

☐

Camada média alta

☐

Camada média inferior

☒

Camada Inferior

☒

Observações:

Anexo 2.2
Ficha de Estabelecimento Educativo (Manual do DQP,2008)

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS

FICHA DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO

NOME DO JARDIM DE INFÂNCIA... jardim de Infância do Bairro
Padre Cruz
 NOME DA INSTITUIÇÃO/AGRUPAMENTO... Agrupamento de escolas do Bairro
Padre Cruz
 MORADA

 CÓDIGO POSTAL TELEFONE.....
 E-MAIL
 DIRECTOR PEDAGÓGICO/COORDENADOR DO ESTABELECIMENTO Isabel Almeida, M^a J^a
 ELEMENTO DE APOIO DQP DATA

Apresentam-se seguidamente um conjunto de perguntas que visam caracterizar o jardim de infância. Responda, por favor, apenas aos tópicos que considera relevantes para o seu estabelecimento.

1. Qual o tipo de estabelecimento? Por favor assinale o quadrado correspondente.

a) PÚBLICO

b) PRIVADO

(com ou sem fins lucrativos)

A1 ☒ Ministério da Educação

B1 ☐ IPSS (Instituição Privada de Solidariedade Social)

A2 ☐ Ministério do Trabalho e da Solid. Social

B2 ☐ Particular e Cooperativo

A3 ☐ Outros

B3 ☐ Outros

2. Em que tipo de instalações funciona?

a) ☒ Construção de raiz

b) ☐ Edifício adaptado

c) ☐ Edifício integrado em escola do 1º ciclo

d) ☐ E.B.I. (Escola Básica Integrada)

e) ☐ Outros

3. São os únicos locatários?

a) ☒ Sim

b) ☐ Não

c) Se não são, diga quem são os outros

.....

CRIANÇAS

4. Quantas crianças com as idades abaixo indicadas frequentam o Jardim de Infância?

a) 3 anos b) 4 anos c) 5 anos 5. Qual o número total de crianças inscritas nesta data? 6. Quantas crianças existem em lista de espera? 7. Quantas crianças estão realmente a frequentar? 8. Quantas salas de actividades existem no Jardim de Infância? 9. Qual a lotação máxima de cada sala?

10. Como estão organizados os grupos de crianças?

Grupos heterogéneos

☒

Grupos homogéneos

☐

11. Horário do estabelecimento:

a) Hora de abertura 8:00 Hora de encerramento 19:30

b) Qual a duração da componente lectiva?

Manhã das 9 horas às 12 horas; Tarde das 13.15 horas às 15.15 horas

c) Qual a duração da componente de apoio à família ou de apoio sócio-educativo?

Manhã das 8 horas às 9 horas - Tarde das 15.15 horas às 19.30 horasd) Qual é o horário do almoço? 12h - 13.15e) Quem presta esse serviço? UNICELF + J.F. CAMIDE

PESSOAL

12. Organograma do estabelecimento

13. Horários das pessoas que trabalham no jardim de infância

[illegible]

Qual o rácio adulto/criança no jardim de infância? - 25 crianças por adulto
(determina-se dividindo o n.º total de crianças pelo n.º total de adultos com funções educativas - educadores, auxiliares/ajudantes e educadores de apoio em permanência na instituição)

SALAS	IDADES	N.º CRIANÇAS	N.º EDUCADORES	N.º AUXILIARES	RÁCIO ADULTO/CRIANÇA
1	3-6	20	1	1	
2	4	20	1	1	
3	4	25	1	1	
4	5	20	1	1	
5	4	20	1	1	
6	4	25	1	*	

* 2º kw devido à
falta de 1 auxiliar

15. Qual o grau de participação da família no jardim de infância?

- a) Nula ☐ Pontual ☐ Frequente ☒
- b) Festas ☒ Reuniões ☒ Actividades e/ou projectos ☒

Se participa nas actividades e/ou projectos dê um exemplo NÃO.

16. Existe pessoal de apoio?

SIM NÃO

- a) educador de apoio? ☐ ☐
- b) outros técnicos? ☒ ☐

Quais (psicólogo, terapeuta, etc.)?

projeção de apoio; 1 técnico
do GAFI CAAF (bás. apoio ao aluno e família)

FINANCIAMENTO

17. Dê uma estimativa do custo por criança/ano. (incluindo todas as despesas)

18. Contribuição financeira dos pais

a) Mensalidade única (diga o montante) NÃO

b) Participação por capitação

Mínima _____ Máxima _____ Média/mensal _____

c) Contribuição voluntária (refira a média mensal) _____

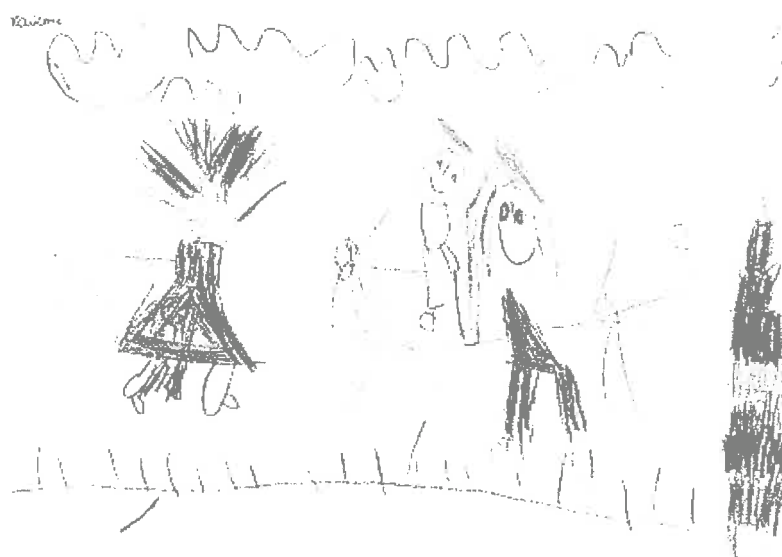
19. Outras fontes de financiamento

- a) Autarquias ☒ montantes Junt. do Inf. e Câmara do V. B. de
- b) Projectos ☐ montantes _____
- c) Outros ☒ montantes M. Educação

Anexo 2.3
Projeto Curricular do Jardim de Infância



**“No Jardim vou entrar e uma
viagem de sonho vou realizar”**



**Bairro Padre Cruz
Anos Lectivos 2011/2012**

ÍNDICE

1 - Introdução	3
2 - Fundamentação das Opções Educativas	4
3 - Objectivos	4
3.1-Objectivos gerais:.....	4
3.2-Objectivos Específicos:	5
3.2.1-Área de Formação Pessoal e Social.....	5
3.2.2-Área das Expressões	5
3.2.3-Área da linguagem oral/abordagem à escrita	6
3.2.4-Área do Conhecimento do Mundo	6
3.3-Competências a desenvolver - Perfil do aluno no final do pré escolar	6
3.3.1.Área de Formação Pessoal e Social.....	8
3.3.2. Área das Expressões.....	10
3.3.4. Área da Linguagem Oral/ Abordagem à Escrita.....	14
3.3.5. Área da Matemática/Geometria	16
3.3.6. Área das TIC	17
3.3.7. Área do Conhecimento do Mundo	18
4-Metodologia.....	22
4.1-Opções para o desenvolvimento da prática educativa:.....	22
5-Avaliação	22
5.1-A avaliação na educação pré-escolar.....	22
5.1.1-Enquadramento normativo	22
5.1.2-Finalidades.....	23
5.1.3-Princípios da avaliação:.....	23
5.1.4-Momentos da avaliação:.....	24
6 - Divulgação do Projecto.....	25

1 - Introdução

A Educação Pré-Escolar constitui a primeira etapa da educação básica (Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar – Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro) e organiza-se tendo como referência as Orientações Curriculares (Despacho nº 5220/97 de 10 de Julho).

Este documento legal regulamenta a prática educativa a desenvolver em Jardim-de-infância visando a promoção e a melhoria da qualidade da acção educativa aplicada.

Entendendo o currículo como *“o conjunto de aprendizagens significativas, consideradas necessárias e socialmente desejáveis num dado contexto e tempo, expresso segundo uma finalização, intencionalidade, estruturação coerente e sequência organizada”* (Roldão, 1999), as Orientações Curriculares destinam-se a orientar a prática profissional dos educadores tendo em conta os objectivos gerais do Jardim-de-infância, a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo a privilegiar, a continuidade e a intencionalidade educativa.

Este Projecto Curricular surge como um documento orientador do trabalho a desenvolver em Jardim-de-infância, tendo em conta o desenvolvimento das crianças dos 3 aos 6 anos e a necessidade de organizar o processo ensino/aprendizagem como tarefa conjunta de crianças, pais e educadores. Reconhece a importância do papel do educador como gestor do currículo (Vasconcelos 2002), e a necessidade de planificar, registar e avaliar o quotidiano pedagógico.

Atende à legislação vigente (acima citada) e, neste sentido, reconhece a criança como sujeito do processo educativo e propõe a construção articulada do saber.

Pretende promover o desenvolvimento das capacidades das crianças, favorecendo a sua auto-estima, o interesse por descobrir, o desejo por aprender, a sua capacidade criativa, e facilitando o processo de socialização e a convivência social.

O Projecto Curricular do JI, como instrumento de gestão pedagógica, tem por base o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas do B.º Padre Cruz (**Novos Rumos - TEIP2**), com o tema «Sou cidadão do Mundo» tendo como principal finalidade privilegiar o desenvolvimento de competências nas crianças, na Área da Formação Pessoal e Social – daí a escolha de um tema aglutinador e transversal “ **No Jardim vou entrar e uma viagem de sonho vou realizar**”.

2 - Fundamentação das Opções Educativas

Nas vivências diárias de Jardim-de-infância a criança desenvolve o conhecimento de si própria (relação eu-eu) e simultaneamente vive processos de socialização (relação eu - outro) favorecedores da auto-estima, auto-confiança e auto-conceito, assim como estabelece as relações eu - meio, facilitadoras do desenvolvimento do pensamento e da motricidade. As interações sociais estabelecidas permitem à criança construir o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem, desenvolver atitudes e valores.

3 - Objectivos

3.1-Objectivos gerais:

- Orientar a acção educativa do Jardim de Infância de acordo com os princípios expressos no Projecto Educativo do Agrupamento.
- Respeitar a individualidade.
- Desenvolver uma pedagogia que facilite a aprendizagem, atendendo às necessidades, características e interesses dos alunos.
- Valorizar a dimensão relacional nas inter-relações pessoais.
- Fomentar o trabalho articulado entre os diversos intervenientes que interagem com os alunos.
- Valorizar a continuidade e intercâmbio entre os ciclos.
- Construir um quotidiano promotor de vivências de cidadania e de diversidade.
- Definir e estabelecer regras explícitas e facilitadoras de uma convivência cooperativa.
- Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesa e de outras culturas.
- Envolver a comunidade educativa (encarregados de educação e outros parceiros) nos projectos e actividades da escola.
- Organizar actividades que valorizem as experiências pessoais e familiares.

- Promover o respeito por princípios de qualidade e de equidade.
- Facilitar a igualdade de oportunidades no acesso ao conhecimento.
- Desenvolver factores protectores da saúde, que proporcionem a informação necessária à tomada de decisões.
- Desenvolver na Comunidade uma consciência ecológica.
- Criar condições de promoção do sucesso escolar de todos os alunos.
- Promover a inclusão das crianças com NEEs.
- Desenvolver a expressão e comunicação através de diversas linguagens como elemento facilitador do pensamento crítico e da compreensão do mundo.

3.2-Objectivos Específicos:

3.2.1-Área de Formação Pessoal e Social

- Proporcionar interações sociais significativas.
- Favorecer a plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.
- Desenvolver hábitos de cooperação e inter ajuda.
- Promover atitudes e valores que permitam à criança tornar-se um cidadão consciente e participativo.
- Proporcionar um clima de bem estar e segurança.
- Desenvolver capacidades de observação, atenção e memória.
- Desenvolver hábitos e atitudes relacionadas com o bem estar e a saúde.
- Promover o conhecimento das capacidades individuais.
- Promover a compreensão e cumprimento de regras.
- Prevenir e minimizar situações de absentismo e abandono escolar.

3.2.2-Área das Expressões

- Diversificar situações e experiências de aprendizagem nos domínios das expressões plástica, musical, dramática e motora.

- Proporcionar a exploração espontânea de diversos materiais e instrumentos de expressão plástica incentivando a criatividade, a sensibilização estética e a imaginação.
- Apropriação das linguagens elementares das artes.
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação.
- Desenvolvimento da criatividade.
- Compreensão das artes no contexto.

3.2.3-Área da linguagem oral/abordagem à escrita

- Proporcionar o desenvolvimento linguístico oral.
- Apresentar diferentes abordagens à linguagem escrita, facilitando a emergência da leitura e da escrita.

3.2.4-Área do Conhecimento do Mundo

- Promover a curiosidade natural das crianças e dar-lhes sentido, estimulando a organização dos pensamentos e saberes.
- Proporcionar a livre expressão dos seus saberes e alargar as inter-relações para uma diversidade de experiências sociais.
- Proporcionar actividades de observação e experimentação.
- Sistematizar conhecimentos através de registo variados.

3.3-Competências a desenvolver - Perfil do aluno no final do pré escolar

Baseado nas Orientações Curriculares e nas metas de aprendizagem para Educação Pré-Escolar, foi criado o perfil do aluno no final do Ensino Pré-escolar, no Jardim-de-infância do Bairro Padre Cruz

Este perfil está estruturado pelas áreas de conteúdo enunciadas nos documentos acima referidos, mantendo a mesma designação.

Esta reorganização decorre da opção, que é comum à definição das metas para todo o ensino básico, de estabelecer uma sequência das aprendizagens que, neste caso, visa particularmente facilitar a continuidade entre a educação pré-escolar e o ensino básico.

Formação Pessoal e Social – esta área é apenas contemplada na educação pré-escolar dada a sua importância neste nível educativo, em que as crianças têm oportunidade de participar num grupo e de iniciar a aprendizagem de atitudes e

valores que lhes permitam tornar-se cidadãos solidários e críticos. Nesta área, que tem continuidade nos outros ciclos enquanto educação para a cidadania, identificaram-se algumas aprendizagens globais que lhe são próprias. No entanto, tratando-se de uma área integradora, essas aprendizagens surgem muitas vezes também referidas, de modo mais específico em outras áreas, relacionadas com os seus conteúdos.

Expressão e Comunicação – nesta área surgem separadamente os seus diferentes domínios. No domínio das Expressões são diferenciadas as suas diferentes vertentes: Motora, Plástica, Musical, Dramática, neste caso designada por Expressão Dramática/Teatro, tendo-se acrescentado a Dança que tem relações próximas com a Expressão Motora e Musical. As metas propostas para estas várias vertentes estão organizadas de acordo com domínios de aprendizagem que são comuns a todo o ensino artístico ao longo da escolaridade básica. Por seu turno, a estrutura da Expressão Motora corresponde à que é adoptada para a Educação Física Motora do 1º ciclo. Estas opções decorrem da intenção de progressão, articulação e continuidade que presidiu à elaboração destas metas.

Linguagem Oral e Abordagem da Escrita – esta área corresponde à Língua Portuguesa nos outros ciclos e inclui não só as aprendizagens relativas à linguagem oral, mas também as relacionadas com compreensão do texto escrito lido pelo adulto, e ainda as que são indispensáveis para iniciar a aprendizagem formal da leitura e da escrita.

Matemática – esta área contempla as aprendizagens fundamentais neste campo do conhecimento, distribuídas também pelos grandes domínios de aprendizagem que estruturam a aprendizagem da Matemática nos diferentes ciclos.

Conhecimento do Mundo – esta área abarca o início das aprendizagens nas várias ciências naturais e humanas, tem continuidade no Estudo do Meio no 1º ciclo e inclui, tal como este, de forma integrada, o contributo de diferentes áreas científicas (Ciências Naturais, Geografia e História).

Tecnologias de Informação e Comunicação – uma área transversal a toda a educação básica e que, dada a sua importância actual, será, com vantagem, iniciada precocemente.”

Pretende-se assim que o aluno no final do ensino Pré-escolar tenha adquirido as seguintes competências:

3.3.1. Área de Formação Pessoal e Social

- Identificar as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades.
- Reconhecer laços de pertença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social.
- Expressar as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada.
- Demonstrar confiança em experimentar actividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar.
- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (como por exemplo, vestir-se/despir-se; calçar-se/descalçar-se, apertar/desapertar, utilizar a casa de banho, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).
- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (como por exemplo, vestir-se/despir-se; calçar-se/descalçar-se, apertar/desapertar, utilizar a casa de banho, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).
- Identificar os diferentes momentos da rotina diária da sala do jardim-de-infância, reconhecendo a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.
- Escolher as actividades que pretende realizar no jardim-de-infância e procure autonomamente os recursos disponíveis para as levar a cabo.
- Demonstrar empenho nas actividades que realiza (por iniciativa própria ou propostas pelo educador), concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.
- Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa.
- Revelar interesse e gosto por aprender, usando no quotidiano as novas aprendizagens que vai realizando.
- Conhecer e praticar normas básicas de segurança (em casa, na rua, na escola e na utilização de TIC) e cuidados de saúde e higiene, compreendendo a sua necessidade.

- Manifestar as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.
- Expressar as suas ideias, para criar e recriar actividades, materiais e situações do quotidiano e para encontrar novas soluções para problemas que se colocam (na vida do grupo, na aprendizagem), com recurso a diferentes tipos de linguagem (corporal, oral, escrita, matemática e gráfica.).
- Aceitar algumas frustrações e insucessos (perder ao jogo, dificuldades de realizar actividades e tarefas) sem desanimar, procurando formas de as ultrapassar e de melhorar.
- Partilhar brinquedos e outros materiais com colegas.
- Dar oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espere a sua vez para intervir.
- Demonstrar comportamentos de apoio e entreajuda, por iniciativa própria ou quando solicitado.
- Contribuir para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspectivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.
- Participar na planificação de actividades e de projectos individuais e colectivos, explicitando o que pretende fazer, tendo em conta as escolhas dos outros e contribuindo para a elaboração de planos comuns.
- Colaborar em actividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da actividade e/ou na elaboração do produto final.
- Avaliar, apreciando criticamente, os seus comportamentos, acções e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.
- Contribuir para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las.
- Aceitar a resolução de conflitos pelo diálogo e as decisões por consenso maioritário, contribuindo com sugestões válidas.

- Perante opiniões e perspectivas diferentes da sua, escutar, questionar e argumentar, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas.
- Manifestar respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões culturais e valores dos outros (crianças e adultos), esperando que respeitem os seus.
- Manifestar atitudes e comportamentos de conservação da natureza e de respeito pelo ambiente.
- Reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, etnia, cultura, religião ou outras.
- Reconhecer que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do quotidiano.
- Aceitar que meninos e meninas, homens e mulheres podem fazer as mesmas coisas em casa e fora de casa.
- Identificar no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça e discriminação, (por motivos de etnia, género, estatuto social, de incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.

3.3.2. Área das Expressões

Domínio: Expressão Plástica

- Representar vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros meios expressivos).
- Experimentar criar objectos, cenas reais ou imaginadas, em formato tridimensional, utilizando materiais de diferentes texturas, formas e volumes, recorrendo ainda, quando possível, a software educativo.
- Descrever o que vê em diferentes formas visuais (e.g. obra de arte, objectos, natureza) através do contacto com diferentes modalidades expressivas (pintura, escultura, fotografia, banda desenhada, entre outras) e em diferentes contextos: físico (museus, catálogos, monumentos, galerias e outros centros de cultura) e digital (Internet, CD-ROM).

- Identificar alguns elementos da Comunicação Visual na observação de formas visuais (obras de arte, natureza, e outros objectos culturais) e utilize nas suas composições plásticas, experimentação de cores (cores primárias e secundárias, mistura de cores); textura (mole, rugoso), formas geométricas (quadrado, rectângulo, triângulo, círculo), linhas (rectas, curvas, zigzag).
- Produzir composições plásticas a partir de temas reais ou imaginados, utilizando os elementos da comunicação visual.
- Produzir plasticamente, de um modo livre ou mediado, a representação da figura humana integrada em cenas do quotidiano, histórias inventadas ou sugeridas, utilizando diferentes modos de expressão: desenho, pintura, colagem e/ ou em suportes digitais.
- Emitir juízos sobre os seus trabalhos e sobre as formas visuais (obras de arte, natureza, objectos), indicando alguns critérios da sua avaliação.

Domínio: Expressão Dramática / Teatro

- Interagir com outros em actividades de faz-de-conta, espontâneas ou sugeridas, recorrendo também à utilização de formas animadas (marionetas, sombras...) como facilitadoras e/ou intermediárias em situações de comunicação verbal e não verbal.
- Expressar de forma pessoal, corporalmente e/ou vocalmente, estados de espírito (alegre, triste, zangado...), movimentos da natureza (chuva, vento, ondas do mar...), acções (cantar, correr, saltar...) e situações do quotidiano (levantar-se, lavar-se, tomar o pequeno-almoço, brincar...).
- Expressar opiniões pessoais, em situações de experimentação/criação e de fruição.
- Inventar e experimentar personagens e situações de faz-de-conta ou de representação, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes estímulos, diversificando as formas de concretização.
- Participar no planeamento (inventariação de tarefas e materiais...), no desenvolvimento (assunção de funções, que não se restringem à representação em cena) e na avaliação de projectos de teatro

- Reconhecer o teatro como prática artística presencial e integradora de outras práticas e áreas de conhecimento (música, artes plásticas, multimédia, luz, histórias...).
- Comentar os espectáculos a que assiste, recorrendo a vocabulário adequado e específico e expressando uma interpretação pessoal.
- Participar em práticas de faz-de-conta, espontâneas e estruturadas, e de representação, distinguindo e nomeando diferentes técnicas de representação: teatro de actor e teatro de formas animadas (teatro de sombras; teatro de objectos; teatro de marionetas – luva, dedo, varas, fios...).
- Contar, recontar, inventar e recriar histórias e diálogos, oralmente ou desempenhando “papéis”, e elabora guiões cénicos, com recurso a diversificados tipos de registo (ilustração, simbologia inventada, registo escrito pelo adulto...).

Domínio: Expressão Musical

- Reproduzir motivos rítmicos em métrica binária e ternária, em simultâneo com um modelo dado, utilizando a voz, o corpo e instrumentos de percussão.
- Reproduzir motivos melódicos sem texto (onomatopeias e sílabas neutras) e com texto, associados a canções.
- Cantar canções utilizando a memória, com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica (pulsação e acentuação) e da respiração.
- Interpretar canções de carácter diferente (de acordo com o texto, o ritmo ou a melodia) e em estilos diversos, controlando elementos expressivos de intensidade e de andamento (rápido e lento).
- Utilizar percussão corporal e instrumentos musicais diversos para marcar a pulsação, a divisão e a acentuação do primeiro tempo do compasso (métricas binária e ternária) de canções e de obras musicais gravadas.
- Tocar pequenos padrões rítmicos com diferentes combinações de sons curtos e longos em simultâneo com música gravada e como acompanhamento de canções, utilizando o corpo e instrumentos de percussão.

- Sincronizar o movimento do corpo com a intensidade (dinâmicas forte e fraco) de uma canção ou obra musical gravada e adapta-se a mudanças de intensidade de forma súbita ou progressiva
- Sincronizar o movimento do corpo com andamentos médio, rápido e lento e a acentuação de compasso de uma canção ou obra musical gravada e adapta-se a mudanças de andamentos de forma súbita ou progressiva.
- Explorar as potencialidades de timbre, intensidade, altura (agudo, grave, subida e descida) e duração (sons longos e curtos) da voz, de objectos sonoros e de instrumentos musicais.
- Realizar acções motoras diferenciadas (andar, saltitar, correr, balançar, rodopiar...)
- Reconhece auditivamente sons vocais e corporais, sons do meio ambiente próximo (isolados e simultâneos), sons da natureza e sons instrumentais.
- Utilizar e reconheça auditivamente um repertório diversificado de canções e de música gravada de diferentes géneros, estilos e culturas, presente em actividades do quotidiano.

Domínio: Dança

- Sincronizar-se com o ritmo da marcha/corrida e com estruturas rítmicas simples.
- Comunicar através do movimento expressivo, vivências individuais, ideias, temas, histórias e mensagens do quotidiano.
- Criar e recriar movimentos simples locomotores e não locomotores a partir de estruturas rítmicas básicas.
- Utilizar de diferentes modos os vários segmentos do corpo em resposta aos estímulos fornecidos por um adulto (mexer a cabeça, o pé, a mão, os dedos e o tronco).
- Responder com uma série de movimentos a estímulos que correspondem a acções (explodir, rastejar, rebolar, balancear, girar, deslizar).
- Emitir de formas variadas objectos, animais bem como situações comuns da vida real.

- Identificar movimentos básicos locomotores (andar, correr, saltitar, saltar, rodopiar) e não-locomotores (alongar, encolher, puxar, empurrar, tremer, torcer).
- Descrever formas de movimento relacionadas com experiências diárias, animais, personagens.
- Participar em danças de grupo, comente e discuta com os colegas essas experiências artísticas.

Domínio: Expressão motora

- Realizar percursos que integrem várias destrezas tais como: rastejar deitado dorsal e ventral, em todas as direcções, movimentando-se com o apoio das mãos e pés; rolar sobre si próprio em posições diferentes, nas principais direcções e nos dois sentidos; fazer cambalhotas à frente mantendo a mesma direcção durante o enrolamento; saltar sobre obstáculos de alturas e comprimentos variados; saltar de um plano superior com recepção equilibrada.
- Lançar uma bola em distância com a mão “melhor” e com as duas mãos, para além de uma marca; lançar para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e recebe-la com as duas mãos acima da cabeça e perto do solo; pontapear uma bola em precisão a um alvo, com um e outro pé, mantendo o equilíbrio; receber a bola com as duas mãos, após lançamento à parede, evitando que caia ou toque outra parte do corpo.
- Praticar Jogos Infantis, cumprindo as suas regras, seleccionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as acções características desses jogos, designadamente: posições de equilíbrio; deslocamentos em corrida; combinações de apoios variados; lançamentos de precisão de uma bola; pontapés de precisão

3.3.4. Área da Linguagem Oral/ Abordagem à Escrita

- Produzir rimas e aliterações.
- Segmentar silabicamente palavras.
- Identificar palavras que começam ou acabam com a mesma sílaba.
- Suprimir ou acrescentar sílabas a palavras.
- Isolar e contar palavras em frases.
- Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano.
- Saber onde começa e acaba uma palavra.
- Saber isolar uma letra.
- Conhecer algumas letras
- Usar diversos instrumentos de escrita (lápis, caneta).
- Escrever o seu nome.
- Saber como pegar correctamente num livro.
- Saber que a escrita e os desenhos transmitem informação.
- Identificar a capa, a contracapa e as folhas de livros.
- Conhecer o sentido direccional da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo).
- Atribuir significado à escrita em contexto.
- Saber que as letras correspondem a sons.
- Distinguir letras de números.
- Contar acontecimentos numa narrativa através das ilustrações. Usar o desenho, garatujas ou letras para fins específicos (fazer listagens; enviar mensagens; escrever histórias).
- Identificar e produzir algumas letras maiúsculas e minúsculas.

- Fazer perguntas e responder, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.
- Questionar para obter informação sobre algo que lhe interessa.
- Relatar e recriar experiências.
- Descrever acontecimentos, narrar histórias com a sequência apropriada, incluindo as principais personagens.
- Recontar narrativas que ouviu ler.
- Descrever pessoas, objectos e acções.
- Partilhar informação oralmente através de frases coerentes.
- Alargar o vocabulário, explorando o som e o significado de novas palavras.
- Usar nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.
- Recitar poemas, rimas e canções.

3.3.5. Área da Matemática/Geometria

- Classificar objectos, fazendo escolhas e explicando as suas decisões.
- Contar quantos objectos têm uma dada propriedade, utilizando gravuras, desenhos ou números para mostrar os resultados.
- Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares.
- Reconhecer os números como identificação do número de objectos de um conjunto.
- Utilizar a linguagem “mais” ou “menos” para comparar dois números.
- Conta com correcção até 10 objectos
- Reconhecer os números de 1 a 10.
- Estabelecer relações numéricas entre números até 10.
- Começar a relacionar a adição com o combinar dois grupos de objectos e a subtracção com o retirar uma dada quantidade de objectos de um grupo de objectos.

Resolver problemas simples do seu dia-a-dia recorrendo a contagem e/ou representando a situação através de desenhos, esquemas simples ou símbolos conhecidos das crianças, expressando e explicando as suas ideias.

- Expressar as suas ideias sobre como resolver problemas específicos oralmente ou por desenhos.
- Identificar semelhanças e diferenças entre objectos e agrupá-los de acordo com diferentes critérios (previamente estabelecidos ou não), justificando as respectivas escolhas.
- Reconhecer e explicar padrões simples.
- Descrever as posições relativas de objectos usando termos como acima de, abaixo de, ao lado de, em frente de, atrás de, e a seguir a.
- Conhecer e Identificar as figuras geométricas (quadrado, triângulo, rectângulo e círculo)
- Descrever objectos do seu meio ambiente utilizando os nomes de figuras geométricas.
- Usar expressões como maior do que, menor do que, mais pesado que, ou mais leve que para comparar quantidades e grandezas.
- Ordenar temporalmente acontecimentos familiares, ou partes de histórias.
- Conhecer a rotina da semana e do dia da sua sala.
- Compreender que os objectos têm atributos medíveis, como comprimento ou volume ou massa.

3.3.6. Área das TIC

- Explorar livremente jogos e outras actividades lúdicas acedendo a programas e a páginas da Internet a partir do ambiente de trabalho, disponibilizadas pelo educador.

- Identificar as tecnologias como meios que favorecem a comunicação e o fortalecimento de relações de reciprocidade com outras pessoas (família/escola; comunidade/escola; escola/).
- Representar acontecimentos e experiências da vida quotidiana ou situações imaginadas, usando, com o apoio do educador, ferramentas digitais que permitam inserir imagens, palavras e sons.
- Utilizar as funcionalidades básicas de algumas ferramentas digitais (e.g. programas de desenho) como forma de expressão livre.
- Participar na definição de regras, comportamentos e atitudes a adoptar relativamente ao uso dos equipamentos e ferramentas digitais, incluindo regras de respeito pelo trabalho dos outros.
- Cuidar e responsabilizar a utilização de equipamentos e ferramentas digitais, observando as normas elementares de segurança definidas em grupo (e.g. ligar/desligar computador; cuidado com as tomadas).

3.3.7. Área do Conhecimento do Mundo

- Utilizar noções espaciais relativas a partir da sua perspectiva como observador (exemplos: em cima/em baixo, dentro/fora, entre, perto/ longe, atrás/ à frente, à esquerda/à direita.).
- Localizar elementos dos seus espaços de vivência e movimento (exemplos: sala de actividades, escola, habitação, outros) em relação a si mesma, uns em relação aos outros e associa-os às suas finalidades.
- Identificar elementos conhecidos numa fotografia e confronta-os com a realidade observada.
- Descrever itinerários diários (exemplos: casa -escola; casa ou escola -casa de familiares) e não diários (exemplos: passeios, visitas de estudo).
- Reconhecer diferentes formas de representação da Terra e identificar, nas mesmas, alguns lugares.
- Distinguir unidades de tempo básicas (dia e noite, manhã e tarde, semana, estações do ano, ano).

- Nomear, ordenar e estabelecer sequências de diferentes momentos da rotina diária e reconhecer outros momentos importantes de vida pessoal e da comunidade (exemplos: aniversários e festividades).
- Identificar algumas diferenças e semelhanças entre meios diversos e ao longo de tempos diferentes (exemplos: diferenças e semelhanças no vestuário e na habitação em aldeias e cidades actuais, ou na actualidade e na época dos castelos, príncipes e princesas).
- Representar (através de desenho ou de outros meios) lugares reais ou imaginários e descreve-os oralmente.
- Identificar elementos do ambiente natural (exemplos: estados de tempo, rochas, acidentes orográficos, linhas de água, flora...) e social (exemplos: construções, vias e meios de comunicação, serviços...) de um lugar.
- Formular questões sobre lugares, contextos e acontecimentos que observa (directa ou indirectamente) no seu quotidiano.
- Estabelecer semelhanças e diferenças entre materiais e entre materiais e objectos, segundo algumas propriedades simples (exemplos: textura, cor, cheiro, resistência, dureza, som que produzem...).
- Classificar materiais por grandes grupos (exemplos: metais, plásticos, papéis...) relacionando as suas propriedades com a função de uso dos objectos feitos a partir deles.
- Identificar a origem de um dado material de uso corrente (animal, vegetal ou mineral).
- Identificar comportamentos distintos de materiais (exemplos: atracção/não atracção de materiais por um íman; conservação de um cubo de gelo; separação dos componentes de uma mistura de água com areia; tipo de imagens de um objecto em diferentes tipos de espelho).
- Identificar, designar e localizar correctamente diferentes partes externas do corpo, e reconhece a sua identidade sexual.

- Identificar-se (nome completo, idade, nome de familiares mais próximos, localidade onde vive e nacionalidade), reconhecendo as suas características individuais.
- Expressar um sentido de conhecimento de si mesma e de pertença a um lugar e a um tempo.
- Reconhecer que o ser humano tem necessidades fisiológicas (sede, fome, repouso...), de segurança (abrigo e protecção), sociais (pertença e afecto...), de estima (reconhecimento, estatuto...) e de auto-realização e que passa por um processo de crescimento e desenvolvimento, explicando semelhanças e diferenças entre estas necessidades humanas e as de outros seres vivos.
- Identificar permanência e mudança nos processos de crescimento, associando-o a diferentes fases nos seres vivos, incluindo o ser humano (bebé, criança, adolescente, jovem, adulto, idoso).
- Verificar que os animais apresentam características próprias e únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios (exemplos: locomoção, revestimento, reprodução...).
- Identificar as diferentes partes constituintes de vários tipos de animais e reconhece alguns aspectos das suas características físicas e modos de vida (exemplos: formigas, caracóis, caranguejos e periquitos...).
- Comparar o processo de germinação de sementes distintas e o crescimento de plantas, através de experiências, distinguindo as diferentes partes de uma planta.
- Identificar algumas profissões e serviços no seu meio familiar e local, ou noutros que conheça.
- Reconstruir relatos acerca de situações do presente e do passado, pessoal, local ou outro, e distingue situações reais (épocas antigas e modernas) de ficcionais (exemplos: contos de fadas, homem aranha...).
- Antecipar acções simples para o seu futuro próximo e mais distante, a partir de contextos presentes (exemplos: o que vou fazer logo, amanhã, o que vou fazer no meu aniversário, quando for grande

- Ordenar acontecimentos, momentos de um relato ou imagens com sequência temporal construindo uma narrativa cronológica, mobilizando linguagem oral e outras formas de expressão.
- Ordenar acontecimentos, momentos de um relato ou imagens com sequência temporal construindo uma narrativa cronológica, mobilizando linguagem oral e outras formas de expressão.
- Situar-se socialmente numa família (relacionando graus de parentesco simples) e também noutros grupos sociais de pertença, reconhecendo a sua identidade pessoal e cultural.
- Descrever a importância da separação dos resíduos sólidos domésticos, identificando os materiais a colocar em cada um dos ecopontos
- Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente, indicando algumas práticas adequadas (exemplos: não desperdiçar água e electricidade; não deitar papéis e outros resíduos para o chão).
- Identificar sequências de ciclos de vida de diferentes fenómenos que estão relacionados com a sua vida diária (exemplos: a noite e o dia, as estações do ano, os estados do tempo, com a forma de vestir, com as actividades a realizar).
- Usar e justificar algumas razões de práticas de higiene corporal, alimentar, saúde e segurança (exemplos: lavar as mãos antes das refeições e sempre que necessário, lavar os dentes, lavar os alimentos que se consomem crus, evitar o consumo excessivo de doces e refrigerantes, ir periodicamente ao médico, caminhar pelo passeio, atravessar nas passadeiras, respeitar semáforos, cuidados a ter com produtos perigosos).
- Reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando atitudes de respeito pela diversidade.

4-Metodologia

4.1-Opções para o desenvolvimento da prática educativa:

- Perspectiva integradora de todos os saberes.
- Transversalidade dos saberes.
- Trabalho Cooperativo.
- Intencionalidade na organização do Ambiente Educativo: espaço, tempo e materiais.
- Estruturação das Aprendizagens através da autonomia nas escolhas, planificação, investigação, experimentação, sistematização e avaliação.
- Participação nos Projectos/Actividades do Agrupamento e Junta de Freguesia de Carnide: Integração da família e da comunidade como parceiras no processo educativo
- Desenvolver momentos formais e informais de ligação com as famílias.

5-Avaliação

5.1-A avaliação na educação pré-escolar

5.1.1-Enquadramento normativo

- Despacho nº 5220/97 de 4 de Agosto (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar)
- Ofício Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de Outubro da DGIDC (Gestão do Currículo na Educação Pré-escolar)
- Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto (Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância)
- Metas de Aprendizagem para o final da educação pré-escolar
- Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011 de 11 de Abril (Avaliação na Educação Pré-escolar).

5.1.2-Finalidades

- Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planear a acção.
- Reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens.
- Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI) dos alunos com necessidades educativas especiais.
- Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma.
- Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.
- Conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.

A organização do ambiente educativo, traduzido em contextos de aprendizagem, e a intencionalidade pedagógica, reflectida nas situações e oportunidades educativas proporcionadas às crianças, bem como as características do seu ambiente familiar e sociocultural são elementos essenciais, a considerar no processo avaliativo.

5.1.3-Princípios da avaliação:

A avaliação assenta nos seguintes princípios:

- Carácter holístico e contextualizado do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.
- Coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas OCEPE.
- Utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados.
- Carácter formativo.
- Valorização dos progressos da criança.

- Promoção da igualdade de oportunidades e equidade.
- O educador “ avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.”

5.1.4-Momentos da avaliação:

De acordo com o Despacho nº 11120-A/2010 de 6 de Julho, os tempos dedicados à avaliação (3 dias) são obrigatoriamente coincidentes com os períodos de avaliação estipulados para os outros níveis de ensino, de forma a permitir a articulação entre os educadores de infância e os docentes do 1.º ciclo do ensino básico e tendo como objectivo a passagem de informação integrada sobre as aprendizagens e os progressos realizados por cada criança, a sequencialidade e a continuidade educativas, promotoras da articulação curricular.

- **A avaliação diagnóstica** no início do ano lectivo, realizada pelo educador, tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. (Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa, no âmbito do projecto curricular de grupo.)
- **Avaliação formativa**, de forma a permitir a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo também para a elaboração, adequação e reformulação do projecto curricular de grupo e ainda para facilitar a integração da criança no contexto educativo.
- **Avaliação no final de cada período:**
 - Avaliação do Plano Anual de Actividades – em articulação com os outros níveis de ensino, privilegiando o 1ºciclo do ensino básico.
 - Avaliação do Projecto Curricular de Grupo.
 - Avaliação do PEI.
 - Avaliação das aprendizagens das crianças.
 - Avaliação das actividades desenvolvidas na Componente de Apoio à Família.
 - Informação descritiva aos encarregados de educação sobre as aprendizagens e os progressos de cada criança.

A diversidade de técnicas e instrumentos de observação e registo utilizados na recolha de informação permite ao educador “ver” a criança sob vários ângulos de modo a poder acompanhar a evolução das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que vai

fornecendo elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa. Neste sentido os instrumentos de avaliação são adaptados para responder às necessidades individuais das crianças.

Considerando que a avaliação é realizada em contexto, qualquer momento de interacção, qualquer tarefa realizada pode permitir ao educador a recolha de informação sobre a criança e o grupo, tendo como finalidade registar evidências das aprendizagens realizadas pelas crianças que permitam documentar os seus progressos, acompanhar a sua evolução e simultaneamente recolher elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa.

6 - Divulgação do Projecto

É importante no decorrer de todo o nosso trabalho envolver a comunidade através da divulgação do plano de actividades assim como da sua concretização.

De modo a permitir esta partilha, ao longo do ano serão marcadas reuniões de pais.

Para além desta forma de divulgação, poderão ser organizadas exposições temáticas ao longo do ano, abertas à comunidade escolar bem como outras estratégias que tornem visível o trabalho desenvolvido.

Anexo 2.4
Regras de Funcionamento do jardim de Infância

Horário (Jardim de Infância):

Manhã: 09h00m/12h00m
Almoço: 12h00m/13h15m
Tarde: 13h15m/15h15m

Horário (CAF):

Manhã: 08:00h/09:00h
Tarde: 15:15h/18:00h
Prolongamento: 18h/19:30h

**A ESCOLA É DE TODOS E
TODOS SOMOS
RESPONSÁVEIS POR ELA!**

Contatos:

Escola Básica do 2º e 3º Ciclos (Sede do Agrupamento) Tel. 217121760
Escola Básica do 1º Ciclo Professora Aida Vieira tel. 217169300
Jardim-de-infância do Bairro Padre Cruz Tel. 217153601/925783728

Agrupamento Escolar do Bairro Padre Cruz
Escola Básica do 2º e 3º Ciclos (Sede do Agrupamento)
Escola Básica do 1º Ciclo Professora Aida Vieira
Jardim-de-infância

Regras de Funcionamento

Jardim-de-infância

Pais, este Jardim-de-infância irá fazer parte da vida do vosso filho... Aqui vai passar alguns anos importantes para o seu futuro! Vai trabalhar, conviver, brincar, aprender... vai crescer! Leiam com atenção as Normas de Funcionamento participando e colaborando para que tudo corra bem.

Ano letivo 2012/2013

Anexo 2.5
Despacho Conjunto nº 268/97 de 25 de agosto



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E
SEGURANÇA SOCIAL**

**Define os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e
funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar**

A necessidade de garantir o alargamento e expansão da rede nacional de educação pré-escolar é objectivo prioritário do Governo, tendo o Decreto-Lei n.º 147/97, de 11 de Junho, publicado na sequência da aprovação pela Assembleia da República da Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro, Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, clarificado o papel do Estado e dos demais parceiros educativos e definido os mecanismos de apoio à criação e funcionamento dos estabelecimentos de educação pré-escolar, bem como o correspondente sistema de incentivos financeiros.

No sentido de assegurar que o processo de desenvolvimento e expansão da rede nacional de educação pré-escolar respeite critérios que salvaguardem a qualidade educativa, torna-se necessário, de acordo com o disposto no n.º 2 do artigo 25º do Decreto-lei n.º 147/97, de 11 de Junho, definir os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar.

Nestes termos, determina-se:

1 - A programação dos estabelecimentos de educação pré-escolar deverá ter em conta os seguintes critérios gerais:

- a) Integração ou associação dos estabelecimentos de educação pré-escolar, num determinado local ou numa determinada área geográfica, com os vários equipamentos colectivos, nomeadamente com estabelecimentos de ensino, ou mesmo com outro tipo de equipamento colectivo manifestamente compatível com aqueles, numa perspectiva de racionalização e articulação da

gestão e utilização dos recursos físicos e humanos existentes e dos que vierem a ser criados;

b) Versatilidade na criação ou na reconversão de instalações destinadas aos estabelecimentos de educação pré-escolar, de modo a permitirem adaptações à evolução da procura e à dinâmica dos métodos e objectivos pedagógicos, educacionais e de apoio social;

c) Variedade de tipologias de estabelecimentos de modo a adequar as funções, o tipo de atendimento oferecido e as dimensões dos estabelecimentos de educação pré-escolar à especificidade de cada local ou região tendo em conta a conjugação de princípios de carácter pedagógico, educacional, apoio social, administrativo, financeiro e arquitectónico.

2 - Podendo a educação pré-escolar ser realizada em estabelecimentos distintos ou incluídos em outro tipo de equipamento escolar ou colectivo manifestamente compatíveis, há que estabelecer normas para a edificação destas instalações, que, sem prejuízo de outras que vierem a ser propostas e autorizadas pelos serviços competentes, orientem o reordenamento da rede nacional da educação pré-escolar e respectivas modalidades, numa perspectiva global de racionalização e rentabilização do parque existente e de criação de novas unidades.

3 - Desta forma, quando a necessidade de criação de uma única sala de actividades se verificar, a solução poderá passar pela sua integração noutro tipo de equipamento colectivo.

4- Os critérios e as regras de associação e integração, dimensionamento e interligação dos espaços, bem como as de funcionamento e gestão, serão objecto de regulamentação posterior.

5 - A localização dos estabelecimentos de educação pré-escolar deve estar de acordo com critérios que satisfaçam as determinações de construção de uma rede nacional equilibrada, de uma adequada inserção sócio-cultural e urbana e ainda os pressupostos de segurança e bem-estar dos seus potenciais utilizadores, pelo que seguidamente se definem as condições a ter em conta na localização destes estabelecimentos, referindo-se sobretudo complementaridades e incompatibilidades com outro tipo de instalações, bem

como as características especiais a que os locais deverão obedecer.

6 - Sem prejuízo da aplicação de legislação ou normas existentes que regulamentam as instalações e locais a seguir referidos (servidões e áreas de protecção a determinados tipos de instalações e locais), as condições de segurança e salubridade que devem presidir à localização dos estabelecimentos de educação pré-escolar passam pela não selecção de locais:

- a) Em cuja zona de influência existam outras instalações subutilizadas;
- b) Sob linhas aéreas de transporte de energia, nem nas respectivas faixas de protecção;
- c) No raio de influência de estabelecimentos industriais qualificados como insalubres, tóxicos ou perigosos ou de outras fontes de vibrações, ruídos, poeiras, fumos, gases venenosos e maus cheiros;
- d) Na proximidade de lixeiras, aterros sanitários, depósitos de produtos inflamáveis, esgotos a céu aberto, áreas pantanosas, encostas perigosas e pedreiras;
- e) Na proximidade de aeroportos e de estabelecimentos militares.

7 - As condições de inserção urbana que devem presidir à localização dos estabelecimentos de educação pré-escolar passam pela escolha de locais que:

- a) Se situem sempre nos aglomerados populacionais e o mais próximo possível das áreas residenciais que servem;
- b) Se situem junto a equipamentos colectivos existentes e ou previstos - creches, estabelecimentos de ensino básico e secundário, para idosos, instalações desportivas, jardins públicos, casas do povo, juntas de freguesia -, podendo mesmo vir a constituir-se, com alguns desses equipamentos, unidades de equipamento integrado;
- c) Garantam fácil acesso, comodidade e segurança a peões e a veículos - inexistência de cruzamentos perigosos ou outros obstáculos nos percursos utilizados;
- d) Garantam a fácil obtenção de infra-estruturas - abastecimento de água,

fornecimento de energia eléctrica, ligação à rede pública de esgotos residuais e pluviais, e recolha de lixos.

8 - As condições que devem presidir à escolha de terrenos para criação de novas instalações (construção de raiz e ou reconversões) dos estabelecimentos de educação pré-escolar passam pela análise, entre outras, das seguintes características:

a) Orientação - os locais deverão ser escolhidos em função das condições de exposição solar, pelo que será de ter em linha de conta as características climáticas do local. Assim, evitar a exposição aos ventos dominantes ou então atenuar esses inconvenientes através de criação de cortinas vegetais e ou elevações do terreno;

b) Salubridade - os locais não deverão ser atravessados por linhas de água não canalizadas, não devem ser demasiado húmidos, devem ser arejados, pelo que se deverá acautelar a sua localização em baixios propensos à formação de geada ou bancos de nevoeiro, a não ser que a exposição solar compense tais inconvenientes;

c) Tipografia - inclinações muito pronunciadas, desníveis bruscos, más condições de estabilidade de terras;

d) Características geológicas - permitir a execução de fundações directas a pequena profundidade, evitar terrenos de aterro ou de aluvião -, se forem rochosos, ver as possibilidades de escavação, de implantação de canalizações e de desenvolvimento de espécies vegetais;

e) Vegetação - respeitar as características ecológicas do local, preservar as espécies arbóreas e vegetação existente, a não ser quando se verifique que aquelas espécies põem em risco a saúde.

9 - Sendo os estabelecimentos de educação pré-escolar susceptíveis de serem concretizados em instalações constituídas por edifícios e espaços exteriores, construídos especialmente para os acolher ou em edifícios e espaços exteriores existentes a adaptar ou reconverter às exigências de funcionamento destes estabelecimentos, deverá ter-se em consideração o seguinte:

a) Os espaços destinados às crianças deverão desenvolver-se em piso

térreo;

b) As caves não poderão ser ocupadas por espaços destinados a actividades a realizar pelas crianças ou adultos, a não ser que mais de metade do seu perímetro não seja enterrado nem proporcione na sua compartimentação espaços interiores, exceptuando-se instalações sanitárias e arrecadações;

c) As instalações deverão assegurar, quer no seu interior quer no seu exterior, a eliminação de barreiras físicas, nomeadamente no que se refere a acessos, circulações, instalações sanitárias, uma vez que essas barreiras e a inadequação das condições ambientais constituem um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento global e harmonioso da criança e em particular da criança com deficiência;

d) A distância a observar entre os edifícios e outras construções, fora ou dentro do perímetro das instalações, deverá ser tal que permita uma boa iluminação do seu interior.

10 - Considerando que as diferentes actividades que se desenvolvem nas instalações dos estabelecimentos de educação pré-escolar, pedagógicas, educativas, organizativas, de gestão e de interacção com a comunidade implicam a existência de ambientes diversificados, quer interiores quer exteriores, os espaços mínimos a considerar na criação dessas instalações são:

a) Sala de actividades;

b) Vestiário e instalações sanitárias para crianças;

c) Sala polivalente;

d) Espaço para equipamento de cozinha, arrumo e armazenamento de produtos alimentares;

e) Gabinete, incluindo espaço para arrecadação de material didáctico;

f) Espaço para arrumar materiais de limpeza;

g) Instalações sanitárias para adultos;

h) Espaços de jogo ao ar livre.

Nos jardins-de-infância integrados em equipamentos colectivos deverá ser promovida a utilização comum de alguns espaços e equipamento.

11 - Na concepção das instalações para os estabelecimentos de educação pré-escolar, quer eles se constituam em unidades de equipamento integrado, quer em unidades distintas, deverão ser respeitadas regras de composição e organização funcional, aspectos de conforto ambiental e de carácter construtivo - constantes em diplomas legais aplicáveis e no presente despacho - ponderados que foram os requisitos inerentes ao tipo de utentes a alojar, ao tipo de atendimento preconizado, às compatibilidades e incompatibilidades entre as várias funções e actividades, de modo que a fruição e a partilha dos espaços se faça de forma equilibrada, aprazível e segura.

12 - As instalações devem ser concebidas de forma a satisfazer as exigências inerentes às suas funções e a proporcionar boas condições de habitabilidade e de segurança. Para tanto, no acto de implementar, conceber e construir deverão ser observadas as normas e diplomas legais sobre a matéria.

13 - Para efeitos do disposto no presente despacho, entendendo-se por habitabilidade a capacidade dos edifícios, seus componentes e equipamentos satisfazerem as exigências dos utentes relativamente a condições de salubridade e conforto e por segurança a capacidade dos edifícios, seus componentes e equipamentos, garantirem a salvaguarda da vida e integridade física dos utilizadores, face aos diferentes riscos previsíveis.

14 - De forma genérica, e tendo por base o documento «Exigências Funcionais e Construtivas para Edifícios Escolares» - LNEC, MOPTC, Lisboa, Abril de 1993, enunciam-se algumas das condições de habitabilidade e de segurança que deverão ser consideradas:

a) Os materiais utilizados e ou revestimentos de pavimentos, paredes, tectos e de outros elementos construtivos deverão ser confortáveis (visual e tactilmente), resistentes, não tóxicos, não inflamáveis e de fácil manutenção;

b) Os materiais utilizados e ou revestimentos de pavimentos, paredes, tectos e de outros elementos construtivos não deverão apresentar arestas cortantes, ter esquinas com ângulos vivos, saliências ou superfícies rugosas que ponham em risco a integridade física dos que as contactarem

directamente;

c) Os materiais e ou revestimentos a utilizar nas circulações, quer interiores quer exteriores, devem ser concebidos e aplicados de forma a evitar acidentes devidos a escorregamento (pisos escorregadios), a queda por obstrução (dimensão e geometria dos espaços de passagem), queda por desamparo (inclinações bruscas de escadas e rampas, ausência de corrimãos adequados) e a tropeçamento por ausência ou indicação da existência de obstáculos (saliências pontuais nos pavimentos ou degraus isolados, elementos verticais quebráveis sob a acção do choque, elementos transparentes não assinaláveis, insuficiente iluminação dos locais);

d) As vedações e guardas utilizadas, designadamente em escadas, janelas, varandas, galerias e coberturas, devem ter altura de protecção adequada ao fim e aos prováveis utilizadores, impedir a passagem através das guardas e ser estáveis, resistentes e plasticamente agradáveis;

e) Os elementos de construção, as instalações e os equipamentos dos edifícios devem ser concebidos e dimensionados de modo a limitar o risco de deflagração de incêndio, dispondo de meios de detecção, de alarme, de alerta e de combate imediato (por exemplo: extintores de incêndio);

f) As instalações e os equipamentos eléctricos devem ser concebidos e localizados por forma a evitar a ocorrência de acidentes pessoais, nomeadamente duvidosa electrocussão, explosão, queimaduras, e a sua manobra deve fazer-se sem perigo nem riscos de lesões para os utentes;

g) As instalações e os equipamentos de gás e outros combustíveis devem ser concebidos e localizados por forma a evitar a ocorrência de acidentes pessoais nomeadamente devidos a asfixia, intoxicação, explosão, queimaduras, e a sua manobra deve fazer-se sem perigo nem riscos de lesões para os utentes;

h) O ar ambiente no interior dos edifícios deve manter condições de qualidade apropriadas para a conservação da saúde dos ocupantes, não devendo conter gases, poeiras e aerossóis nocivos em teores excessivos.

15 - A definição e caracterização dos espaços necessários ao desenvolvimento das actividades que ocorrem nos estabelecimentos adaptados para a educação

pré-escolar, o seu dimensionamento e interligações estão sintetizados e sistematizados nas fichas de caracterização de espaços constantes do anexo n.º 1 ao presente despacho e que dele faz parte integrante.

16 - A definição e caracterização dos espaços necessários ao desenvolvimento das actividades que ocorrem nos estabelecimentos construídos de raiz para a educação pré-escolar, o seu dimensionamento e interligações estão sintetizados e sistematizados nas fichas de caracterização de espaços constantes do anexo n.º 2 ao presente despacho e que dele faz parte integrante.

ANEXO N.º 1

Ficha n.º 1 - Sala de actividades

Este espaço destina-se ao desenvolvimento de actividades educativas a realizar pelas crianças, individualmente ou em grupo.

Deve ser concebido de forma a:

Permitir a utilização e visionamento de meios audio-visuais

Permitir o obscurecimento parcial e total;

Permitir o contacto visual com o exterior através de portas ou janelas;

Permitir a protecção solar;

Proporcionar o acesso fácil ao exterior;

Permitir a fixação de paramentos verticais de expositores e quadros;

Possuir uma zona de bancada fixa com cuba, ponto de água e esgoto, sempre que possível.

Localização: contígua a outra(s) sala(s) de actividades. Comunicação fácil com os vestiários das crianças. Comunicação fácil ou, sempre que possível, directa com o exterior.

Área: 40 m² a 50 m².

Proporcionar condições acústicas adequadas;

Permitir a fixação de expositores;

Pode servir como sala de repouso (equipamento desmontável) e de recreio coberto.

A área útil deste espaço, quando existem outros níveis de ensino, deverá ser equacionada de acordo com a existência de espaços com finalidades semelhantes.

Localização: sempre que possível, próxima da(s) sala(s) de actividades e com comunicação directa ou fácil com o exterior.

Área: conforme a dimensão do estabelecimento, mas nunca inferior à área da maior sala de actividades.

Pé-direito: 3 m. (*)

Pavimento: confortável, resistente, lavável, antiderrapante e pouco reflector de som.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras, devem permitir um bom isolamento térmico e acústico. Portas com 0,9 m de largura mínima.

Tecto: cor clara, permitindo boa reflexão da luz e absorção do som.

Iluminação natural: 20 % a 25% da área do pavimento.

Aquecimento: de acordo com zonas climáticas.

Ventilação: natural, transversal superior.

(*) Só é permitido 2,6 m de pé-direito em reconversões/adaptações de edifícios, medindo-se aquela altura conforme o descrito e condições expressas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e alterações.

Ficha n.º 3 - Vestiário das crianças

Espaço destinado ao arrumo de vestuário e objectos pessoais das crianças.

Deve, sempre que possível, ser autónomo da(s) sala(s) de actividades.

Localização: sempre que possível, junto à(s) sala(s) de actividades.

Ficha n.º 4 - Instalações sanitárias/crianças

Espaço destinado à higiene pessoal das crianças.

Deverá ser observada a proporção de:

Uma sanita/10 crianças (separadas por baias com um máximo de 1,2 m e sem portas);

Um lavatório/10 crianças (grandes, colocados à altura das crianças);

Um duche (água quente).

Pelo menos uma sanita deverá ter «apoios» para as crianças com dificuldades de locomoção.

Localização: próximo da(s) sala(s) de actividades, permitindo fácil comunicação com a(s) mesma(s).

Área: variável.

Pé-direito: 2,6 m a 3 m (*)

Pavimento: resistente à lavagem e de fácil manutenção.

Inclinação (2 %) para escoamento.

Paredes: lambril lavável e impermeável, restante parede pintada a tinta de água,

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação natural: sempre que possível.

Ventilação: natural ou forçada (mesmo que existam fenestragões).

Água: sim.

Esgoto: sim.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes ou incandescentes estanques

Equipamento fixo: sanitas, lavatórios, toalheiros ou secadores de mão, espelhos, suportes para papel higiénico e base para duche servida por chuveiro manual.

(*) Só é permitido 2,6 m de pé-direito em reconversões/adaptações de edifícios, medindo-se aquela altura conforme o descrito e condições expressas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e alterações.

Ficha n.º 5 - Instalações sanitárias/adultos

Área: variável.

Pé-direito: 2,6 m a 3 m (*)

Pavimento: resistente a lavagem e de fácil manutenção.

Inclinação (2 %) para escoamento de águas.

Paredes: lambril lavável e impermeável, restante parede pintada a tinta de água.

Fenestranças superiores, sempre que possível.

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação natural: sempre que possível.

Ventilação: natural ou forçada (será de considerar mesmo que existam fenestranças).

Água: sim.

Esgoto: sim.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes ou incandescentes estanques.

Equipamento fixo: sanitas, lavatórios, toalheiros ou secadores de mão, espelhos, suportes para papel higiénico.

(*) Só é permitido 2,6 m de pé-direito em reconversões/adaptações de edifícios, medindo-se aquela altura conforme o descrito e condições expressas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e alterações.

Ficha n.º 6 – Gabinete

Espaço destinado ao trabalho individual ou em grupo, onde se desenvolvem, entre outras, as seguintes actividades:

Direcção, administração e gestão do estabelecimento;

Trabalho individual;

Trabalho de grupo - realização de reuniões de pais, de educadores, de outros;

Atendimento, de pais, educadores, elementos da comunidade.

Este espaço deve permitir a arrumação e arrecadação de material didáctico.

Localização: sempre que possível próximo da entrada.

Área: cerca de 9 m²

Pé-direito: 2,6 m a 3 m (*)

Pavimento: confortável e de fácil manutenção.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras.

Tecto: cor clara.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro.

Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes.

Tomada para telefone.

(*) Só é permitido 2,6 m de pé-direito em reconversões/adaptações de

edifícios, medindo-se aquela altura conforme o descrito e condições expressas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e alterações.

Ficha n.º 7 Espaço para equipamento de cozinha

Espaço destinado confecção e aquecimento de refeições.

O equipamento deve ser funcional.

Localização: sempre que possível, próxima da sala de refeições.

Área: variável.

Pé-direito: 2,6 m a 3 m(*).

Pavimento: resistente à lavagem e de fácil manutenção.

Paredes: lambril lavável e impermeável, restante parede pintada a tinta de água.

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação: natural.

Ventilação: natural e forçada (exaustor de cheiros).

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro.

Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes.

Electrocutor de insectos.

(*) Só é permitido 2,6 m de pé-direito em reconversões/adaptações de edifícios, medindo-se aquela altura conforme o descrito e condições expressas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU), e alterações.

Ficha n.º 8 - Espaço exterior

Espaço exterior organizado de forma a oferecer ambientes diversificados que permitam a realização de actividades lúdicas e educativas. Deve, quando possível, incluir área coberta, ponto de água e pequena arrecadação (material

de exterior, de jardinagem, lenha, etc.).

A organização e o apetrechamento do espaço exterior devem assegurar condições de segurança para a realização de múltiplas actividades.

Localização: junto ou em volta do edifício, acesso fácil à(s) sala(s) de actividades.

Dimensionamento: não inferior ao dobro da área da(s) sala(s) de actividades, incluindo o espaço de zona coberta.

Condições de segurança: o espaço deverá ser delimitado de forma não agressiva, mas que garanta condições de segurança (por exemplo com vedação ou sebe natural).

ANEXO N. 2

Ficha n.º 1 - Sala de actividades

Este espaço destina-se ao desenvolvimento de actividades educativas a realizar pelas crianças individualmente ou em grupo,

Deve ser concebido de forma a:

Permitir a utilização e visionamento de meios áudio-visuais;

Permitir o obscurecimento parcial e total;

Permitir o contacto visual com o exterior através de portas ou janelas;

Permitir a protecção solar;

Proporcionar o acesso fácil ao exterior;

Permitir a fixação de paramentos verticais de expositores e quadros;

Possuir uma zona de bancada fixa com cuba, ponto de água e esgoto.

Localização: contígua a outra(s) sala(s) de actividades. Comunicação fácil com os vestiários das crianças. Comunicação fácil ou, sempre que possível, directa com o exterior.

Área: 50 m².

Pé-direito: 3 m.

Número de utentes: 25, máximo.

Área/criança: 2 m².

Pavimento: confortável, resistente, lavável, antiderrapante e pouco reflector de som.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras. Devem permitir a fixação de expositores e quadros e garantir um bom isolamento térmico e acústico.

Portas com 0,9 m de largura mínima. Janelas com pano direito de 0,65 m de altura máxima. Lambril impermeável na zona da bancada fixa com cuba de água e esgoto, sempre que esta exista.

Tecto: cor clara, permitindo uma boa reflexão de luz e absorção do som.

Ventilação: natural, transversal superior.

Iluminação natural: 25 % da área do pavimento.

Aquecimento: conforme as zonas climáticas.

Ficha n.º 2 - Sala polivalente

Este espaço deverá permitir a prática de actividades educativas e lúdicas, para além de responder à realização de manifestações de carácter cultural e recreativo, abertas à comunidade.

Deve ser concebido de forma a:

Permitir a utilização e visionamento de meios áudio-visuais;

Permitir o obscurecimento parcial e total;

Permitir a protecção solar;

Proporcionar condições acústicas adequadas;

Permitir a fixação de expositores;

Pode servir como sala de repouso (equipamento desmontável) e de recreio coberto.

A área útil deste espaço, quando existem outros níveis de ensino, deverá ser equacionada de acordo com a existência de espaços com finalidades semelhantes.

Localização: sempre que possível, próxima da(s) sala(s) de actividades e com comunicação directa ou fácil com o exterior.

Área: conforme a dimensão do estabelecimento, mas nunca inferior à área da maior sala de actividades.

Pé-direito: 3 m.

Pavimento: confortável, resistente, lavável, antiderrapante e pouco reflector de som.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras, devem permitir um bom isolamento térmico e acústico. Portas com 0,9 m de largura mínima.

Tecto: cor clara, permitindo boa reflexão da luz e absorção do som.

Iluminação natural: 25 % da área do pavimento.

Aquecimento: de acordo com zonas climáticas.

Ventilação: natural, transversal superior.

Ficha n.º 3 - Sala de refeições

Este espaço é destinado ao serviço de refeições. Deve existir sempre que o número de utentes o justificar.

Deve:

Permitir a protecção solar;

Proporcionar condições acústicas adequadas;

Permitir a fixação de expositores.

A área útil deste espaço, quando existem outros níveis de ensino, deverá ser equacionada de acordo com o número de utentes.

Localização: próxima da cozinha.

Área: conforme a dimensão do estabelecimento e o número de utentes.

Pé-direito: 3 m.

Pavimento: confortável, resistente, lavável, antiderrapante e pouco reflector de som.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras, devem permitir um bom isolamento térmico e acústico. Portas com 0,9 m de largura mínima.

Tecto: cor clara, permitindo boa reflexão da luz e absorção do som .

Iluminação natural: 25 % da área do pavimento.

Aquecimento: de acordo com zonas climáticas.

Ventilação: natural, transversal superior.

Equipamento eléctrico: armaduras com lâmpadas fluorescentes com difusor de lamelas de alumínio puro. Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes. Electrocutor de insectos.

Ficha n.º 4 - Vestiário das crianças

Espaço destinado ao arrumo de vestuário e objectos pessoais das crianças.

Deve ser autónomo da(s) sala(s) de actividades.

Localização: junto à(s) sala(s) de actividades.

Ficha n.º 5 - Instalações sanitárias/crianças

Espaço destinado à higiene pessoal das crianças.

Deverá ser observada a proporção de:

Uma sanita/10 crianças (separadas por baias com um máximo de 1,2 m e sem portas);

Um lavatório/10 crianças (grandes, colocados à altura das crianças);

Um duche (água quente).

Pelo menos uma sanita deverá ter «apoios» para as crianças com dificuldades de locomoção.

Localização: próximo da(s) sala(s) de actividades, permitindo fácil comunicação com a(s) mesma(s).

Área: variável.

Pé-direito - 3 m.

Pavimento: resistente à lavagem e de fácil manutenção.

Inclinação (2 %) para escoamento de águas.

Paredes: lambril lavável e impermeável, restante parede pintada a tinta de água.

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação natural: sempre que possível.

Ventilação: natural ou forçada (mesmo que existam fenestrações).

Água: sim.

Esgoto: sim.

Equipamentos eléctricos: armaduras para lâmpadas fluorescentes ou incandescentes estanques.

Equipamento fixo: sanitas, lavatórios, toalheiros ou secadores de mão, espelhos, suportes para papel higiénico e base para duche servida por chuveiro

manual.

Ficha n.º 6 - Instalações sanitárias/adultos

Devem ser em número adequado à capacidade do estabelecimento e de fácil acesso aos prováveis utilizadores.

Localização: próximo dos gabinetes, sempre que possível.

Área: variável.

Pé-direito: 3 m.

Pavimento: resistente à lavagem e de fácil manutenção.

Inclinação (2 %) para escoamento de águas.

Paredes: lambril lavável e impermeável, restante parede pintada a tinta de água.

Fenestranças superiores, sempre que possível.

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação natural: sempre que possível.

Ventilação: natural ou forçada (será de considerar mesmo que existam fenestranças).

Água: sim.

Esgoto: sim.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes ou incandescentes estanques.

Equipamento fixo: sanitas, lavatórios, toalheiros ou secadores de mão, espelhos, suportes para papel higiénico.

Ficha n.º 7 . Gabinete da direcção (*)

Espaço destinado à direcção, administração e gestão do estabelecimento, pelo

que deve proporcionar:

Trabalho individual;

Trabalho de grupo - realização de reuniões de pais, de educadores, de outros;

Atendimento de pais, educadores, elementos da comunidade

Localização: sempre que possível próximo da entrada.

Área: cerca de 9 m².

Pé-direito: 3 m.

Pavimento: confortável e de fácil manutenção.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras.

Tecto: cor clara.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro.

Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes.

Tomada para telefone.

(*) Deve existir sempre que o estabelecimento possua mais de quatro salas

de actividades.

Ficha n.º 8 - Secretaria (*)

Espaço destinado a actividades de atendimento, inscrições e apoio logístico aos órgãos de direcção, administração o gestão.

Deve ser concebido de forma a garantir:

Zona de atendimento ao público;

Zona de trabalho de secretaria;

Ligação ao público/informações, áreas de arquivo e vestiário;

Zona de reprodução de documentos de trabalho;

Segurança contra intrusão;

Zona para instalação de telefone geral.

Localização: próximo da entrada principal (átrio) e junto do gabinete da direcção.

Área: variável.

Pé direito: 3 m.

Pavimento: confortável e de fácil manutenção.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras.

Tecto: cor clara.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro.

Tomadas de usos gerais com alvéolos e em circuitos independentes.

Tomada para telefone.

(*) Este espaço deverá existir sempre que a dimensão do estabelecimento o justifique.

Ficha n.º 9 - Gabinete de educadores

Espaço destinado ao trabalho individual ou em grupo onde se desenvolvem, entre outras, as seguintes actividades:

Atendimento de pais e outros elementos da comunidade;

Planeamento, preparação e avaliação das actividades educativas e pedagógicas;

Prestação de primeiros socorros.

Deve ser concebido de forma a permitir a arrumação de material de apoio e de objectos pessoais.

Localização: sempre que possível, próximo da(s) sala(s) de actividade(s).

Área: cerca de 9 m².

Pé-direito: 3 m.

Pavimento: confortável e de fácil manutenção.

Paredes: laváveis, não abrasivas, cores claras.

Tecto: cor clara.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro. Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes.

(*) Este espaço deverá existir sempre que o estabelecimento tenha urna dimensão superior a quatro salas de actividades.

Ficha n.º 10 – Cozinha

Espaço destinado à confecção de refeições.

O equipamento deve ser funcional e de acordo com o número de refeições confeccionadas.

Localização: próxima da sala de refeições.

Área: variável.

Pé.direito: 3 m.

Pavimento: resistente à lavagem e de fácil manutenção.

Paredes: lambril lavável e impermeável a tinta de água.

Tecto: pintado a tinta de água.

Iluminação: natural.

Ventilação: natural e forçada (exaustor de cheiros).

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas fluorescentes com difusor em lamelas de alumínio puro.

Tomadas de usos gerais com alvéolos protegidos e em circuitos independentes.

Electrocutor de insectos.

Ficha n.º 11 – Arrecadações

Espaços para arrumo do equipamento, material didáctico e materiais de limpeza do edifício.

Devem ser concebidos de forma a possibilitar a fixação de prateleiras laváveis.

Área: num total de cerca de 9 m².

Pavimento: resistente à lavagem.

Paredes: lambril lavável e impermeável.

Tecto: pintado a tinta de água.

Equipamento eléctrico: armaduras para lâmpadas incandescentes e fluorescentes.

Ficha n.º 12 . Sala de repouso

A sala de repouso deverá existir quando necessária.

Deve permitir o obscurecimento.

Cada criança deverá ter o seu próprio equipamento para se deitar (colchão ou catre, lençol, manta e almofada).

Localização: próximo da(s) sala(s) de actividades e de fácil acesso aos sanitários.

Área: variável.

Pé-direito: 3 m

Pavimento: lavável, térmico, antiderrapante e acusticamente isolante.

Paredes: laváveis, de cor clara.

Tecto: cor clara.

Ventilação: natural, transversal superior.

Aquecimento: de acordo com zonas climáticas.

Iluminação natural.

Ficha n.º 13 - Espaço exterior

Espaço que inclui área coberta, organizado de forma a oferecer ambientes diversificados que permitam a realização de actividades lúdicas e educativas.

Deve incluir ponto de água e pequena arrecadação (material de exterior, de jardinagem, lenha, etc.).

A organização e o apetrechamento do espaço exterior devem assegurar condições de segurança para a realização de múltiplas actividades.

Localização: junto ou em volta do edifício, acesso fácil à(s) sala(s) de actividades.

Dimensionamento: não inferior ao dobro da área da(s) sala(s) de actividades, incluindo o espaço de zona coberta.

Condições de segurança: o espaço deverá ser delimitado de forma não agressiva mas que garanta condições de segurança (por exemplo: com vedação ou sebe natural).

Anexo 2.6
“Ficha da Classe” (Estrela, 1999)

FICHA DA CLASSE

Identificação da Escola

Nome: _____

Agrupamento: _____

Identificação da Classe: Ensino _____ Ano _____ Turma _____

1. A Classe na escola (situação actual)

Classe regular ☒

Classe especial ☐

Classe em situação de apoio ☐

2. Ensino diurno ☒

Ensino nocturno ☐

3. Horário da classe

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
-------	----------	----------	----------	----------	----------	--------

9h - 12h -

12h15 - 1h15 - ALMOÇO

13h15 - 15h15m

4. Tipo de ensino

Pré-primário ☒

1º ciclo ☐

2º ciclo ☐

3º ciclo ☐

5. Tipo de Classe

Classe mista ☒

Classe masculina ☐

Classe feminina ☐

6. Alunos com dificuldades de aprendizagem

Quais? 1 Aluno com necessidades educativas especiais

Alunos com deficiências

Quantos? Não

Que deficiências? _____

Têm apoio? _____

7. Número de alunos da classe

<20 ☐

20 a 25 ☒

25 a 30 ☐

>30 ☐

Outro número ☐ Qual? _____

8. Critério para a constituição da classe

- Idade ☒
- Retenções ☐
- Zonas de habitação ☐
- Escola ou turma de origem ☐
- Tipo ou nível de língua estrangeira ☐
- Outro critério ☐

Qual? Vi Quêchuo pene o pē -
eniden e an onienta. c.

9. Antecedentes da classe

Em continuidade ☐

<50% ☐

>50% ☐

Designação da classe de precedência 50% de grupo

De origens diferentes ☒

Por razões de: Mudança de ciclo ☐

Mudança de opção ☐

Retenção ☐

Outras ☐

Quais? _____

10. Actividades extracurriculares da classe

Da classe em geral ☐

Que actividades? _____

Só de alguns alunos ☐

Com quem? _____

De nenhuns alunos ☐

11. Observações

12. Síntese

1. Os alunos na classe

2. Idades

Idades (expressas em anos)	Frequência absoluta (nº de alunos por idades)
I1 _____	N1 _____
I2 _____	N2 _____
I3 _____	N3 _____
N4 _____	N4 _____
N5 _____	N5 _____
n6 _____	N6 _____
N=N1+N2+N3+N4+N5+N6	

a) Média das idades $\frac{I1+N1+N4+\dots}{N} = \dots$

N

b) Amplitude da distribuição:

Idade mais alta

Idade mais baixa

c) Moda (idade correspondente à frequência absoluta mais elevada)

3. Sexo dos alunos da classe

Masculino

Número de alunos do sexo

Feminino

4. Composição Social da Classe

Camadas	Alunos					
	Feminino		Masculino		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Superior						
Média - alta						
Média - baixa						
Inferior - alta						
Inferior - baixa						

1. Os professores na classe

2. Números de professores

Só um professor

☒

Vários professores

☐

Quantos? _____

3. A classe tem:

Todos os professores do ano anterior

☒

Alguns professores do ano anterior

☐

Que disciplinas? _____

Nenhum professor do ano anterior

☐

4. Categoria profissional dos professores da classe

Todos profissionalizados

☒

Alguns profissionalizados

☐

Que disciplinas? _____

Nenhum profissionalizado

☐

5. Idades e sexos dos professores por disciplina

Idades	Disciplinas															
	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂
<30 anos																
30 a 50 anos	162															
>50 anos	1															

RESUMO:

Número total de professores

♀

♂

Média das idades

6. Antiguidade dos professores da turma na escola

Tempo de serviço	Disciplinas							
1 ano								
2 anos								
+ de 2 anos	X							

7. Observações

8. Síntese

1. A coordenação da classe

2. Direcção de turma

Professor da disciplina Isabel Alvarado

Critério de escolha utilizado _____

2.1. Periodicidade das reuniões:

Periodicidade	Com os alunos	Com os professores	Com os encarregados de educação
Quinzenal			
Mensal		X	
Por período			X
Outras			

3. Delegado de turma

Nome _____

Eleito pela turma ☐

Votos a favor _____

Votos contra _____

Abstenções _____

Designado pelo Director de Turma ☐

4. Observações

5. Síntese

1. A classe e as instalações

- Sala única ou sala de maior permanência ☐

Com carteiras individuais ☐

Com carteiras de dois alunos ☐

Com mesas de grupo ☒

Diferentes casos de acordo com as aulas ☐

- Sempre em salas diferentes ☐

2. Distribuição dos alunos na sala:

Por números ☐

Por alturas ☐

Tendo em consideração problemas auditivos e visuais ☐

Tendo em conta outros aspectos ☐

Quais? _____

Sem critérios ☐

3. Plantas das salas onde funciona a classe

Sala.....

Sala.....

Sala.....

Sala.....

1. Estado de conservação da sala principal

	Mau	Aceitável	Bom
Vidros			X
Carteiras			X
Paredes			X
Chão			X
Quadro			X
Portas			X
Outros			

2. Observações

3. Síntese

Anexo 2.7
“Ficha para Avaliação da Organização do Espaço-Materiais no Jardim de
Infância” (Cardona,2007)

Anexo 2.8
“Guião para Avaliação da Organização do Tempo no Jardim de Infância”
(Cardona, 2007)

FICHA PARA AVALIAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO TEMPO NO JARDIM DE INFÂNCIA

Maria João Cardona in (Cadernos de Educação de Infância, n.º 81 - Agosto/2007)

Breve caracterização

Jardim-de-infância: Bairro Padre Cruz

N. de crianças do grupo: 19

Idades das crianças do grupo: 4,5 e 6 anos de idade

1. Início do ano escolar

1.1. Como foi definida a organização da sequência das atividades?

Pela educadora..

1.1.1. Só pelo/a educador/a? Como?

Sim.

1.1.2. Pelo/a educador/a em conjunto com o grupo de crianças? Como?

Não , apenas pela educadora.

1.2. Quais foram as estratégias utilizadas para a familiarização das crianças com a sequência diária das atividades?

Explicação e dialogo com as crianças, interiorização das regras e da rotina diária.

2. Alterações posteriores

2.1. Após a fase inicial do ano do ano escolar, a sequência diária das actividades sofreu algumas alterações? Quais?

Não.

2.1.1. Como foram definidas estas alterações?

2.1.1.1. Só pelo/a educador/a? Como?

2.1.1.2. Pelo/a educador/a em colaboração com as crianças? Como?

2.1.2. Porque surgiram estas alterações?

2.1.3. Que implicações tiveram estas alterações nas práticas de trabalho?

3. Organização actual

3.1. Qual é a sequência diária mais frequente?

Acolhimento; registo das presenças, do tempo e data; contagens das crianças, lanche da manhã, atividade central, recreio, higiene, almoço, hora do conto e continuação da atividade da manhã/áreas livres.

3.2. Qual é a duração (aproximada) de cada um dos momentos de actividades existentes na sequência diária?

É variável, depende do interesse das crianças e das atividades propostas.

3.3. Como é que cada um desses momentos de actividades é assinalado ao longo da sequência diária?

3.3.1. Pelo/a educador/a? Como?

Através do diálogo.

3.3.2. Pelo/a educador/a em colaboração com as crianças? Como?

Pela educadora em reuniões de grupo com as crianças.

4. Observação de uma semana, a partir da utilização da grelha de observação apresentada em anexo

INSTRUÇÕES:

1 – Hora – a hora do início das actividades observadas.

2 – Actividade – o tipo de actividade que está a ser desenvolvida na sala (actividades livre, orientadas, actividades no recreio, lanche, almoço, ...).

3 – Duração – duração da actividade, tendo em conta a hora do seu início e a hora do seu fim.

4 – Iniciativa – a iniciativa subjacente ao início da actividade (da criança / grupo de crianças (cr.) ou do educador (ed.)).

5 – Forma do grupo – a forma do grupo durante o desenvolvimento da actividade (individual + pequenos grupos (ind. + p. gr.); grande grupo (gr. gr.); individual (ind.)).

6 – Observações (obs.) – é um espaço onde é possível registar outros aspectos que sejam igualmente considerados importantes.

4.2. Qual a sequência diária mais frequente ao longo da semana observada?

Registo de presenças, tempo, data, contagem dos meninos e meninas, lanche da manhã, atividade central, recreio, higiene e almoço

4.3. Qual o tipo de atividades que aparecem com mais frequência?

4.3.1. As que implicam a livre escolha das crianças?

4.3.2. As que são orientadas pelo/a educador/a?

4.4. Qual a forma do grupo mais frequente?

Sentados no tapete e à mesa.

4.5. Como está feita a articulação entre as iniciativas da criança e as do/a educador/a durante o desenrolar dos dias de actividades?

As atividades mais direcionadas realizam-se na parte da manhã e as de escolha livre no período da tarde.

4.6. O número de atividades da sequência diária é o mais adequado?

4.7. Os movimentos do dia destinados ao desenvolvimento de cada tipo de actividades são os mais adequados?

4.8. O tempo médio de duração de cada tipo de actividade é o mais adequado?

Por vezes as crianças estão demasiado tempo no tapete, assim como no recreio.

4.9. Qual o tempo médio que as crianças passam durante o dia no recreio?

2 horas.

4.9.1. Qual o papel do/a educador/a durante esses momentos?

A educadora não se encontra presente nesses momentos.

4.10. Qual o tempo médio que as crianças passam durante o dia em momentos de espera?

4.11. Qual o tempo médio que as crianças passam durante o dia em actividades de rotina diária de tipo não escolar (lanche, idas à casa de banho, almoço, ...)?
1h e 45.

4.11.1. Qual o papel do/a educador/a durante estes momentos?

Participa apenas no lanche da manhã e da tarde.

5. Alterações necessárias (Reflexão)

5.1. Que alterações serão importantes realizar em relação à forma como o tempo está organizado? Porquê?

5.1. Quais serão as implicações destas alterações?

5.2. Principais dificuldades?

6. Principais dificuldades

6.1. Quais as principais dificuldades sentidas em relação ao trabalho de organização do tempo?

O facto de na sala 4 estarem mais 5 crianças que pertencem à sala 3, pois ainda não foi colocada nenhuma educadora.

6.2. Formas possíveis de as ultrapassar?

Anexo 2.9
Entrevista às Crianças

ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS

Perguntas:

1. Como é que escolhes o que fazes durante o dia no jardim-de-infância?
2. Quando precisas de ajuda, o que é que fazes?
3. Quando fazes uma coisa bem, o que é que acontece?
4. Quando fazes alguma coisa mal, o que é que acontece?

Entrevista ao A.

1. “Escolho com a boca. Escolho e vou para lá.”
2. Chamo a Isabel, a Cristina ou a Ana.
3. Os crescidos dizem que está tudo bem, que está bem.
4. Põem-me de castigo.

Entrevista ao T.

1. Escolhe a Isabel (educadora).
2. Peço à Isabel (educadora), à Cristina (auxiliar), a ti (estagiária) ou a alguém crescido que esteja na sala.
3. Ficam felizes.
4. Põem-me bolinha vermelha e de castigo

Entrevista à D.

1. Escolho rapidamente e escolho como eu quero, vou brincar para onde quero.
2. Os amigos ajudam, peço ajuda ao D.
3. Dizem: “Estás-te a portar muito bem, assim é que é”.
4. Dizem: ”Estás-te ”a portar muito mal, assim não é.E as vezes fico de castigo.

Entrevista à L.

1. Eu escolho, mas às vezes não dá pois estão lá muitos meninos.
2. Peço ajuda à Isabel, à Cristina ou a ti.
3. Dizem que está bem, que está bonito.
4. Fico de castigo e ralham um bocadinho e levo vermelho.

Entrevista à L. M.

1. Escolho eu, mas muitas vezes é a Isabel que diz o que vamos fazer.
2. Digo à cristina e ela ajuda-me.
3. Não dizem nada.
4. Dizem que isso não se faz e fico de castigo

Reflexão:

Estas perguntas feitas às crianças ajudam-nos a perceber qual é realmente a prática pedagógica que prevalece e se pratica na sala. Esta questão torna-se visível nas relações que se estabelecem com as crianças.

Segundo Cruz (2008), "...dar voz às crianças é, ao mesmo tempo, uma expressão da opção pedagógica em curso, ...e também uma estratégia de apropriação da prática docente, de melhoria da qualidade dos contextos educativos." (P.79 in A escola vista pelas crianças ,2008)

Após a análise das respostas das crianças pode-se concluir que as crianças escolhem por opção própria o que querem fazer na sala, contudo têm que ter em conta o número de crianças que pode estar em cada área, trata-se de respeitar regras que foram estabelecidas pela educadora e que as crianças foram interiorizando.

Quanto á questão quando precisas de ajuda o que é que fazes? a grande maioria das crianças refere que pede aos adultos da sala.

Quando é perguntado às crianças o que lhes é dito quando apresentam comportamentos positivos, quatro crianças referem que recebem elogios.

À última pergunta colocada ao grupo, todas as crianças frisaram o castigo como principal consequência de alguns comportamentos.

A última resposta remete para um currículo mais direcionada, as restantes levam-nos para um currículo aberto.

Anexo 2.10
Observação naturalista

**Mestrado em Educação Pré- escolar
Observação Naturalista
Nota Introdutória**

Educadora: Isabel Almeida	Auxiliar: Cristina	Sala: 4
Presenças: 18	Faltas: 2	
Atividades: área dos desenhos	Assunto	
Data da Observação: 7 . 11. 2012	Início: 14h e 35m	Fim: 14h 45m

Competências a desenvolver: Interação criança-criança

Organização de espaço/materiais: sentados à mesa na área do desenho, lado a lado. Materiais: folhas de papel a4 brancas, moldes de desenho, lápis de cor e canetas de cor

Recursos utilizados:

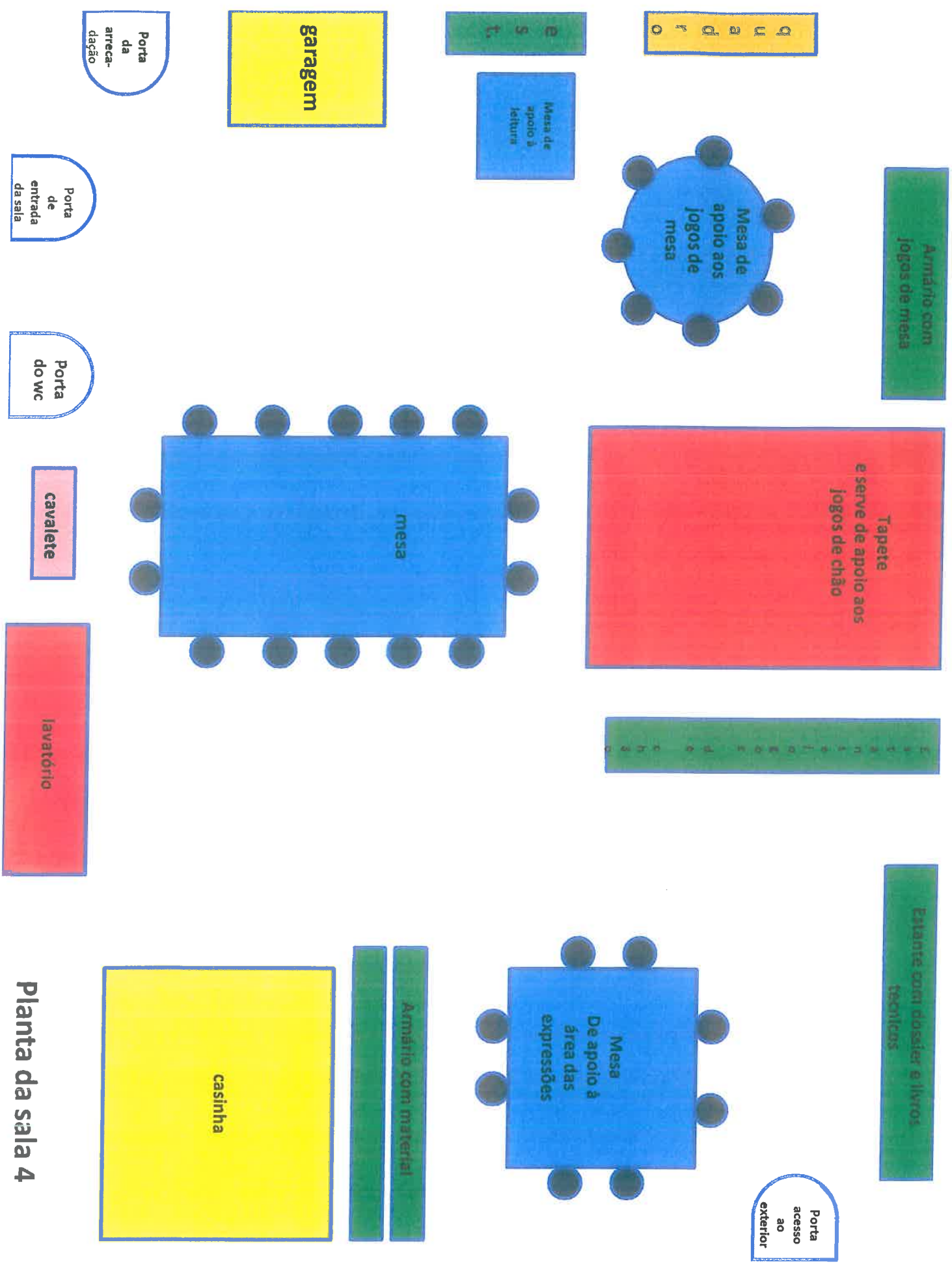
Tempo	Situação/ Atividade	Registo de observação	Inferências e Notas
10 m	Atividade livre na área dos desenhos	D- Este é mais fraco, pinta mal. Podes fazer isto? A-B. estás a fazer o que? B- Estou a fazer desenhos. D- Eu não sei fazer isto... B- Eu sei. D- Eu não sei como é que é? Tenho duas folhas. Não consigo o lápis não cabe. B. – Tem de ser com uma caneta. D.- Ah! Pois é. Isto é difícil fazer. Saiu um rato. Já “fazi” um rato. E isto é o que? Uma baleia? B.- Não é uma pera. D. – Não é nada é uma baleia. B.- Não vês a folha? D.- É uma baleia. A.- Não se pode dizer levar uma pera D.- B. olha aqui uma baleia. B.- Não é baleia. D.- É, é... Vou fazer um cão. Isto não dá, começo pelos pés. Não consigo a caneta não cabe.	

Síntese e pistas explicativas

Neste dialogo entre as crianças, verifica-se que o B. ajuda a solucionar um obstáculo com o qual o D. se confrontava (não conseguir desenhar com o lápis, pois era muito grosso, o molde onde só dava para entrar uma caneta). O B. teve uma atitude de cooperação com o D.

Observa-se também a grande teimosia do D., apesar de o B. lhe tentar explicar o porquê de não ser uma baleia , mas sim uma pera.

Anexo 2.11
Planta da Sala



Planta da sala 4

Anexo 2.12
Relatório diário de 7 de novembro de 2012

1. Situações de aprendizagem/rotinas observadas

9.00-9.15 – Acolhimento (entrada das crianças na sala e encaminhamento para o tapete; diálogo entre as crianças; e diálogos informais entre os encarregos de educação e o adulto responsável da sala);
9.15-9.30 - Registo das presenças, marcação da data e do tempo (grande grupo sentado no tapete, encontra-se de pé a criança que é o “amigo do dia” e é responsável por estas tarefas);
9.30-9.40 - Contagem das meninas e dos meninos (grande grupo sentado no tapete, encontra-se de pé a criança que é o “amigo do dia” e o responsável por esta tarefa);
9.40-10.00 – Rima “Catrapás”;
10.00-10.15 - Lanche da manhã (crianças sentadas à mesa);
10.15-11.00 - Explicação e organização do grupo para o jogo “o cavalo e o cavaleiro”; com a rima “Catrapás”;
11.00-11.20- Recreio (atividades livres);
11.20-11.30- Dialogo sobre o comportamento;
11.30-11.50 – Atividades livres nas áreas;
11.50-12.00 – Higiene;
12.00-13.15 – Almoço e recreio.

2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados

1. Conhecimento do mundo

Domínio: Localização no Espaço e no Tempo

- A criança ser capaz de ter noção do “atrás” e “à frente”

Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social

- A criança ser capaz de reconhecer características próprias de alguns animais

2. Expressões

2.1. Musical

Domínio: Expressão Musical - Apropriação da linguagem elementar da música

Subdomínio: percepção sonora e musical

- A criança ser capaz de reconhecer e reproduzir sons e ritmos musicais.

Domínio: Expressão Musical – Compreensão das artes no contexto

Subdomínio: Culturas musicais nos contextos

2.2. Motora

Domínio: Expressão motora

Subdomínio: Deslocamentos e equilíbrios

- A criança ser capaz de correr de modo rápido e lento no mesmo lugar.

Subdomínio: Jogos

- A criança ser capaz de cumprir as regras de um jogo

3. Formação Pessoal e Social

Domínio: Identidade/ auto estima

- A criança ser capaz de manifestar as suas capacidades e dificuldades

Domínio: Independência/ Autonomia

- A criança ser capaz de compreender e executar uma ou mais ordens;
- A criança ser capaz de pedir a colaboração do adulto quando necessita.

Domínio: Convivência Democrática / Cidadania

- A criança ser capaz de aproximar-se ou procurar um certo par para brincar com ele;
- A criança ser capaz de estar atenta e esperar pela sua vez.

4. Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Domínio: Consciência Fonológica

- A criança ser capaz de produzir rimas;
- A criança ser capaz de identificar palavras que terminam com a mesma sílaba.

Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal

- A criança ser capaz de responder a perguntas demonstrando que compreendeu o que foi dito;
- A criança ser capaz de explorar o som;
- A criança ser capaz de aprender rimas;
- A criança ser capaz de brincar com a língua rimando.

5. Matemática

Domínio: Números e Operações

- A criança ser capaz de utilizar vocabulário para descrever posições como “à frente”, “atrás”.

4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)

Estagiário	Alunos/Crianças

5. Análise e Reflexão

- 1
- 2 Fazendo uma análise e reflexão sobre o dia de hoje, e tendo em conta, que a educadora não se
- 3 encontrava presente, penso que a manhã correu muito bem. Não se sentiu insegurança na prática,
- 4 nem na resolução de pequenas situações de conflito que surgiram.
- 5 As próprias crianças, não mostraram, qualquer tipo de resistência, ao facto de nós estarmos a
- 6 “substituir” a educadora cooperante. Assim, sentimo-nos bem por termos conseguido conduzir o
- 7 grupo durante as atividades propostas. Apercebemo-nos que praticamente todo o grupo revelou
- 8 um grande entusiasmo nas atividades realizadas e propostas por nós. Deste dia, podemos
- 9 concluir, que as crianças, revelam um grande interesse e motivação por iniciativas novas e
- 10 diferentes das habituais. As mudanças das rotinas e das atividades da sala demoram tempo a ser
- 11 implementadas mas espera-se existirem oportunidades na fase de intervenção do estágio, de
- 12 inovar e trazer atividades diversificadas e diferentes das que o grande grupo está habituado a
- 13 realizar.

14 Este grupo, apresenta também, algumas lacunas nas regras de comportamento, principalmente
15 quando se encontra no tapete, apresentam algumas dificuldades em esperar pela sua vez, em
16 ouvir os outros e distraem-se com muita facilidade.

17 Segundo, as Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar, “as razões das normas que
18 decorrem da vida em grupo - por exemplo, esperar pela sua vez, arrumar o que desarrumou, etc.
19 Terão de ser explicitadas e compreendidas pelas crianças.” (O.C.E.P.E., 1997, pág. 36).

20 Parece ser um desafio que se nos apresenta pela frente, mas que, seguramente, conseguiremos
21 superar com estratégias diversificadas como o proporcionar situações de aprendizagem
22 diferentes, satisfatórias e motivadoras para este grupo de crianças. Pelo menos, é o que nos
23 propomos fazer ao longo da nossa futura intervenção.

Anexo 2.13
Registo escrito de observações

Registo escrito de comentários das crianças

“ Que giro nunca tinha feito uma pintura com berlindes” (M. 23 de outubro de 2012).

“... podemos mesmo meter as mãos nessa massa e na farinha? ” (L. 30 de outubro de 2012).

“Tantos papéis de tantas cores...é para nós?” (D. 5 de novembro de 2012).

“ Quero fazer outra vez aquela coisa nova que fizemos da outra vez do cavalo (rima com movimentos a pares) ” (A. 10 de dezembro de 2012)

Anexo 2.14
Registro Escrito de Observações

Registo de observações

“ Na hora da escolha das áreas de atividades livres houve uma certa confusão pois grande parte das crianças queria ir para a casinha e para a garagem. A educadora cooperante teve que intervir de modo a solucionar a situação “ (observação do dia 24 de outubro de 2012)

“Hoje observei que as áreas de brincadeira livre mais escolhidas pelas crianças foram: a área da casinha, da garagem, área da pintura e a área dos jogos de mesa” (observação do dia 7 de novembro de 2012).

Anexo 2.15
Registo Escrito de Observações

“ Neste nosso primeiro dia de estágio, e dado que ainda não conhecemos o grupo, quando chegou a hora da higiene dirigimo-nos para a casa de banho com o intuito de ajudar as crianças. Contudo, verificamos que a maioria das crianças era bastante autónoma nesta tarefa, não precisando praticamente da ajuda do adulto” (observação do dia 22 de outubro de 2012).

“ Tal como no momento da higiene, na hora do almoço as crianças revelaram uma grande independência, a comer, comendo de forma correta com o garfo e faca. O facto da comida vir toda partida e arranjada facilita o desempenho das crianças neste momento de refeição” (observação do dia 22 de outubro de 2012).

Anexo 2.16
Registo Escrito de Comentários das Crianças e Observações

Registo Escrito de Comentários das Crianças e Observações

1. “ Ana, vou ajudar a M. a por o jogo pois ela não chega lá acima, é pequena...” (D. 5 de novembro de 2012)

2. “ - Ajudas-me a arrumar a casinha? – A.

-“ Pede aos outros eu não brinquei... “- B.

- “ Mas eu ajudo-te às vezes...” – A.

- “ Tá bem....eu ajudo...” – B.

(Dialogo de A. e B., no dia 14 de novembro de 2012)

3. Temos verificado que as crianças se ajudam e umas às outras nas atividades livres e nas orientadas. Hoje observamos que uma criança caiu e aleijou-se no joelho, tendo que ficar sentada na sala e não podendo ir para o recreio e três amigos disseram logo que queriam ficar com ele a fazer companhia (21 de novembro de 2012).

Anexo 2.17
Registro fotográfico



Anexo 3.18

Lista de verificação de competências

Nome do Aluno: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

	Momentos de Avaliação	A Educadora de Infância	O Encarregado de Educação
3 Anos	1º Período	____/____/____	
	2º Período	____/____/____	
	3º Período	____/____/____	

Código de Avaliação	D – DESENVOLVIDO	ED – EM DESENVOLVIMENTO
	ND – NÃO DESENVOLVIDO	NO – NÃO OBSERVADO

1. Área de Formação Pessoal e Social				
Domínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Identidade/ Autoestima	Sabe a sua morada / localidade			
	Diz o seu nome e o dos familiares mais próximos			
	Propõe ideias e fala ao grupo que lhe é familiar			
Independência/ Autonomia	É persistente na realização das atividades			
	Leva uma tarefa até ao fim			
	Escolhe a atividade e procura os recursos disponíveis para a sua realização			
	Aceita algumas frustrações e insucessos, procurando formas de melhorar			
Cooperação	Reconhece a necessidade de ajudar os colegas ou o adulto			
	Aceita a decisão dos outros			
	Sabe avaliar o seu comportamento e o dos outros			
Convivência Democrática/ Cidadania	Relaciona-se com os adultos com confiança e respeito			
Solidariedade/ Respeito pela Diferença	Aceita a diversidade de características dos colegas			

2. Área de Expressão e Comunicação

2.1. Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Produção e criação	Representa a figura humana com pormenores			
	Representa temáticas (acontecimentos, histórias...)			
	Experimenta as diversas técnicas e materiais por iniciativa			

2.2. Domínio: Expressão Plástica – Contemplação das Artes no Contexto

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Fruição e Contemplação	Descreve aquilo que vê em diferentes formas visuais, modalidades expressivas e contextos			

2.3. Domínio: Expressão Plástica - Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Fruição e Contemplação/ Produção e criação	Identifica as cores primárias (azul, amarelo, vermelho), as cores secundárias (verde, laranja, roxos,...) e tonalidades			

2.4. Domínio: Expressão Plástica – Desenvolvimento da Criatividade

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Reflexão e interpretação	Avalia as suas produções segundo alguns critérios de avaliação.			

2.5. Domínio: Expressão Dramática/Teatro- Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Experimentação e criação/fruição e análise	Interpreta personagens de uma história já contada ou de uma situação			
	Envolve-se em jogo organizado ou danças coreográficas expressando sentimentos e emoções			

2.6. Domínio: Expressão Dramática/Teatro- Desenvolvimento da Criatividade

Subdomínio	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Experimentação e criação/fruição e análise	Colabora no planeamento da atividade e dá sugestões, participa na avaliação			

2.7. Domínio: Expressão Dramática/Teatro- Compreensão das Artes no Contexto				
Subdomínio	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Experimentação e criação/fruição e análise	Comenta os espetáculos a que assiste			

2.8. Domínio: Expressão Dramática/Teatro- Apropriação da Linguagem Elementar da Exp. Dramática				
Subdomínio	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Experimentação e criação/ fruição e análise	Nomeia diferentes identidades/ papéis da criação teatral (encenador, atores, autor do texto...)			

2.9. Domínio: Expressão Musical – Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação				
Subdomínio	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Interpretação e Comunicação	Canta enquanto executa sequência de movimentos			
	Reproduz ritmos e sons com o próprio corpo e com instrumentos musicais			

2.10. Domínio: Expressão Musical – Desenvolvimento e Criatividade		
Subdomínios	Competências	Períodos
Criação e experimentação	Explorar os sons agudo/grave; sons longos/curtos; Sons ascendentes /descendentes	

2.11. Domínio: Expressão Musical- Apropriação da Linguagem Elementar da Música		
Subdomínios	Competências	Períodos
Perceção sonora e musical	Reconhece auditivamente sons musicais, corporais, do meio ambiente e de instrumentos	

2.12. Domínio: Expressão Musical- Compreensão das Artes no Contexto		
Subdomínios	Competências	Períodos
Culturas musicais nos contextos	Reconhece diferentes géneros de música (clássica, popular, rock...)	

2.13. Domínio: Dança – Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação				
Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Comunicação e Interpretação	Realiza movimentos relacionados com experiências diárias, animais, personagens			

2.14. Domínio: Dança – Desenvolvimento da Criatividade

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Produção e Criação	Utiliza as diferentes partes do corpo			

2.15. Domínio: Dança – Apropriação da Linguagem Elementar da Dança

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Conhecimento e vivência da dança	Realiza movimentos rápidos e lentos			

2.16. Domínio: Dança – Compreensão das Artes no contexto

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Fruição e Contemplação	Realiza movimentos rápidos e lentos de acordo com o estímulo fornecido			
	Participa em danças de grupo			

2.17. Domínio: Dança – Desenvolvimento da Criatividade

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Produção e criação	Imita de formas variadas objetos, animais e cenas da vida real			
	Cria e recria movimentos simples locomotores (ações)			

2.18. Domínio: Expressão Motora

Subdomínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Deslocamentos e Equilíbrios	Apresenta boa coordenação global de movimento			
	Anda com equilíbrio sobre uma linha reta			
	Salta ao pé-coxinho, rasteja, salta obstáculos, rola sobre si próprio			
Perícia e Manipulação	Agarra, atira e bate a bola controlando-a			
	Apresenta noções de lateralidade			
	Coordena a mão com o traço seguro			
	Recorta figuras respeitando o contorno			
	Realiza ações precisas: abotoar, apertar fechos e atacadores			
Jogos	Realiza jogos em grupo, respeita e cumpre as regras			

3. Área da Linguagem Oral e Abordagem da Escrita

Domínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Consciência Fonológica	Identifica palavras que rimam			
	Identifica palavras que começam ou acabam com a mesma sílaba			
	Brinca com a linguagem rimando			
Reconhecimento e Escrita de Palavras	Reproduz o nome próprio			
	Reproduz o nome dos colegas			
	Reconhece algumas palavras escritas do seu quotidiano			
	Sabe onde começa e acaba uma palavra			
	Sabe isolar uma letra			
Conhecimento das convenções gráficas	Sabe pegar corretamente num livro e procurar a informação que lhe interessa			
	Distingue letras de números			
	Sabe que o sentido da escrita é da esquerda para a direita e de cima para baixo			
Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal	Participa nas conversas de grupo			
	Está atento(a) a ouvir uma história			
	Descreve ações e acontecimentos			
	Responde a perguntas sobre uma história			
	Reconta uma história			
	Recita poemas, rimas e canções			
	Constrói frases de forma correta			

4. Área da Matemática

Domínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Números e Operações	Agrupa objetos de acordo com a cor, o tamanho, a forma e a espessura			
	Conta sequencialmente até 10			
	Associa quantidade a número até 10			
	Tem noção de conjunto			
	Reconhece os algarismos de 0 a 9			
	Relaciona a adição com "+ objetos" e a subtração com "- objetos"			
Geometria e Medida	Identifica, nomeia e reproduz formas geométricas (círculo, triângulo, quadrado e retângulo)			
	Tem noção de peso e medida (leve/pesado, curto/comprido)			
	Utiliza noções espaciais (atrás/ao lado/à frente/por baixo...)			
	Distingue relações temporais (antes de/depois de...)			
	Ordena ações em imagens com sequência até 6 elementos			
	Sequência os dias da semana			
	Distingue noções de tempo: manhã/tarde/noite			
Organização e Tratamento dos Dados	Evidencia os atributos dos objetos através da linguagem ou representações adequadas (quadros reguladores)			

5. Área do Conhecimento do Mundo

Domínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Localização no espaço e no tempo	Realiza pequenas investigações segundo um interesse			
	Coloca um objeto em cima de... por baixo de... dentro de... fora de ... à frente de... atrás de...longe/perto; à esquerda/à direita			
	Sabe quais são as áreas das atividades da sua sala e para que servem			
	Descreve oralmente a visita de estudo que realizou ou o passeio que efetuou emitindo opinião e dá sugestões			
	Sabe dizer o nome do país onde vive			
	Identifica: dia e noite, manhã e tarde, os dias da semana, as estações do ano e os meses			
Conhecimento do ambiente natural e social	Identifica, designa e localiza as diferentes partes externas do seu corpo, os órgãos dos sentidos e suas funções, reconhece a sua identidade sexual			
	Identifica as seguintes fases do ser humano: bebé, criança, jovem, adulto e idoso			
	Agrupar animais de acordo com a sua locomoção ou revestimento do corpo			
	Mostra curiosidade, sugere e participa no desenvolvimento de pequenas investigações			
Dinamismo das inter-relações natural-social	Identifica-se reconhecendo as suas características individuais			
	Identifica os materiais a colocar nos respetivos ecopontos			
	Justifica as seguintes razões de prática de higiene: lavar as mãos antes das refeições e sempre que necessário, lavar os dentes, os alimentos...			
	Justifica as razões porque deve evitar o consumo excessivo de doces e refrigerantes			
	Justifica porque deve andar sempre pelo passeio, atravessar nas passadeiras e respeitar os semáforos			

6. Área das Tecnologias de Informação e Comunicação

Domínios	Competências	Períodos		
		1º	2º	3º
Informação	Realiza on-line e off-line jogos de pares, contrários, tamanhos, cores, identificação de números, letras, palavras			
	Identifica no ambiente de trabalho o símbolo da internet e dos jogos que pretende			
Segurança	Responsabiliza-se pela utilização do computador, cumprindo as regras estabelecidas.			
Produção	Escreve o seu nome e sabe mandar imprimir			
Comunicação	Interagir com outros através da internet.			

Assiduidade e Pontualidade	
----------------------------	--

OBSERVAÇÕES DA EDUCADORA:

Anexo 3.19
Apresentação dos dados da aplicação inicial da lista de verificação de competências

Este quadro apresenta a 1ª avaliação realizada ao grupo para a elaboração da sua caracterização inicial. Assim são apresentados o nº de crianças que têm desenvolvidas, em desenvolvimento ou não desenvolvidas algumas das competências referidas na lista de verificação de competências aplicada ao grupo (Anexo 3.18), por áreas de conteúdo e respetivos domínios.

Áreas de conteúdo	Desenvolvido	Em desenvolvimento	Não desenvolvido
Formação pessoal e social			
- Identidade/ Autoestima	10 Crianças	5 Crianças	4 Crianças
Independência / Autonomia	16 Crianças	1 Crianças	2 Crianças
-Cooperação	12 Crianças	4 Crianças	3 Crianças
- Convivência Democrática/Cidadania	13 Crianças	5 Crianças	1 Crianças
-Solidariedade/Respeito pela Diferença	10 Crianças	6 Crianças	3 Crianças
Expressões			
- Plástica	12 Crianças	2 Crianças	5 Crianças
- Dramática/teatro	-	-	-
- Musical	13 Crianças	3 Crianças	3 Crianças
- Dança	-	-	-
- Motora	14 Crianças	2 Crianças	3 Crianças
Matemática			
- Números e operações	7 Crianças	8 Crianças	4 Crianças
- Geometria e medidas	6 Crianças	6 Crianças	7 Crianças
- Organização e tratamento de dados	6 Crianças	4 Crianças	9 Crianças
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita			
- Consciência Fonológica	14 Crianças	1 Crianças	4 Crianças
- Reconhecimento e Escrita de Palavras	12 Crianças	3 Crianças	4 Crianças
- Conhecimento das Convenções Gráficas	13 Crianças	4 Crianças	2 Crianças
- Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal	16 Crianças	3 Crianças	
Conhecimento do Mundo			
- Localização no Espaço e no Tempo	10 Crianças	4 Crianças	5 Crianças
- Conhecimento do Ambiente Natural e Social	12 Crianças	6 Crianças	1 Crianças

- Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social	10 Crianças	7 Crianças	2 Crianças
Técnicas de Informação e Comunicação			
- Informação	-	-	-
- Comunicação	-	-	-
- Produção	-	-	-
- Segurança	-	-	-

Anexo 3.20
Relatório diário de 30 de outubro de 2012

1. Situações de aprendizagem/rotinas observadas

9.00-9.15 – Acolhimento (entrada das crianças na sala e encaminhamento para o tapete; diálogo entre as crianças; e diálogos informais entre os encarregos de educação e o adulto responsável da sala);
9.15 -9:40- Registo das presenças, marcação da data e do tempo (grande grupo sentado no tapete, encontra-se de pé a criança que é o “amigo do dia” e é responsável por estas tarefas);
9.40-9.50 – Contagem dos meninos e meninas presentes (grande grupo sentado tapete; amigo do dia faz as contagens de pé);
9.50- 10.00- Canção do pão por deus (grande grupo sentado no tapete)
10.20-10.50 - Confeção do pão por deus; (crianças sentadas à mesa e com o apoio da educadora e da estagiária moldaram os pães);
10.50- 11.45 - Recreio (atividades livres);
11.45-12.00 – Higiene;
12.00-13.15 – Almoço e recreio.

2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados

1. Conhecimento do mundo

Domínio: Localização no Espaço e no Tempo

- A criança ser capaz de identificar datas festivas

2. Expressões

2.1. Musical

Domínio: Expressão Musical - Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação

Subdomínio: Interpretação e Comunicação

- A criança ser capaz de reproduzir canções

2.2. Motora

Domínio: Expressão motora

- A criança ser capaz de manusear a massa para fazer o pão.

3. Formação Pessoal e Social

Domínio: Identidade/ auto estima

- A criança ser capaz de manifestar as suas dificuldades e capacidades.

Domínio: Independência/ Autonomia

- A criança ser capaz de mostrar interesse pela atividade.

Domínio: Cooperação

- A criança ser capaz de esperar pela sua vez;
- A criança ser capaz de participar nas vivências do grupo

4. Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Domínio: Reconhecimento e escrita de palavras

- A criança ser capaz de escrever o seu nome.

Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal

- A criança ser capaz de responder a perguntas demonstrando o que compreendeu

5. Matemática

Domínio: Geometria e medidas

- A criança ser capaz de compreender que os objetos podem ser pesados e medidos.

4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)

Estagiário	Alunos/Crianças
	Durante a atividade da confeção do "pão por Deus", o I. começou a chamar a A. de "preta" e que não queria ficar ao pé dela. A A. ficou um pouco triste e começou a chorar e disse-lhe "aqui somos todos iguais, é o que a Isabel diz".

5

5. Análise e Reflexão

Oliveira-Formosinho e Andrade (2011), referem que a diversidade não deve ser um processo artificial de acrescentes curriculares. As experiências de educação para a diversidade devem fazer parte do quotidiano pedagógico de modo sistemático e deve começar pelo respeito da identidade das crianças que pertencem ao grupo para posteriormente se alargar a outras identidades.

Tendo em conta, o bairro onde o jardim-de-infância está inserido e a variedade de etnias existentes, esta questão torna-se ainda mais pertinente e é tida em conta pela educadora cooperante, verificando-se na resposta dada pela criança que se encontra envolvida na situação acima referida. A criança I. depois da educadora cooperante ter falado com ela admitiu que tinha feito mal e que eramos todos iguais na sala e foi pedir desculpa a A.

Quando o educador na sua prática educativa respeita as diferenças sociais e étnicas existentes no grupo promove a aceitação dessas diferenças e proporciona a igualdade de oportunidades no acesso às aprendizagens e ao futuro do sucesso escolar (OCEPE, 1997).

"Aprender o respeito pelas diferenças dos outros implica sentirmo-nos respeitados nas nossas diferenças: ritmos, motivações, gostos, aspirações, preferências" (Oliveira-Formosinho e Andrade, 2011, p.41).

O incidente crítico referido e sobre o qual se refletiu, ocorreu na atividade central proposta para este dia que foi antecedida pelas rotinas habituais da manhã. A atividade realizada desenvolveu-se no âmbito da culinária, confeccionando "o pão por Deus" que se reveste de grande significado sociocultural, sendo uma tradição desta época do ano. Na vivência diária do jardim de infância valoriza-se a identificação e a participação em festas, tradições e costumes do meio social, como um dos eixos de trabalho na área do conhecimento do mundo.

29

30

31

32

33

34

35

36

Anexo 3.21
Registo escrito

Registo escrito de observação

Ao longo das nossas observações temos constatado que um grande número de crianças tem por hábito desistir das tarefas que está a realizar. Começando por dizer “... não quero fazer mais...” ; “ Já estou farto...” ; “ Quero ir brincar ...”. Tendo que ser o adulto a motivar e a incentivar as crianças para terminarem ou pelo menos fazerem mais um pouco da tarefa que estão a realizar.

Observamos também que algumas crianças lidam muito mal com a frustração, como por exemplo quando algo não corre como estava planeada, ou se tem de haver uma alteração na rotina do dia, daí advêm comportamentos de choro, zanga e amuos por parte das mesmas. O adulto através do dialogo tenta explicar mas quase sempre sem sucesso.

Anexo 3.22
Análise e reflexão de 21 de novembro de 2012

Análise e Reflexão de 21 de novembro de 2012

Hoje, e ainda numa fase de observação, ajudamos e apoiamos no que nos era solicitado por cada criança individualmente. Mais uma vez, participamos ativamente nas rotinas da sala, tomando a iniciativa para o que fosse necessário realizar. Tentamos apoiar as crianças nas tarefas que evidenciavam alguma dificuldade, mas sempre promovendo a sua autonomia pessoal.

O incipiente conhecimento, individualizado de cada criança, permite saber o que é capaz de fazer e quais as possibilidades de alargamento dos seus interesses e desenvolver as suas potencialidades. “Este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências, tais como produtos das crianças e diferentes formas de registo” (O.C., 1997, 13).

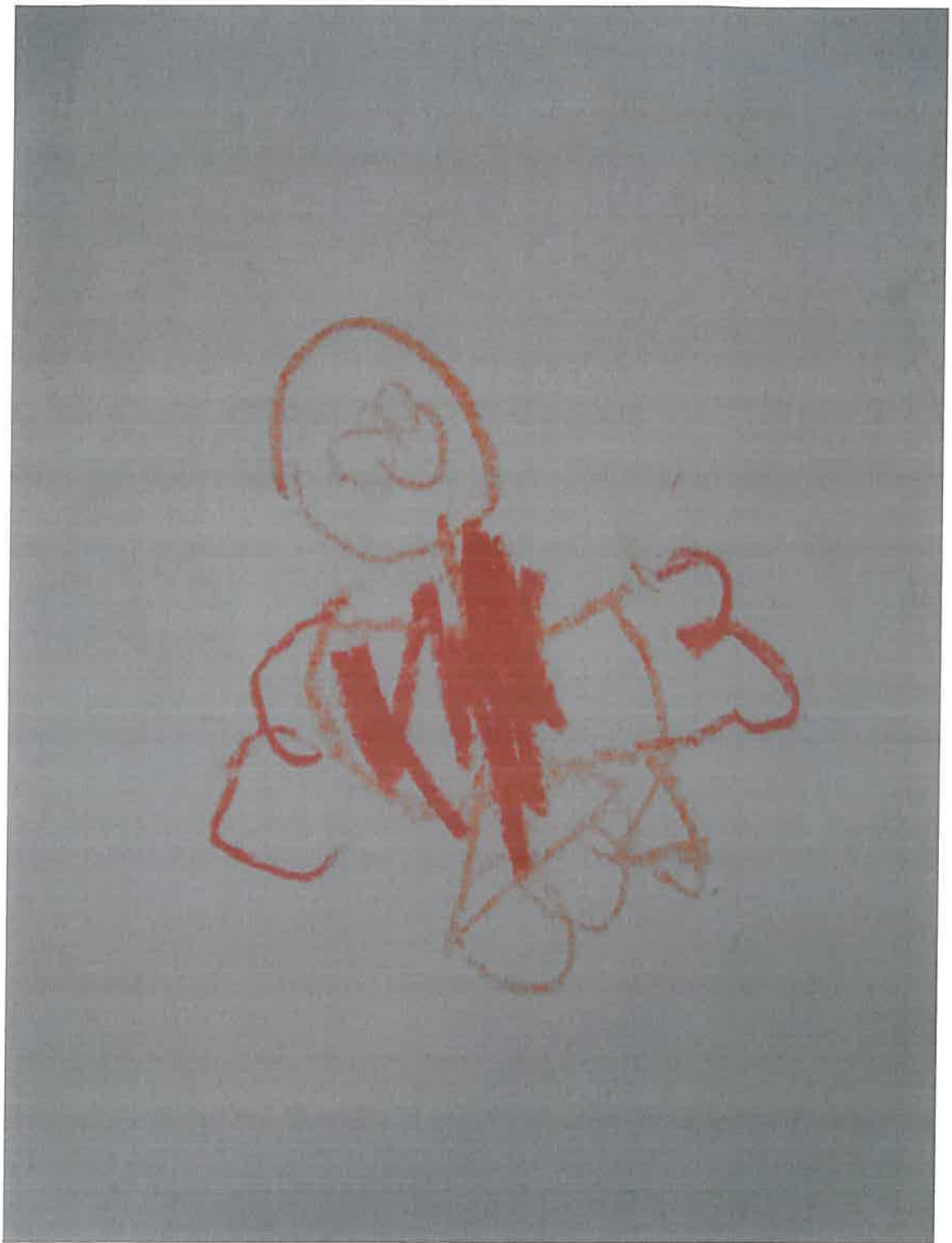
O pré-escolar pressupõe uma resposta educativa a todas as crianças, preconizando uma pedagogia diferenciada. Quando existem crianças com Necessidades Educativas Especiais, tal como a B. a frequentar escolas/sala de ensino regular estamos perante o que se designa de “inclusão”. “Nesta perspetiva de escola inclusiva a educação pré-escolar deverá adotar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais” (O.C., 1997, p. 7).

Como se trata de uma criança (com NEE) incluída e não integrada, toda a prática pedagógica se encontra centrada no grupo (no qual aquela criança considerada especial é um elemento participante). Tendo que ser posteriormente adaptada ou diferenciada, consoante as potencialidades daquela criança, de modo que para ela a educação pré-escolar cumpra os mesmos objetivos pedagógico que para uma outra criança.

Após esta reflexão, queremos frisar o facto de hoje termos observado e participado com as crianças em atividades de cariz motor em que verificamos que o grupo na sua maioria realizou com agilidade e destreza os movimentos propostos, equilibravam-se e deslocavam-se bem em cima da trave (banco). Aquando da realização de um jogo coletivo, as crianças cumpriram as regras do mesmo, verificando-se apenas um ou dois atritos pelo respeito das mesmas.



Anexo 3.23
Registo fotográfico



Anexo 3.24
Registo fotográfico

- "Fui ao Jardim Zoológico.
Vimos as focas. Foi o Igor,
o minha mãe mais a minha
tia. Os crocodilos estavam
a dormir em baixo de água.
Andamos de comboio, fomos
à festa das focas e apresen-
taram-nos as focas."

Lara Silva

"... esqueci-me dos golfinhos
que saltaram e os passaros
era o espetáculo."

Lara Silva

"Vou mudar de escola, vou para uma escola
ao pé da minha casa." - Lara Silva

"A festa da Romênia foi bonita. Dão
ovas cozidas e a casca de cebola pintada
com desenhos." - Lara Raquel

"A minha mãe comprou babeblyds que
dão luz." - tiago

"O meu pai foi para longe e agora já
posso ver o Canal Tenda, pois ele agora
não vê o futebol." - Afonso oliveira

"A minha mãe deu uma prenda à minha
mana." - Andreia

"A minha mãe gostou da prenda e até
chorou de contente." - Bruno Semedo

Anexo 3.25
Reflexão de 12 de novembro de 2012

6 **5. Análise e Reflexão**

7 A manhã teve início com o amigo do dia a desempenhar as suas tarefas habituais e as restantes
8 crianças sentadas no tapete. A atividade seguinte decorreu no mesmo espaço físico durante
9 aproximadamente 30 minutos, o que levou a que algumas crianças comesçassem a revelar
10 comportamentos de saturação, tais como a B. bater no I. ou a L.R. começar a falar com outras
11 duas crianças não permitindo ouvir o relato de quem intervinha. No decorrer desta atividade a
12 educadora cooperante foi resolvendo as situações mais notórias através do diálogo.

13 Após o lanche da manhã as crianças mantiveram-se nos seus lugares, sendo-lhes entregue a sua
14 folha com o registo do fim-de-semana e colocados copos com lápis de cor nas mesas. A
15 educadora foi circulando pela sala e foi dialogando com as crianças sobre o que estavam a fazer.

16 Decorridas 4 semanas de observação pôde-se constatar que invariavelmente as atividades
17 propostas à 2ª feira são sempre as mesmas. E que exigem que o grupo se mantenha demasiado
18 tempo (aproximadamente 1 hora) no mesmo local o que frequentemente desencadeia conflitos
19 entre as crianças e agitação na sala. Uma breve reflexão permite-nos atribuir esta situação
20 essencialmente a fatores como: o pouco espaço de que as crianças dispõem para se sentarem, a
21 morosidade da atividade e a pouca participação de cada criança.

22 Laevers (1994b cit. por Portugal e Leavers, 2010, p. 25) destaca o conceito de implicação que se
23 caracteriza pela “ motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso
24 fluxo de energia” e que observa através concentração e persistência reveladas pelas crianças.

Anexo 3.26
Relatório Diário de 5 de novembro de 2012

4 **Relatório Diário****5 de Novembro de 2012****1. Situações de aprendizagem/rotinas observadas**

9.00-9.15 – Acolhimento (entrada das crianças na sala e encaminhamento para o tapete; diálogo entre as crianças; e diálogos informais entre os encarregos de educação e o adulto responsável da sala);

9.15-9.30 - Registo das presenças, marcação da data e do tempo (grande grupo sentado no tapete, encontra-se de pé a criança que é o “amigo do dia” e é responsável por estas tarefas);

9.30-9.40 - Contagem das meninas e dos meninos (grande grupo sentado no tapete, encontra-se de pé a criança que é o “amigo do dia” e o responsável por esta tarefa);

9.40-10.15 - Relato do fim-de-semana (grande grupo sentado no tapete, individualmente cada criança verbaliza ocorrências do seu fim de semana);

10.15-10.30 – Lanche da manhã (crianças sentadas à mesa);

10.30-10.45 – Desenho ilustrativo do relato do fim-de-semana (crianças sentadas à mesa; atividade individual);

10.45-11.45- Recreio (atividades livres);

11.45-12.00 – Higiene;

12.00-13.15 – Almoço e recreio.

2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados**1. Conhecimento do mundo****Domínio:** Localização no Espaço e no Tempo

- A criança ser capaz de identificar diferenças/ semelhanças entre meios diversos ao longo dos tempos

Domínio: Dinamismo das inter-relações Natural – Social

- A criança ser capaz de identificar o porquê de usar roupas quentes no Outono/Inverno

2. Expressões**2.1 Plástica****Domínio:** Expressão plástica – Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação**Subdomínio:** Produção e criação

- A criança ser capaz de representar vivências

Domínio: Expressão plástica – Apropriação da linguagem elementar das artes**Subdomínio:** Fruição e Contemplação/ Produção e Criação

- A criança ser capaz de produzir composições plásticas a partir de temas reais.

Domínio: Expressão plástica – Desenvolvimento da criatividade**Subdomínio:** Reflexão e Interpretação

- A criança ser capaz de emitir juízos de valor sobre as suas composições plásticas.

3. Formação Pessoal e Social**Domínio:** Identidade/ auto estima

- A criança ser capaz de partilhar saberes sobre os seus familiares.

Domínio: Independência/ Autonomia

- A criança ser capaz de encontrar formas de ultrapassar as suas frustrações e insucessos.

Domínio: Cooperação

- A criança ser capaz de ajudar os outros.

Domínio: Convivência Democrática / Cidadania

- A criança ser capaz de começar e terminar uma tarefa.

4. Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Domínio: Reconhecimento e escrita de palavras

- A criança ser capaz de reconhecer palavras do seu quotidiano.

Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas

- A criança ser capaz de identificar que a escrita e o desenho transmitem informação.

Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal

- A criança ser capaz de descrever pessoas, objetos e ações.

4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)

Estagiário	Alunos/Crianças
	Durante o registo do tempo, o F. diz: "porque é que todos os dias marcamos o tempo se está sempre igual?". A educadora não responde diretamente à pergunta do F. e pergunta ao grande grupo se alguém quer responder. O M. diz : "agora estamos no Outono e estão nuvens, mas quando for Inverno vai chover e fazer frio e temos que vestir o casaco para ir para o recreio".

5. Análise e Reflexão

Realizaram-se como é por hábito às 2^a feiras, as atividades habituais deste dia da semana, sem se verificarem alterações significativas. Assim vai-se destacar o incidente crítico verificado durante o registo do tempo.

É comum na prática dos educadores de infância recorrer-se a determinados instrumentos de registo que têm como função ajudar na gestão do quotidiano educativo conferindo à criança um papel ativo na participação, utilização e análise desses mesmos instrumentos. Assim, Niza (2007) defende que estes instrumentos permitem a monitorização da ação educativa que deve ser co-partilhada pelo educador e pelas crianças.

No caso concreto desta sala, podemos referir os instrumentos existentes: tabela de registo de auto avaliação de comportamentos, mapa de presenças, calendário e mapa do tempo. Apesar destes instrumentos não terem a correspondência exata aos instrumentos utilizados no conhecido Modelo do Movimento da Escola Moderna, parece-nos relevante referir que a criação e utilização dos instrumentos permitem ao grupo fazer várias aprendizagens sobre as diferentes áreas de conteúdo. Ou seja, "a análise de conteúdo desses instrumentos não só contribui para a tomada de consciência do conhecimento social construído como é uma ocasião pregnant de possibilidade para a integração de outras aprendizagens, no âmbito da emergência da matemática, dos processos colaborativos de análise, da linguagem como instrumento de comunicação" (Oliveira-Formosinho e Andrade, 2011, p.29).

No caso concreto do mapa do tempo este pode possibilitar a aquisição de diversas aprendizagens no que concerne à meteorologia, aos dias da semana, à escolha de atividades durante o recreio, entre outra

Anexo 3.27
Planificação curricular anual

Identificação da Instituição: Jardim-de-Infância do Bairro Padre Cruz

Educador Cooperante: Isabel Almeida

Nº de crianças: 19

Idades: 4 e 5 anos

Identificação do Estagiário: Ana da Silva Carrola

Ano Letivo: 2012/2013

Planificação Curricular Anual

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ¹	Calendarização (mês)
Área da Matemática Domínio: Números e Operações	1.O sentido do número - Contar sequencialmente até 10/20. - Associar quantidades até ao número 10. - Relacionar a adição com “+ objetos” e a subtração com “- objetos”.	- Leitura e exploração do livro “ Todos no sofá”. - Construção das personagens da história “Todos no sofá” (fantoques) para recontar a história. -Canção dos números – ”Bati à porta do número”	<u>Área da linguagem oral e abordagem à escrita</u> <u>Domínio:</u> Compreensão de discursos orais e interação verbal <u>Área das expressões:</u> <u>Domínio</u> Expressão plástica - desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação <u>Subdomínio:</u> produção e criação <u>Área das expressões:</u> <u>Domínio</u> Expressão musical - desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação <u>Subdomínio:</u> Interpretação e comunicação	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo (“gostei”, “não gostei” e “dificuldade”). - Observação da estagiária. - Observação da estagiária - Registo da adesão à aprendizagem da canção	Janeiro
	- Fazer correspondência biunívoca.	- Correspondência biunívoca na hora da		- Observação da estagiária. - Autoavaliação da criança que	Diariamente até ao final do

¹ Um dos procedimentos de avaliação diária serão os relatórios diários compostos por situações de aprendizagem/Rotinas, Metas, domínios e Conteúdos/assuntos abordados, deteção de situações críticas, descritivo e análise crítica /reflexiva e possíveis reformulações, autorreflexão, análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.

		distribuição do lanche da manhã.		executa a tarefa e registro escrito.	estágio
--	--	----------------------------------	--	--------------------------------------	---------

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ²	Calendarização (mês)
Domínio: Números e Operações	2. Classificação e Conjunto - Agrupar objetos segundo 2 ou 3 características	- Atividade motora: fazer conjuntos segundo características físicas das crianças	<u>Área</u> das expressões <u>Domínio:</u> Expressão motora <u>Subdomínio:</u> jogos	- Observação da estagiária - Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registro ("gostei", "não gostei" e "dificuldade").	Fevereiro
	- Definir um ou mais atributos para classificar objetos	- Construção de jogos matemáticos - Trabalhar com Blocos Lógicos	<u>Área</u> das expressões: <u>Domínio:</u> Expressão plástica – apropriação da linguagem elementar das artes <u>Subdomínio:</u> Fruição e contemplação/produção e criação	- Observação da estagiária - A utilização dos jogos na prática permitem avaliar a atividade da construção dos mesmos	Fevereiro
	- Distinguir objetos iguais e diferentes	- Elaboração de um cartaz sobre a reciclagem	<u>Área</u> do conhecimento do mundo <u>Domínio:</u> Dinamismo das inter-relações natural e social	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registro ("o que sabemos", "o que aprendemos").	Fevereiro

² Cfr. Nota de rodapé 1

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ³	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida	3. Seriação e Ordenação	Atividades realizadas com vários materiais como: matrioskas, colheres de medida, cubos de encaixe	Área do conhecimento do mundo <u>Domínio:</u> independência/autonomia	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo ("o que sabemos", "o que aprendemos"). - Observação da estagiária	Março
		Dança de roda	Área das expressões <u>Domínio:</u> dança – compreensão das artes em contexto <u>Subdomínio:</u> fruição e contemplação	-- Filmagem da atividade	

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ⁴	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida	4. Sequências e padrões - Reconhecer padrões simples - Reproduzir um padrão através de um modelo	- Encontrar padrões no dia-a-dia	Área do conhecimento do mundo' <u>Domínio:</u> Conhecimento do ambiente natural e social	- Observação da estagiária - Registo fotográfico	Março
		- Recriar padrões - Jogo de exterior com padrões	Área da expressão <u>Domínio:</u> motora	- Observação da estagiária - Registo fotográfico - Diálogo	Março

				Subdomínio: Deslocamentos e equilíbrios	
	- Explicar um padrão criado por si próprio	Criar padrões através da plástica- caixas de ovos/pintura; Materiais estruturados – blocos lógicos	Área das expressões: Domínio: Expressão plástica – desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Subdomínio: produção e criação	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo (“gostei”, “não gostei” e “dificuldade”). - Registo fotográfico	Abril

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ⁵	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida	5. Medidas - Compreender que os objetos (ingredientes) podem medidos, pesados ou contados segundo as suas características	- Fazer um bolo	Área do conhecimento do mundo Domínio: cooperação	- Observação da estagiária - Registo fotográfico Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo (“gostei”, “não gostei” e “dificuldade	Abril
	- Ordenar sequencialmente as fases da elaboração da receita - Utilizar na sua linguagem os números ordinais	- Escrever a receita - Dramatização	Área da linguagem oral e abordagem à escrita Domínio: Conhecimento das convenções gráficas Área das expressões: Domínio: dramática/teatro – desenvolvimento da criatividade Subdomínio: Experimentação e criação/Fruição e análise	- Observação da estagiária - Registo fotográfico - Avaliação feita pelas crianças (auto e hetero avaliação)	Abril
	- Perceber e saber utilizar uma unidade de medida para a medição do crescimento das plantas	Plantação /sementeiras: alpista, bolbos, trigo	Área do conhecimento do mundo Domínio: Conhecimento do ambiente natural e social	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo (“gostei”, “não gostei” e “dificuldade	Abril

⁵ Cfr Nota de rodapé 1

	- registrar numa tabela de dupla entrada corretamente as informações obtidas.	- Quadro de registo das sementinhas	Área da linguagem oral e abordagem à escrita <u>Domínio:</u> reconhecimento e escrita de palavras	- Observação da estagiária - Registo fotográfico	Abril
		- Canção "Sementinha"	Área das expressões <u>Domínio:</u> expressão musical- desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação <u>Subdomínio:</u> interpretação e comunicação	- Observação da estagiária	Abril

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação)	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida	6.- Noções espaciais - Perceber noções de perto/longe - Perceber noções de alto/baixo - Perceber noções de curto/comprido	- Visualização da história "Adivinha o quanto eu gosto de ti" em power-point	Área da formação pessoal e social <u>Domínio:</u> Convivência democrática/cidadania	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo ("gostei", "não gostei" e "dificuldade").	Maio

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação)	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida	7. Geometria - Identificar círculo, quadrado, triângulo e retângulo	- Lengalenga das figuras geométricas - Dança livre e orientada	Área da linguagem oral e abordagem à escrita <u>Domínio:</u> Consciência fonologia Área das expressões:	- Filmagem da atividade	Maio

		(representar figuras geométricas com o corpo)	<u>Domínio:</u> dança – apropriação da linguagem elementar da dança <u>Subdomínio:</u> Conhecimentos e vivência das danças		
	-Reproduzir formas geométricas	Criações plásticas/corporais com e sobre as figuras geométricas	<u>Área das expressões</u> <u>Domínio:</u> Expressão motora <u>Subdomínio:</u> deslocamentos e equilíbrios	- Observação da estagiária - Registo fotográfico	Maio
	Diferenciar quadrado de retângulo	- História. "Ildinha e Maximiliano" - Atividades / jogos no computador	<u>Área das tecnologias de</u> informação e comunicação <u>Domínio:</u> informação	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo ("gostei", "não gostei" e "dificuldade"). - Observação da estagiária	Maio

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ⁶	Calendarização (mês)
Domínio: Organização e tratamento de dados	8. Organização e tratamento de dados - Colocar questões e participar na recolha de dados	- Criação de um questionário com três perguntas e sua aplicação	<u>Área</u> da linguagem oral e abordagem à escrita <u>Domínio:</u> Conhecimento das convenções gráficas	- Observação da estagiária - Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo ("o que sabemos", "o que queremos saber", "o que aprendemos").	Maio
	- Organizar os dados	- Tratamento das respostas		- Registo fotográfico	Junho

⁶ Cfr Nota de rodapé 1

	numa tabela - Interpretar a tabela	e construção de um gráfico. - Construção de um gráfico através do computador	Área das tecnologias de informação e comunicação <u>Domínio: Produção</u>	- Balanço das atividades no final da manhã: diálogo e registo (“gostei”, “não gostei” e “dificuldade”).	
--	--	--	---	--	--

Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências	Situações de aprendizagem/ Estratégias	Operacionalização Transversal das Metas Domínios e Subdomínios	Avaliação (tipos e instrumentos de avaliação) ⁷	Calendarização (mês)
Domínio: Geometria e medida 9. Resolução de problemas -Descrever a posição dos objetos em relação a algo (em cima/em baixo; ao lado de;) - Resolver situações concretas através de opiniões ou desenho		- Construção de um puzzle - Utilização de material estruturado: Tangram - “ Como vamos resolver?” : situações que surjam em diálogos; histórias...	Área do conhecimento do mundo <u>Domínio: Localização no espaço e no tempo</u> Área do conhecimento do mundo <u>Domínio: Conhecimento do ambiente natural e social</u>	- Registo fotográfico - Diálogo e registo	Junho A decorrer ao longo do ano sempre que surjam situações para solucionar

Duração de: ____/____/____ até: ____/____/____

Observações:

Avaliação do Plano Curricular (a preencher no final do 2º período e no final do ano lectivo)	DIFICULDADES OBSERVADAS/SENTIDAS	
	Estagiária	Crianças
Competências não desenvolvidas:		
Conteúdos não desenvolvidos:		

AValiação: __/__/__ a __/__/__

A estagiária _____

Anexo 4.28
Registo fotográfico



Anexo 4.29
**Registo escrito da avaliação das crianças sobre as atividades que gostaram mais de
realizar ao longo do ano**

“ Gostei de fazer desenhos, pintar e fazer os animais. Gostei de tudo.” – L.

“ Gostei de aprender o corpo humano e plantar as flores. Não gostei de me portar mal às vezes”. – B. B.

“Gostei de pintar com as bolinhas (berlindes), montar o corpo humano e plantar as flores. Mas também gostei do resto”. – B.S.

“Gostei de fazer as cercas, de mexer na terra e de dizer rimas e de brincar com o esqueleto.” – D.

“Gostei de pintar a folha com os berlindes. Não gostei das simetrias, pois era muito difícil” – I.

“ Gostei muito do Elmer e de fazer os animais de todos no sofá. “ – L.M.

“ Gostei mais das lengalengas e não gostei das simetrias porque era muito, muito difícil. Gostei de pintar com os berlindes e adorei o esqueleto.” – D.J.

“ Gostei muito de montar o Elmer, de fazer padrões e de me pesar na balança da cozinha e medir” – T.

“Gostei de aprender tudo e fazer tudo.” – D.S.

“ Gostei muito dos padrões, das medidas e de pesar coisas nas balanças. Foi muito bom mexer nos ossos.” – N.

“ Gostei do coração e da cabeça e dos ossos.” – F.

“ Gostei de fazer o quadrado com os amigos no chão e de fazer padrões com as garrafas e de pintar e desenhar.” – L. S.

“Eu aprendi muitas coisas e gostei de tudo.”- B.

Anexo 4.30
Registro fotográfico

25 de Abril



RECICLAGEM

O QUE SABEMOS

- Reciclar papel, plástico e pro (Lidia Abadi)
- As latas do feijão e das salsichas lavam-se e reciclam-se (Lidia Silva)
- Recicla-se o papel (Mafu)
- As garrafas de plástico (Afonso Oliveira)
- Temos que reciclar para o Terra não ficar sujo (Andréia)
- As pilhas vão para o pilhão, que é vermelho. (Afonso Braga)
- Quando as pilhas estão o reciclar podem reciclar em casa (Lidia Braga)

O que queremos saber

- Os Garrafas vão para que caixa? (Lara Silva)
- Os pacotes de leite e de sumo vão para o plástico ou para o papel? (Bruna)

Gostamos

- gosto de fazer o cartão da residência (curva).
- gosto de fazer o trabalho e sala (Armando Oliveira).
- gosto muito de trabalhar e mexer nas coisas (Armando Oliveira).
- gosto de fazer o cartão da população que é civil (muito).
- gosto de fazer o trabalho e fazer o curso com o meu grupo (Diego).
- gosto de trabalhar ao pé das crianças e cuidar (Diego).
- gosto.

o que aprendemos

- O pai e o tio para beber
- Já e não para o almoço.
(Amado Amado)
- Os irmãos chegaram ao para
o lixo comum (Amado Amado)
- As casas de banana vão dar
o caixote preto (Amado Amado)
- Os pais quando bebem vai
vao para o caixote amarelo
(Lara Lima)
- Os leitos, pães no caixote
amarelo (Amado Amado)
- Aprendi a decidir (Wani).
- Decidir os laços para fazer
coisas novas. (Amado)
- Os comandos vão para o
caixote preto, do lixo
normal. (Beto)

Como fazemos:

- colocamos a terra no vaso e colocamos as sementes de ervilha, feijão, lentilha, milho, etc.
- regamos;
- colocamos as etiquetas com os nomes;
- Também plantamos flores, amarelas, vermelhas, etc.
- antes pintamos os garrafinhas para servir de vaso.

Semeamos:

• milho

• feijão

• lentilha

13-05-2013

3

• amarelas

• vermelhas

• feijão

15-05-2013

Plantamos:

• milho

• feijão

• lentilha

• amarelas

• vermelhas

• feijão

• milho

• feijão

• lentilha

• amarelas

• vermelhas

• feijão

• milho

• feijão

• lentilha

• amarelas

• vermelhas

• feijão

• milho

• feijão

• lentilha

• amarelas

• vermelhas

• feijão

• milho

• feijão

• lentilha

• amarelas

• vermelhas

• feijão

• milho

Anexo 4.31
Registo fotográfico



Anexo 4.32
Apresentação dos dados da aplicação final da lista de verificação de competências

Este quadro apresenta o nº de crianças que têm desenvolvidas, em desenvolvimento ou não desenvolvidas algumas das competências referidas na lista de verificação de competências aplicada ao grupo (Anexo 3.18), por áreas de conteúdo e respetivos domínios exceto na área da matemática, pois realizada uma avaliação mais concreta nesta área dado ser a área prioritária.

Áreas de conteúdo	Desenvolvido	Em desenvolvimento	Não desenvolvido
Formação pessoal e social			
- Identidade/ Autoestima	16 Crianças	3 Crianças	
Independência / Autonomia	13 Crianças	6 Crianças	
-Cooperação	17 Crianças	2 Crianças	
- Convivência Democrática/Cidadania	15 Crianças	4 Crianças	
-Solidariedade/Respeito pela Diferença	14 Crianças	5 Crianças	
Expressões			
- Plástica	16 Crianças	3 Crianças	
- Dramática/teatro	13 Crianças	6 Crianças	
- Musical	16 Crianças	3 Crianças	
- Dança	19 Crianças		
- Motora	17 Crianças	2 Crianças	
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita			
- Consciência Fonológica			
- Reconhecimento e Escrita de Palavras	16 Crianças	3 Crianças	
- Conhecimento das Convenções Gráficas	15 Crianças	4 Crianças	
- Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal	19 Crianças		
Conhecimento do Mundo			
- Localização no Espaço e no Tempo	15 Crianças	4 Crianças	
- Conhecimento do Ambiente Natural e Social	15 Crianças	4 Crianças	
- Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social	14 Crianças	5 Crianças	
Técnicas de Informação e Comunicação			
- Informação	-	-	-
- Comunicação	-	-	-
- Produção	-	-	-
- Segurança	-	-	-

Anexo 4.33
Registo Fotográfico

Fiquei em casa a brincar as
professuras. eu era a professora
e as meninas eram os brinqu-
dos. Fui à rua com o meu
irmão andar de bicicleta.

28-01-2013



Anexo 4.34
Registo Fotográfico

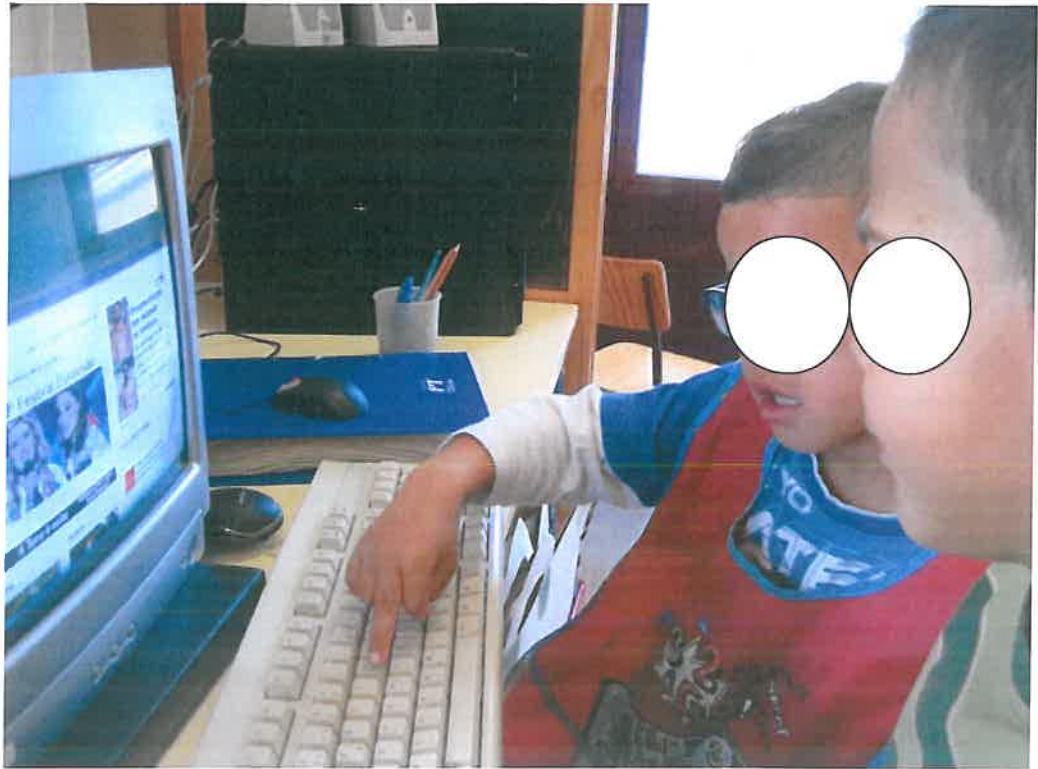


Anexo 4.35
Lista de Verificação de Competências da Área da Matemática

[illegible]

OBSERVAÇÕES:

Anexo 4.36
Registo fotográfico



Anexo 4.37
Apresentação dos dados da aplicação no final do ano da lista de verificação de
competências da área da matemática

Este quadro pretende ilustrar o nº de crianças do grupo que tem as competências desenvolvidas, em desenvolvimento ou não desenvolvidas especificamente na área da matemática. Estes resultados advêm da aplicação no final do ano letivo de uma lista de verificação de competências na matemática, área prioritária, trabalhada ao longo do estágio

Área de conteúdo	Desenvolvido	Em desenvolvimento	Não desenvolvido
Matemática			
- Números e operações	16 Crianças	3 Crianças	
- Geometria e medidas	14 Crianças	4 Crianças	1
- Organização e Tratamento de Dados	10 Crianças	6 Crianças	3